REVISTA DA SEMANA

Nº 13  1-4-50 Cr$ 3,00 em todo o Brasil



NO TEXTO:

SÃO PAULO É LOGO ALI...



SUA MAJESTADE - O TRIGO

SENSACIONAL!

INÉDITO NA IMPRENSA ESPORTIVA DO BRASIL

o ANUÁRIO de ESPORTE Ilustrado



70 PÁGINAS -- Cr$ 10,00

O TIME DO VASCO EM TRÊS CÔRES (32,5x47) -- PÁGINA SÔLTA

À VENDA -- SEXTA-FEIRA -- 7 DE ABRIL

SÃO PAULO É LOGO ALI...

CELESTINO SILVEIRA



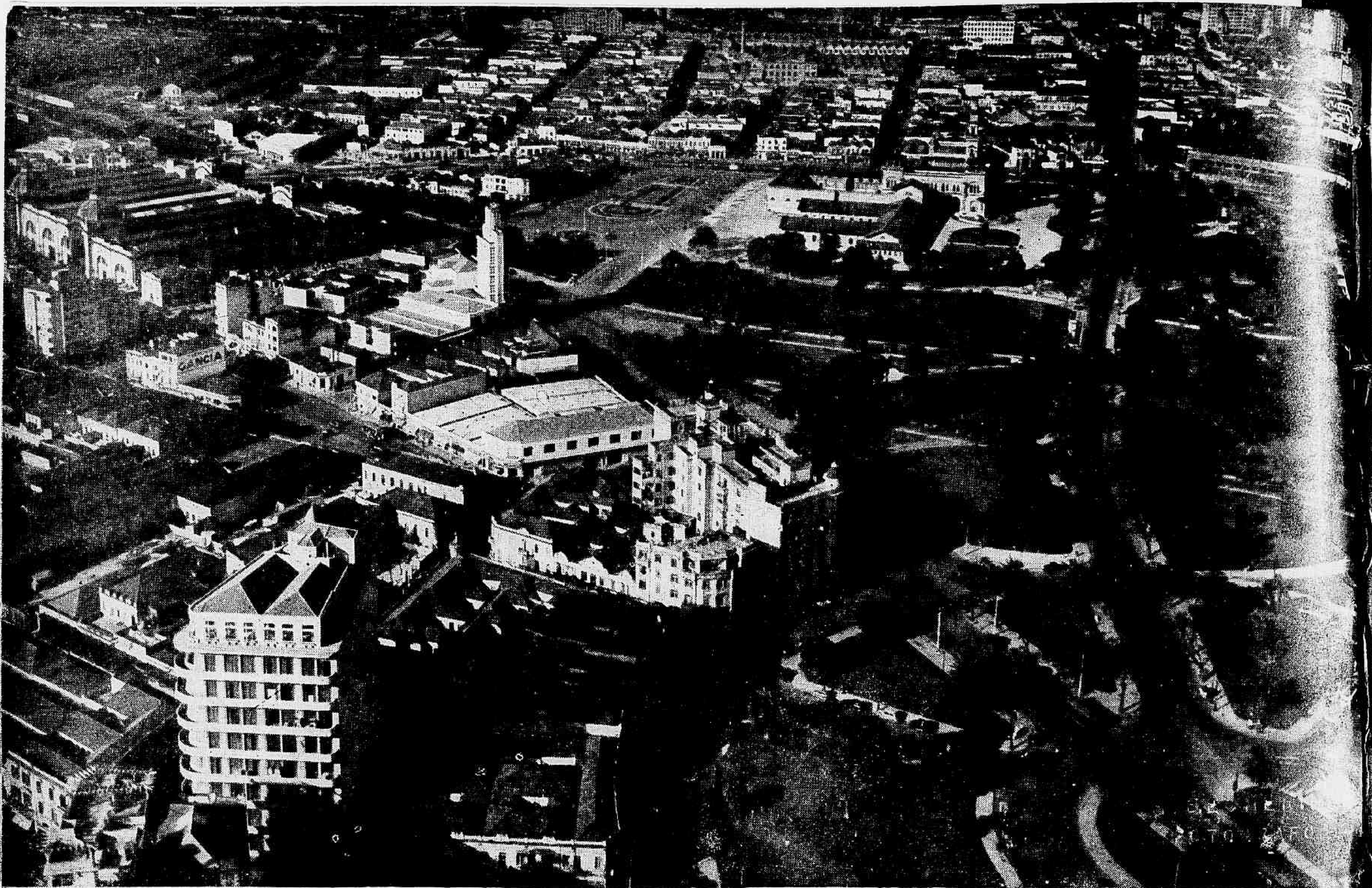
ÉRA assim antigamente: premeditava-se uma viagem a São Paulo com dias de antecedência. Tudo começava com uma preparação de ordem psicológica e antes de mais nada era preciso nos habituarmos à idéia de uma viagem. Não a uma longa e fastidiosa viagem de noites e dias seguidos, mas, na melhor das hipóteses, de doze horas. E quando passada a metade de uma noite ou de um dia nos encontrávamos na estação do Norte, era uma sensação de felicidade. Não raro, as doze multiplicavam-se por vinte e quatro horas e a ninguém assistia o direito de reclamar. Reclamar de quem se não havia outro recurso?

Certo dia, o país inteiro acôrdou espantado: um homem chamado Edu Chaves estava disposto a fazer êsse percurso pelos ares! Meteu-se a idéia na cabeça do aviador paulista, o jornalista Irineu Marinho resolveu prestigiá-la dentro do "slogan" que o seu jornal adotara — "Dêem asas ao Brasil!" — e lá foi o "ás" intrépido, céus a fora, daqui para Piratininga... Passaram-se as horas, um dia inteiro — e não houve notícias do desbravador de espaços. Ruidosas "manchettes", num tempo em que os vespertinos ainda não adotavam "manchettes", puseram aos saltos o coração dos brasileiros. Que se passara com o aviador dos óculos de tartaruga? Por onde andaria êle, de quem não se conseguia apurar o menor vestígio de vida?

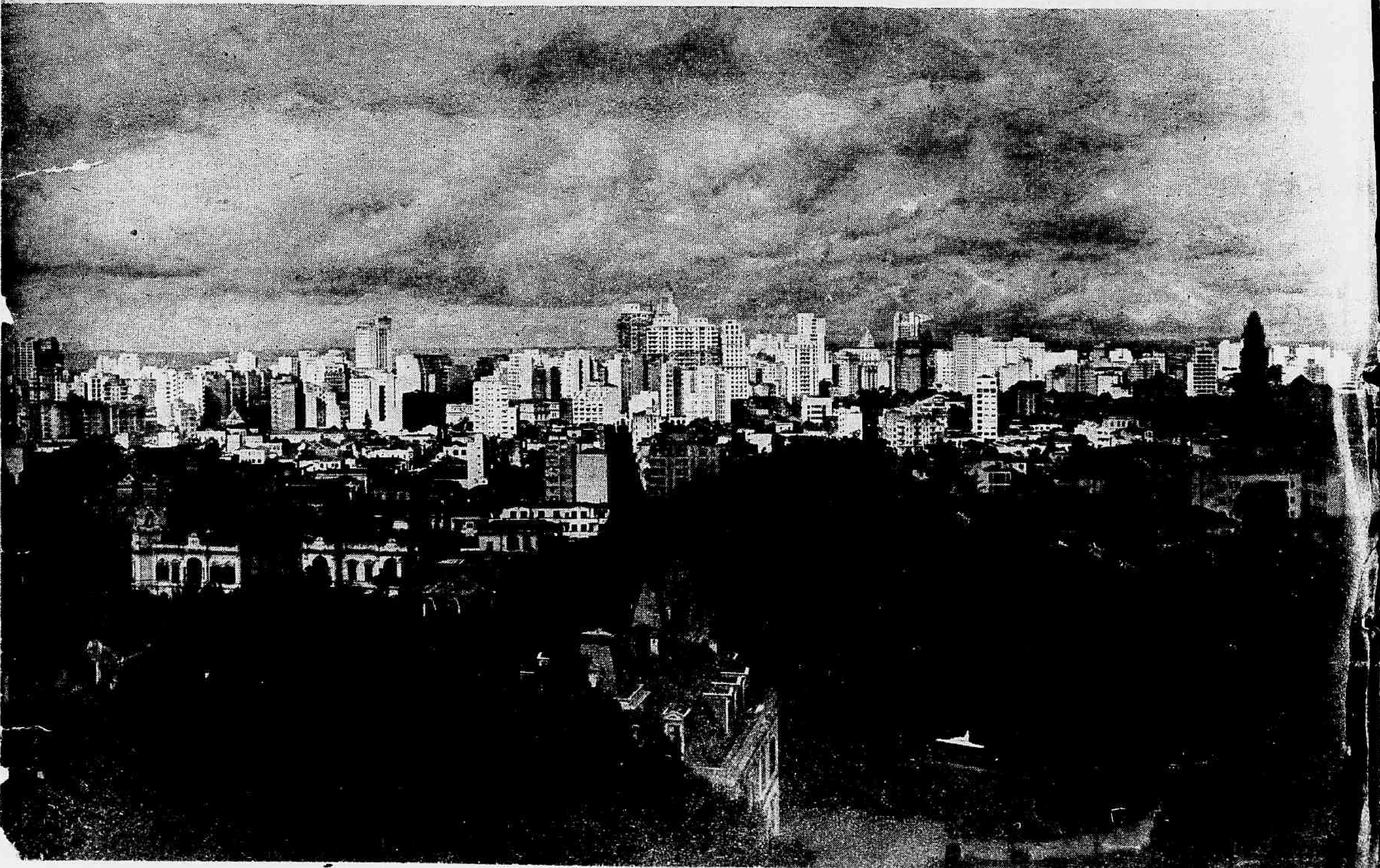
Comitivas de pesquisadores meteram-se nas matas, gemeram os fios telegráficos, e como ainda não se falava pelo telefone do Rio para São Paulo, nem havia estrada de rodagem, pouco mais se pôde fazer. Já se dava Edu Chaves como desaparecido de uma vez por tôdas quando, milagrosamente, êle surgiu; havia caído com o seu aeroplanosinho — que hoje

JÁ SE PODE fazer uma viagem a S. Paulo, via aérea, em uma hora, conquanto normalmente os aviões da carreira o façam em 90 minutos. Com bom tempo, essa travessia é mais rápida do que o percurso do aeroporto a um bairro distante, no Rio ou em S. Paulo. Dezenas de viagens são empreendidas, diàriamente, transportando milhares de passageiros





NOTÁVEL e surpreendente é o desenvolvimento de S. Paulo. Quem deixa de visitá-lo pelo espaço de um ano, quando volta a fazê-lo, não raro, perde o ponto de referência fora do perímetro central. E o conjunto da metrópole, visto do alto, começa a ganhar proporções de relêvo sòmente comparável com Nova York, Chicago... e Rio de Janeiro, é claro!



todos julgam "de brinquedo" — e ainda bem que saíra ileso. Mas do aparelho pouco restou.

Como vai longe êsse tempo! E que transformação monumental essa por que passou a aviação desde o primeiro e malogrado "raid" Edu Chaves, levado a efeito ainda antes da primeira Grande Guerra!

★

Havia também, naquele tempo, o recurso da viagem marítima. Pasme o leitor dêstes dias super-atômicos em que os céus andam cobertos de discos voadores! Faz pouco mais de trinta anos, era frequente a um dinâmico homem de indústria, para tomar conhecimento de seus negócios em São Paulo, comprar passagem em vapor do Lloyd ou da Costeira e viajar vinte e quatro horas a bordo de um barquinho oscilante, para ir dar com os costados em Santos. Não raro essas vinte e quatro horas sofriam um agravo de mais dez ou doze. E de Santos, era então preciso utilizar o trem-de-ferro para subir a serra...

Decididamente não constituía um prazer dos deuses ir com frequência à terra bandeirante. E para ir, só mesmo sem tempo contado. Nunca se poderia saber o que nos aguardava essa penosa viagem.

★

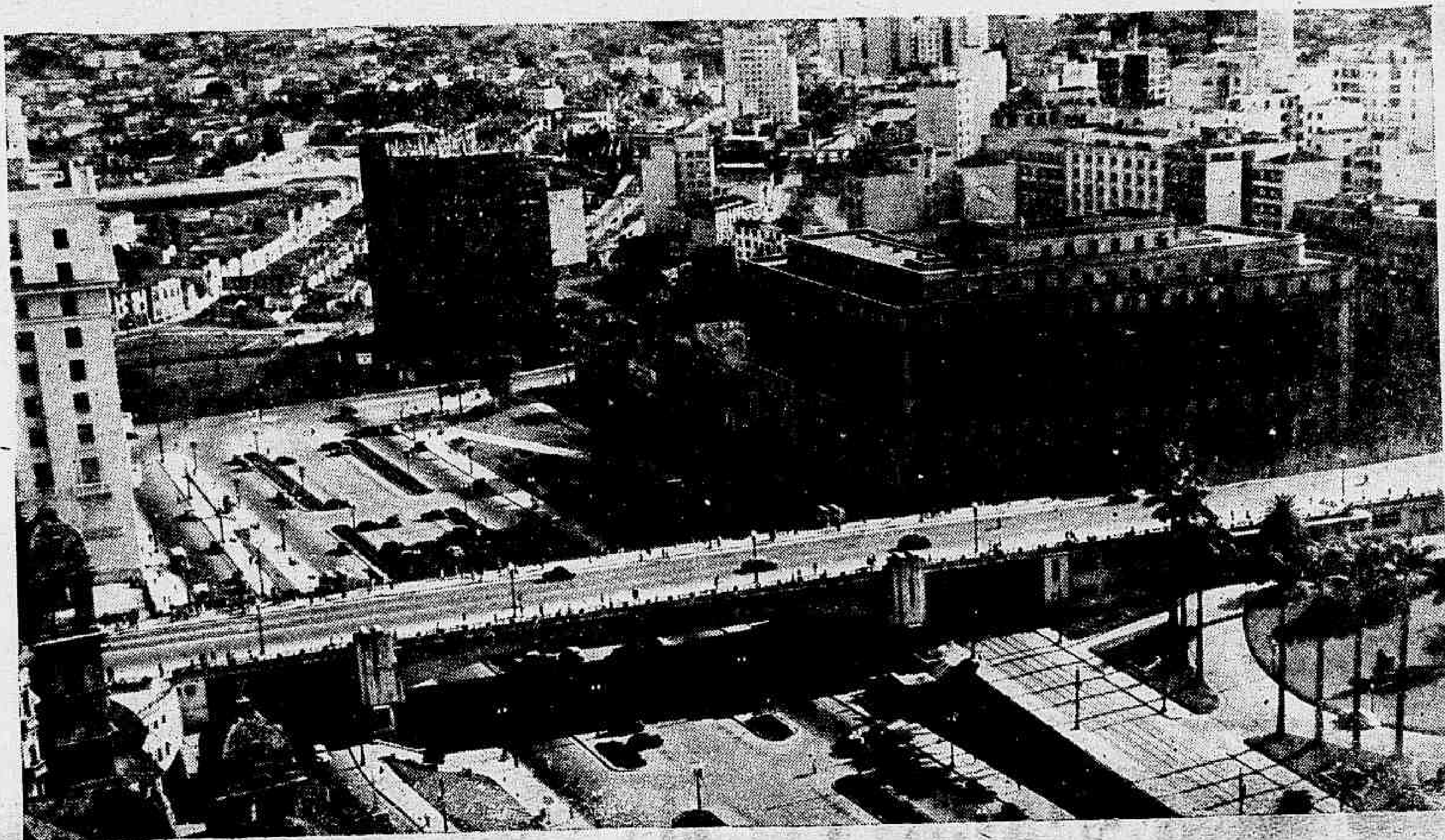
Depois tudo foi melhorando aos poucos. Vieram as linhas aéreas comerciais, a princípio diretas do Rio a Santos, sem dar confiança à capital paulista, "devido à montanha", como se dizia. Essa viagem era então feita no tempo "record" de duas e meia a três horas, quando o tempo fazia o bom camarada.

Hoje acabou sendo o que se vê: São Paulo de tão ligada pelo ar à capital da República, quase não passa de um prolongamento da terra carioca. Mais de uma centena de vôos são feitos em cada dia, e muitos deles durante a noite. Já nos foi dado o ensejo de vencer o percurso em quarenta e cinco minutos, embora o tempo normal para a viagem ainda seja o dôbro. A "gare" do aeroporto tem um movimento superior à da Central naqueles dias prehistóricos. Pouca gente compra passagem de véspera, porque a qualquer hora é fácil adquirí-la ali mesmo, nos balcões das agências de tantas companhias. E os aparelhos levantam vôo sem solenidade, como quem vai simplesmente fazer uma viagem de ônibus para um arrabalde mais distante. Também o aparato das despedidas, a comoção de "quem parte deixa saudades", está passando de moda. Só os passageiros de primeira viagem ainda se fazem acompanhar da prole para trocar efusivas despedidas, com abraços e lágrimas que embargam a voz, quando se vai a S. Paulo. Porque S. Paulo está mais perto, o avião encurtou as distâncias, São Paulo está logo ali, depois de uma hora e pouco de viagem.

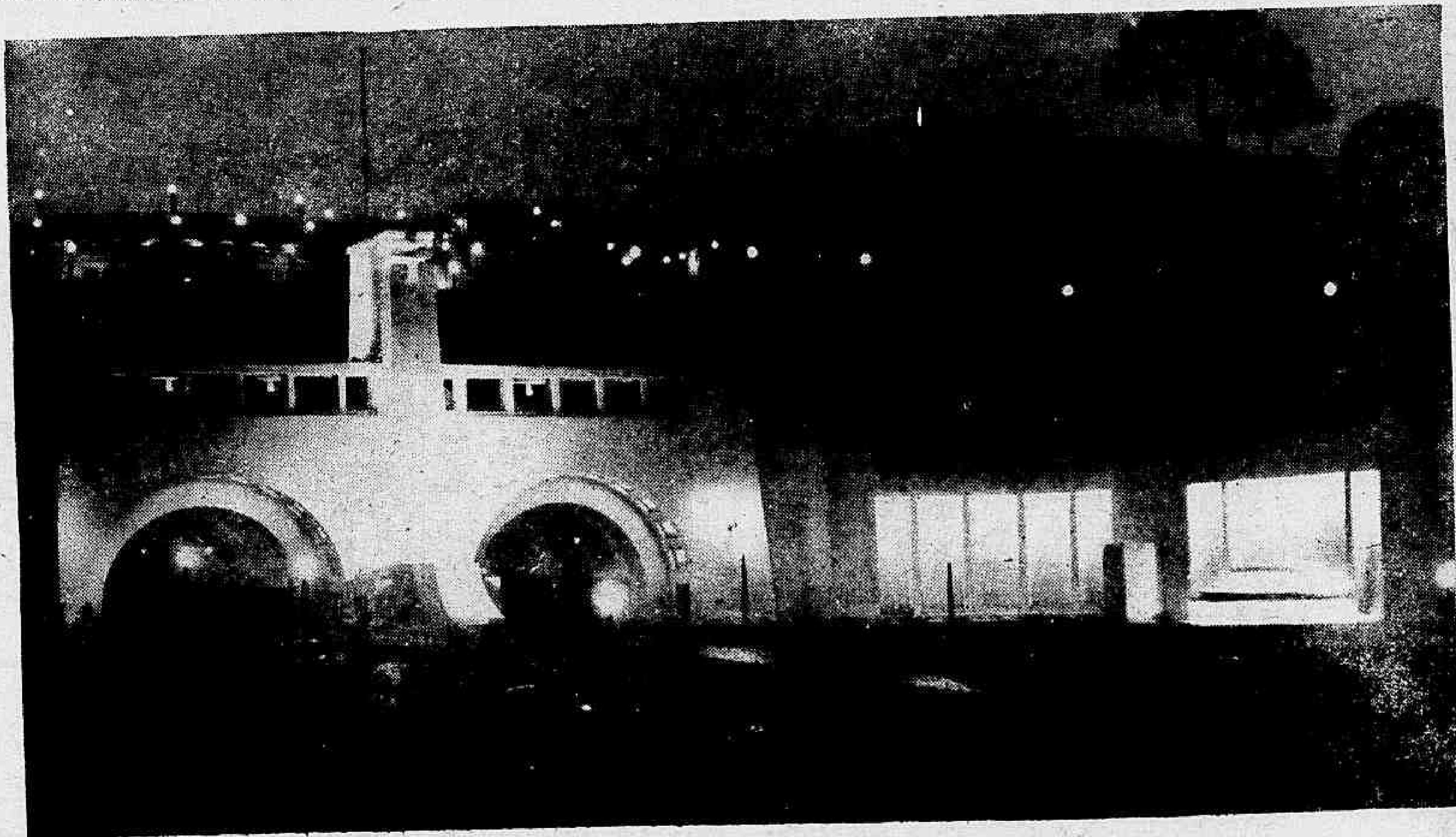
E viagem que se faz sem perceber. Mal dá tempo para ler os últimos jornais, saborear o cafèzinho de bordo, dar um cochilo suavizado pelo trepidar dos motores — que ajudam a ferrar no sono e "abafam" o ronco dos ressonadores — pronto, já nos encontramos em Congonhas, que por sinal anda em fase de reconstrução, para tornar-se talvez o maior aeródromo do continente, muito breve.



O VIADUTO DO CHÁ, em flagrante obtido do Anhangabaú, num fim de tarde luminoso. Lá em cima o trânsito é impressionante, o mesmo acontecendo em baixo, onde fazem ponto os ônibus para quase todos os pontos da cidade. Tudo na Paulicéia é grandioso



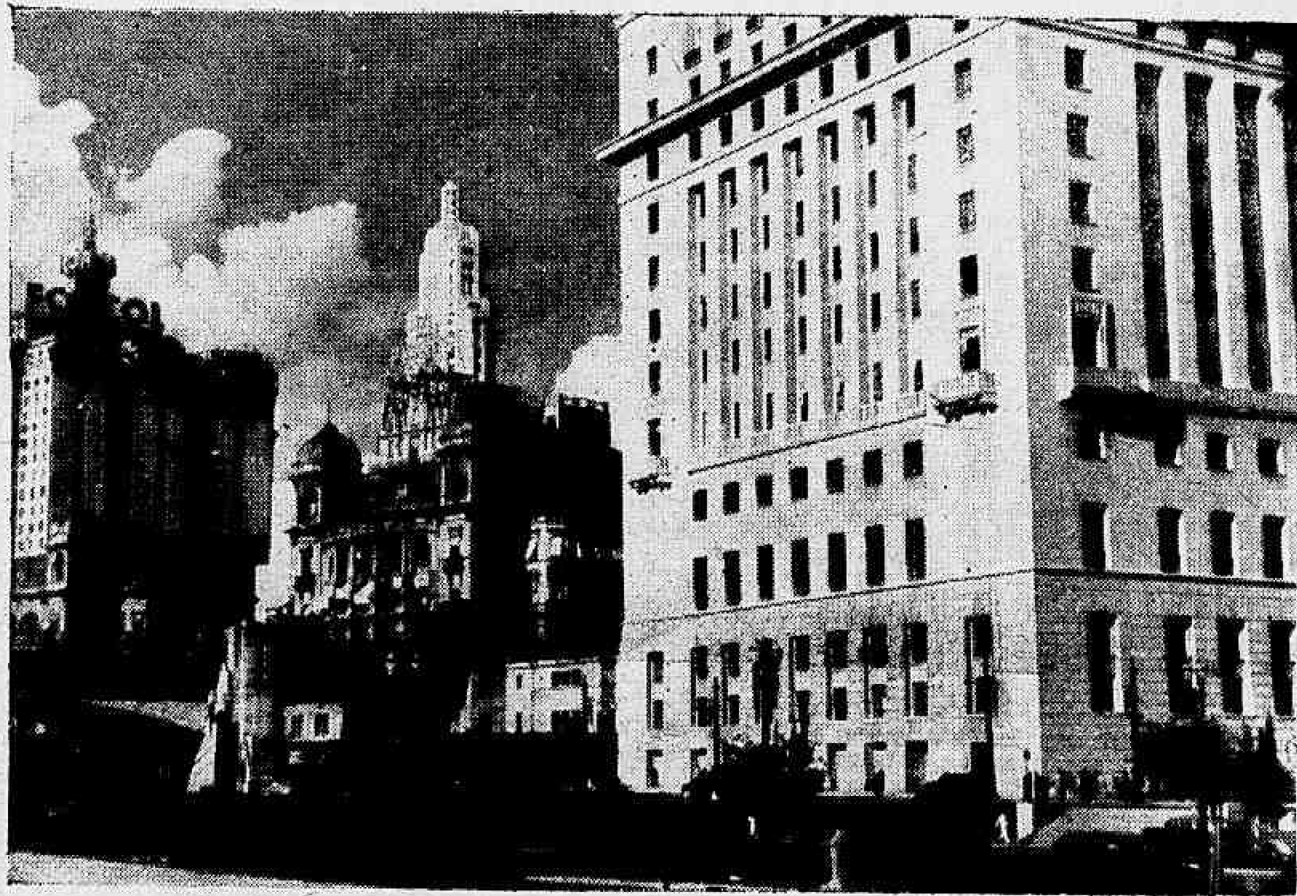
E A CIDADE CRESCE cada vez mais. Aqui está o Viaduto do Chá em instantâneo tomado do tôpo do arranha-céu do Banco de São Paulo, ainda o maior da metrópole paulista. Observe o leitor até onde se estendem os prédios altos, já bem para lá do centro



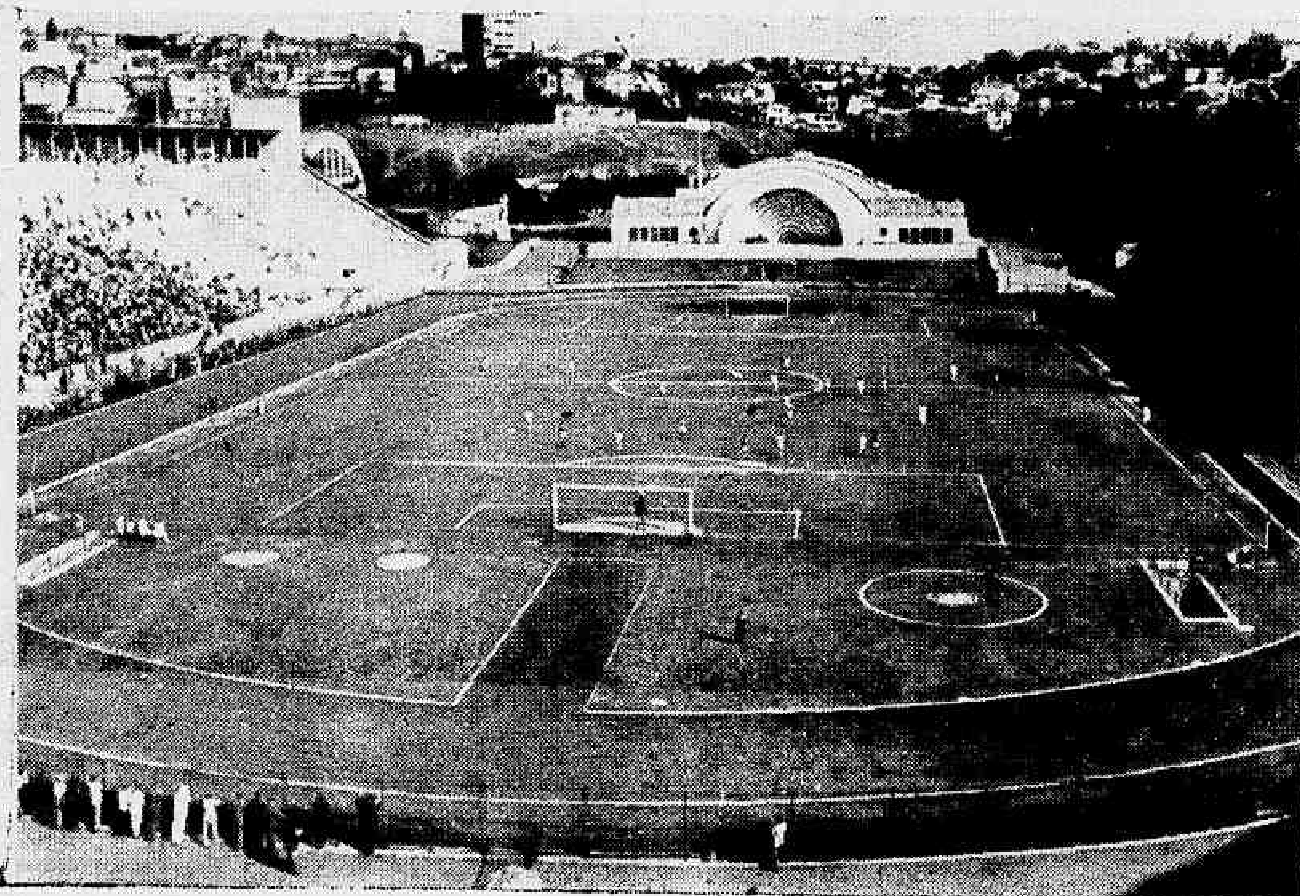
TÚNEL NOVE DE JULHO com seu aspecto feérico e as duas imponentes bocas, por onde transitam milhares de veículos e pedestres. Para lá ficam os bairros residenciais, espraiando-se S. Paulo num surto maravilhoso e cada vez mais valorizando os terrenos



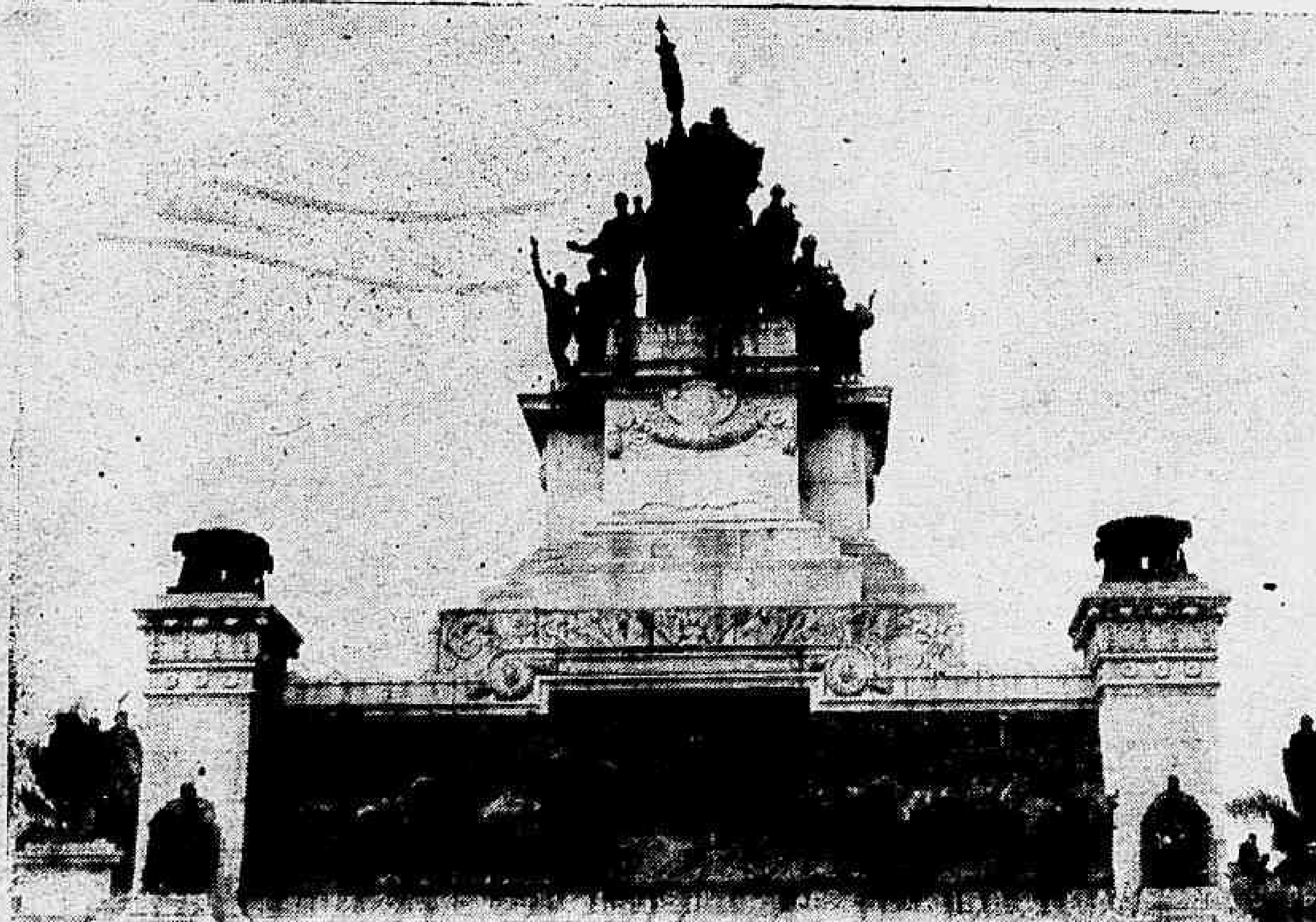
PACAEMBÚ, o estádio municipal de Piratininga, em cujo gramado memoráveis jogos de futebol se têm realizado. Ali foi batido o "record" de bilheteria no último encontro para a conquista do título de Campeão Brasileiro de 1950, com uma receita superior a 1 milhão e 200 mil cruzeiros. Na gravura um aspecto da entrada, numa noite de grande jôgo



DETALHE da capital bandeirante tomado da base do Anhangabaú, junto ao edifício Matarazzo, cuja altura aqui não é realçada porque está o prédio situado na parte baixa



CINQUENTA MIL pessoas podem instalar-se nas arquibancadas do Pacaembú. êsse aspecto foi obtido em tarde de jôgo menos interessante, por isso de menor frequência



MONUMENTO DA INDEPENDÊNCIA, às margens do Ipiranga, um dos mais imponentes do país. Ao fundo, o Museu, que a gravura não mostra. Ali foi dado o grito da libertação



REPRODUÇÃO em baixo relêvo, do quadro de Pedro Américo, que se encontra no monumento do Ipiranga. O original da famosa tela pode ser visto no grande Museu

Vai-se a São Paulo com facilidade maior do que se vence o percurso dos subúrbios para o trabalho — e não há o perigo dos pingentes. Com frequência sái-se de casa duas horas antes, para fazer uma travessia aérea que não vai alem da metade dêsse tempo. E não nos surpreendeu, uma tarde destas, em conversa com o vizinho de poltrona num avião da Cruzeiro, quando êle nos disse:

— Diabo! Hoje estou um pouco atrasado e preciso estar de volta para o jantar antes das nove...

O homemzinho, segundo apuramos depois, tem residência efetiva em S. Paulo, mas dá conta do expediente de suas fábricas aqui no Rio. Pela manhã, cedo, com tôda displicência dá o beijo convencional na testa da espôsa e o "até logo" do costume. Ela se deixa ficar no leito até mais tarde. Por volta das dez recebe a telefonema pontual, do Rio. E' o marido perguntando se tudo vai bem em casa e se quer que leve alguma coisa.

— Pode trazer peixe fresco, meu bem. O peixeiro não veio hoje...

E à noitinha, com o embrulho da encomenda doméstica, lá está êle regressando ao lar, depois de um exaustivo dia de labor ali num arranha-céu da Esplanada...

★

São Paulo é a cidade que não surpreende simplesmente porque ao visitá-la tudo esperamos. E de espírito prevenido, por maiores que sejam os empreendimentos, e mais arrojados, calam em nosso espírito à maneira das novidades já esperadas: novas, amplas e bem traçadas avenidas, monumentais casas de espetáculos — ali vêm de ser inaugurado o mais moderno e confortável teatro da América do Sul, por iniciativa da sra. Ester Mesquita — edificações cuja massa giganteca de cimento e ferro se ergue para o ar, como a querer apregoar, mais alto, sempre mais alto o predomínio da terra. Tudo maravilhoso — mas já esperado.

E a população cresce, e o trânsito vai na mesma proporção, mas as ruas alargam-se para dar passagem a maior número de pessoas e de automóveis.

Pormenor curioso: em São Paulo — nas ruas, nos cafés, nos teatros — poucos falam de política. Aparentemente, êsse povo não toma conhecimento dos fatos de cada dia, e se à distância nos parece que o governador Ademar de Barros há de estar sendo motivo de amplas controvérsias, lá dentro de São Paulo nos decepcionamos: o homem paulista quer trabalhar durante a semana fugindo para a montanha, para a praia, para a fazenda, em chegando o "week-end". E a mulher paulista, essa então, para vê-la, é preciso saber onde. Porque ela não se perde em ruas de movimento e comércio. Mas as "boites", os teatros e os cinemas, são o ponto de enconto da melhor sociedade.

★

Por tudo isso, paulistas e cariocas estão se conhecendo melhor, como dois irmãos que moram vizinhos. Os jornais circulam quase simultaneamente lá e cá. Os homens de negócio vão dar conta de seus afazeres na rua Direita e voltam horas mais tarde a Copacabana, sem se ufanarem de ter feito uma viagem aérea. Porque andar de avião está passando de moda, quando tôda gente espera não morrer sem conhecer as delicias de uma excursão inter-planetária.

Paulistas e cariocas irmanam-se e confraternizam. Salvo quando se realiza um jôgo de futebol entre as equipes rivais. Aí tudo muda de figura.



CICLÓPICA visão da capital paulistana, obtida do início da Avenida São João. Vemos, ao fundo, o mais alto edifício da cidade — a sede do Banco São Paulo

REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 13 ★ 1-4-50

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

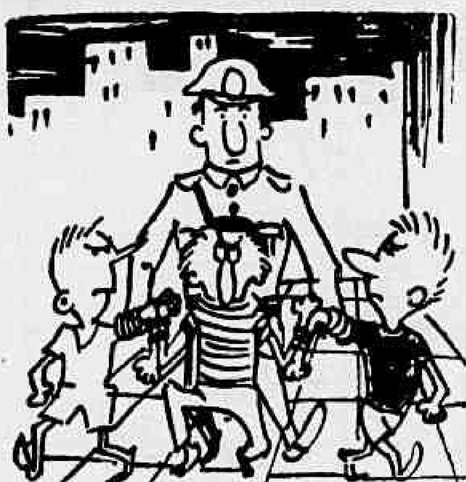
Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

MENORES DELINQUENTES



Por que motivo há menores delinquentes? Fica-se a meditar na existência de meninos de 12 a 15 anos já afeitos ao crime, com tôdas as características de malandragens escoladas, em uma idade em que é o espírito um halo de inocência e a vida um sonho de ternuras. Dizem que a criança furta, mente, delinque por imitação e que a literatura de quadrinhos e os maus filmes contribuem para tais perversões. Será mesmo verdade? Não sucede, entretanto, que os filmes de "gangsters", de salteadores, de criminosos, sempre acabam com a vitória da virtude sôbre o vício e os bandidos pagando com a vida ou na cadeia todos os atos maus que praticaram? Será que os meninos que vêem êsses filmes só se impressionam com o lado mau, deixando de parte o bom, o do "mocinho"?

O assunto é muito vasto e exige meditação, experiência, análise psicológica em multidões de acôrdo com o meio ambiente, o nível social, os recursos econômicos e financeiros da sociedade. Mas o mal existe e se agrava dia a dia. Veja o leitor o que se passou em Pôrto Alegre, recentemente. A polícia da capital gaúcha conseguiu prender uma quadrilha de menores delinquentes, responsáveis por vários furtos e até mesmo por arrombamentos que se vinham verificando naquela cidade. Foram presos quatorze menores, ficando esclarecido o mistério de diversos furtos e roubos registrados na capital do Estado do Rio Grande do Sul. Foi apreendida grande quantidade de relógios, roupas, medalhas, anéis e outros objetos de valor. A crianaçada trabalhava para um sujeito de nome Osvaldo Bernardes, o "Intrujão", que recebia os furtos e pagava aos pequeninos ladrões, revendendo aos incautos. Mas um dia...

E êsse dia chegou.

"FUI ROUBADO!"



Marino Marsonete chegara ao Rio naquele dia 12 de março, um belo domingo. Desejando mandar notícias à família, foi aos Correios e Telégrafos e entrou na fila, pacientemente, na qual encontrou vários companheiros de viagem do "Conte Grande".

Era numerosa a multidão dos que precisavam comprar selos, mandar dinheiro, receber encomendas, expedir telegramas. Marino estava também habituado a tais situações, e, por isso, não fêz cara feia quando se viu apertadinho entre duas lindas morenas que também entraram na fila para os mesmos fins.

Em certo momento êle notou que as duas garotas o estavam apertando muito, convertendo-o numa espécie de sanduíche postal-telegráfico; mas, como era grande a quantidade de gente, o caso foi tolerado.

O rapaz era gentil e não estrilou. Aquêle incômodo seria apenas por uns minutos, aliás agradáveis em companhia de tão belas "muchachas", como estava dizendo lá com seus botões.

Entretanto as duas moreninhas não iam comprar selos nem passar telegramas. O que elas queriam era o dinheiro que estava na carteirinha do rapaz viajante. E, num daqueles apertos macios, lá se foi o dinheiro de Marino.

Quando chegou ao guichê para pagar o telegrama, não encontrou a carteira. Correu para ver se ainda alcançava as mocinhas delicadas; elas estvam justamente tomando um auto na praça Mauá, cujo número era 4-34-26.

Só lhe viu o número. Quanto à carteira... criou asas e anda por êsse Rio imenso nas mãos delicadas daquelas duas gentis clientes de selos e telegramas.

Com seu desejo de dar notícias à família, o rapaz perdeu dois mil pesos para êle. Muito pêso para o desgraçado...

ARACAJU FÊZ ANOS



A capital de Sergipe é uma das pequeninas capitais do Brasil. E' pequenina, mas graciosa, limpinha, civilizada. Possui muitos estabelecimentos de ensino e já teve a glória de reunir em seu centro a mais bela equipe de esperantistas do país.

Aracaju é plana, arenosa, banhada pelo Cotinguiba, cidade que roubou à de S. Cristóvão a coroa de capital do Estado. Seu maior inimigo inimigo é o mar, que, em cumplicidade com a areia, lhe entope a barra e proíbe que navios entrem no pôrto, mesmo os de pequeno calado.

Quando algum político deseja conseguir votos dos sergipanos, a primeira coisa que faz é prometer conseguir uma draga para abrir o canal da barra. E' verdade que depois de eleito e empossado já não se lembra mais se há barra em Sergipe, se existe draga neste mundo e mesmo se há cidade com o nome de Aracaju...

Pois bem. Essa cidade acaba de fazer anos. Completou a 17 de março o seu 95.º aniversário de fundação. Como não podia deixar de ser, foi recretado feriado municipal. Nem a indústria, nem o comércio, nem estabelecimentos de ensino funcionaram. Mas não houve festas, o que sempre dá despesas, e o dinheiro do erário é sempre reservado para a dragagem da barra.

Entrementes, como, de qualquer forma, era preciso festejar o evento, organizaram os aracajuenses uma partida de futebol entre um clube local e outro da Bahia. O da Bahia era o campeão do Estado, portanto, rival muito sério; mas, para enfrentá-los, os sergipanos ofereceram o Vasco. Não o da Gama, aqui de S. Januário; o Vasco de lá.

E a peleja em homenagem da fundação de Aracaju resultou com a derrota de sete a zero contra os locais...

Não teria sido melhor que o "match" fôsse de oratória?

O CRIADOR DE TARZAN



Morreu o "pai" de Tarzan, o escritor Edgard Rice Burroughs, na cidade de Tarzania, fundada por êle. O mundo inteiro conhece a personagem mítica que deu fortuna ao escritor que a idealizou e continuará a dar rendimentos excepcionais ao s seus herdeiros.

Edgard morreu a 19 de março dêste Ano Santo de 1950, em um ataque cardíaco, em sua cama, ao ler um jornal. Já fazia três meses que não escrevia nada. O médico assistente, dr. Herman Seal, lhe proibira qualquer esfôrço mental, desde que os males do escritor começaram a progredir.

O "pai" de Tarzan jamais imaginou que terminasse seus dias como escritor e de fama mundial. Êle se dedicara ao comércio de vendas, de agente de negócios, mas sempre se viu em dificuldades imensas, não ganhando para manter-se e manter a família. Todos passavam necessidade e isso o acabrunhava de mais.

Certo dia, quando já estava com 35 anos, resolveu tentar a literatura. Ninguém acreditou que pudesse manter-se com isso. Edgard, porém, estava disposto a puxar pelo crânio e escreveu sua novela de estréia, intitulada "Sob a lua de Marte".

Como sabemos, o povo norte-americano é muito sensível e impressionável e gosta de assuntos extravagantes. Depois de pronta, Edgar Rice Burroughs foi vendê-la. Após várias tentativas achou 400 dólares oferecidos por uma revista de aventuras.

Alguns anos mais tarde vendeu por 700 dólares a primeira novela da série sôbre Tarzan, e, mais tarde, em 1913, vendeu por mil dólares "A volta de Tarzan". Era o triunfo definitivo.

Em seguida surgiram propostas para levar Tarzan à tela, para publicar seus livros e para usar Tarzan em historietas de quadrinhos. O escritor se mudou de Chicago, sua terra natal, para a California, onde fundou Tarzania e onde morreu.

A PERSONAGEM DA SEMANA



Sr. Guilherme da Silveira, Ministro da Fazenda

Continua a ocupar as atenções do público de certa parte do alto comércio e do próprio govêrno, o caso da Loteria Federal, cujo funcionamento está suspenso há um mês. Esgotado o prazo da concessão, foi aberta a concorrência pública de acôrdo com as leis em vigor; mas nenhuma das propostas foi aceita porque o Sr. Ministro da Fazenda achou que tôdas elas estavam abaixo dos interêsses do erário, e as anulou. Datou dêsse ato do Sr. Guilherme da Silveira um estado de alarma e grandes preocupações. Como sabemos, há por êsse imenso Brasil, centenas de pessoas que vivem exclusivamente de vender bilhetes da "Federal", a única loteria que pode circular livremente pelo território do país. Há inúmeras agências lotéricas e numerosas organizações comerciais de sorteios cujos títulos ou apólices correm pela Loteria Federal. Para a venda dêsses títulos, há agências, inspetorias, sucursais, etc., com seu pessoal, escritórios, corretores, tudo vivendo em função da existência da Loteria Federal, embora indiretamente. Com o impasse da mesma, tudo parou: não sòmente a população que vende bilhetes e as incontáveis agências intermediárias, como todos os grandes e pequenos estabelecimentos de sorteios ficaram de mãos cruzadas, sem poder distribuir material de venda a seus auxiliares. Faz poucos dias, encontrou-se um meio de resolver o caso das emprêsas de sorteios; transferindo-se a "sorte" para as corridas da Loteria do Estado do Rio, mas êsse recurso é julgado ilícito pelos exegetas de nosso direito fiscal, uma vez que tais estabelecimentos só podem distribuir prêmios pela "Federal". Imagine-se o que sucederá, quando algum subscritor dessas apólices ou títulos, inconformado com sorteios que beneficiaram outros prestamistas, vier a juizo para anular os sorteios da Loteria Fluminense! A anulação da concorrência da Loteria Federal é um episódio único no Brasil, e jamais se viu um ato ministerial que mais agitasse a opinião publica e a imprensa. O nome do Sr. Guilherme da Silveira tem estado em foco desde o dia em que saiu a público a anulação das propostas de concorrência, dividindo-se as opiniões mais abalizadas em tôrno do ato ministerial, já tendo mesmo atingido os maus níveis da detratação um assunto que, inegavelmente, deixa de ser de âmbito particular, para interessar tôda a nação. Os motivos por que assim agiu o Ministro da Fazenda estão expostos nos seus considerandos publicados na edição do "Diário Oficial" de 9 de março; as contestações dos que não concordaram com essas mesmas razões, estão divulgadas e continuam a ser publicadas em vários jornais do Rio e de S. Paulo, numa verdadeira batalha em tôrno da exploração da Loteria.



No dia seguinte . . .

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantís, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dôres no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Às vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre.** Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre.**

De ação suave e gôsto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo dêsse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca :

Ventre-Livre não é purgante

CONTOS PARA A "REVISTA DA SEMANA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA".**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que os mesmos se destinam



NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUE SIGNIFICA MITOLOGIA:
— Ciência dos mitos?
— Parte das matemáticas?
— Estudo do embrião?

2 QUAL O SACERDOTE CATÓLICO QUE FOI APELIDADO "APÓSTOLO DO BRASIL":
— Antônio Vieira?
— José de Anchieta?
— Frei Monte Alverne?

3 DE ONDE ERA FILHO O GRANDE ATOR DRAMÁTICO JOÃO CAETANO:
— Da capital paulista?
— Da cidade do Pôrto?
— Do Estado do Rio?

4 EM QUE CIDADE NASCEU O GRANDE BRASILEIRO AFONSO CELSO:
— Em Campos?
— Em Ouro Prêto?
— No Recife?

5 QUAL O ATO IMPERIAL QUE IMORTALIZOU A PRINCESA ISABEL:
— A lei do Ventre-Livre?
— O decreto da Libertação dos Escravos?
— A resistência do Brasil na questão Christie?

6 QUAL O GENERAL QUE COMANDOU AS TROPAS BRASILEIRAS NA BAHIA CONTRA O EXÉRCITO PORTUGUÊS INIMIGO DA INDEPENDÊNCIA:
— O Duque de Caxias?
— O General Argôlo?
— Pedro Labatut?

7 AO VERIFICAR-SE A LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS NEGROS DO BRASIL, ONDE ESTAVA D. PEDRO II:
— Em Londres?
— Na Itália?
— Em Petrópolis?

8 DE ONDE PROVÉM O NOME DE *GASPARINHO* DADO A FRAÇÕES DE BILHETES DE LOTERIA:
— De Gaspar?
— Do verbo gastar?
— Do nome Gasper?

9 QUE SIGNIFICA A PALAVRA PROTOPATIA:
— Abertura musical de uma ópera?
— Ciência das articulações?
— Primeiros sintomas de uma moléstia?

10 EM QUE PAIS SE CONSTRUIU A MAIOR OBRA DE DEFESA NACIONAL:
— Na França, com a Linha Maginot?
— Na China, com as muralhas?
— Na Alemanha, com a linha Siegfried?

11 COMO SE CHAMA A PARTE DA ANATOMIA QUE TRATA DOS MÚSCULOS:
— Mioquimia?
— Miologia?
— Miometria?

12 QUE NOME TÊM OS INSETOS DOTADOS DE MUITAS PERNAS:
— Pernilongos?
— Pernaltas?
— Miriápodos?

13 QUEM FOI ALLAN-KARDEC:
— Navegador sueco?
— Fundador do espiritismo?
— General de Napoleão?

14 QUAL O VERDADEIRO NOME DE ALLAN-KARDEC:
— Hippolyte-Leon Denizard Rivail?
— Joseph Allan-Kardec?
— Leon Rivail Kardec?

15 QUE QUER DIZER ANATOCISMO:
— Pessoa que nasce sem pés?
— Moléstia dos rins?
— Cobrança de juros sôbre juros?

16 QUE NOME TÊM NO RIO GRANDE DO SUL OS PAPAGAIOS DE PAPEL:
— Gamelinho?
— Pandorga?
— Pipaça?

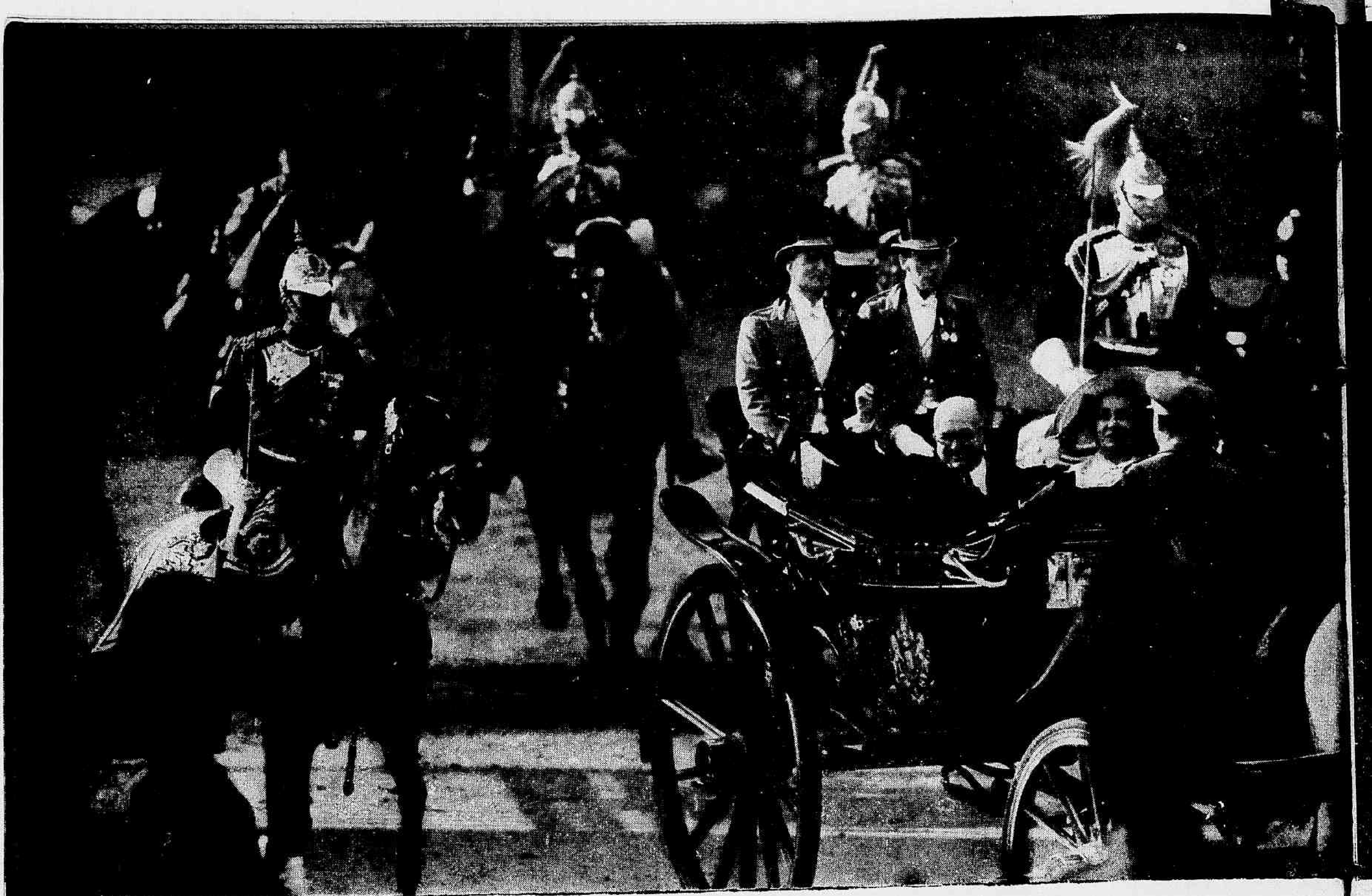
17 QUE QUER DIZER HALOLOGIA:
— Parte da física que trata dos halos?
— Estudo dos sais?
— Figura de retórica?

18 QUANTAS CORDAS TEM A HARPA:
— Cinqüenta e duas?
— Quarenta e seis?
— Sessenta e cinco?

19 EM QUE PAIS FICA O GRANDE PÔRTO DO HAVRE:
— Na França?
— Na Holanda?
— No Chile?

20 A QUEM DEVE PORTUGAL A FORMAÇÃO DO SEU IMPÉRIO ATRAVÉS DOS DESCOBRIMENTOS E CONQUISTAS:
— A D. Manuel, o Venturoso?
— A D. Nuno Álvares?
— Ao Infante D. Henrique?

(Resposta na página 58)



Vincent Auriol e S. Majestade o Rei da Inglaterra, num landau do Estado, quando iam da estação de Vitória para o Palácio Buckingham. Cortejo escoltando o casal Auriol, em sua visita a Londres, que se dirigia do Palácio de Buckingham para Guildhall. O presidente da França, Vincent Auriol, agradece as aclamações do povo nas ruas de Londres



DOIS GRANDES ACONTECIMENTOS EM LONDRES

COM as recentes eleições gerais na Inglaterra para renovação da Câmara dos Comuns, do que resultou pequena margem de votos legislativos em favor do Partido Laborista chefiado pelo primeiro ministro Clement Attlee, teve lugar com as velhas tradições de pompa da Inglaterra, a abertura solene do Parlamento britânico a seis de março.

O mundo inteiro ficou atento ao acontecimento e aguardou a "fala do trono" e, por onde passava o grande cortejo real, do palácio de Buckingham a Westminster, a imensa multidão não se cansava de ovacionar os Reis da Inglaterra.

No côche irlandês, escoltados pela cavalaria da Casa Real, formada dos "Life Guards" e "Royal Horse Guards" com seus capacetes ornados de penachos, couraças brunidas, espadas desembainhadas, os soberanos da Inglaterra se mostravam satis-



Vincent Auriol, presidente da França, ao cumprimentar a duquesa Gloucester. Ao seu lado, Mme. Auriol e Schuman, ministro do Exterior da França, na estação de Vitória



Grupo tomado no Palácio de Buckingham, vendo-se Mme. Auriol, a Rainha da Inglaterra, o Presidente da República Françesa e o Rei da Grã Bretanha, ao chegarem da estação de Vitória. Desfile dos reis da Inglaterra quando regressavam a Buckingham, após a abertura do Parlamento britânico e de ouvir-se a "Fala do Trono", conforme tradição secular

feitos e sorridentes, na certeza de que, mais uma vez, o Império cumpria o seu dever de informar oficialmente o povo de todos os seus problemas e necessidades.

O acontecimento politico de 6 de março, embora de âmbito nacional, abarcou o mundo inteiro pela significação de seus propósitos e posição da Grã-Bretanha perante o mundo civilizado.

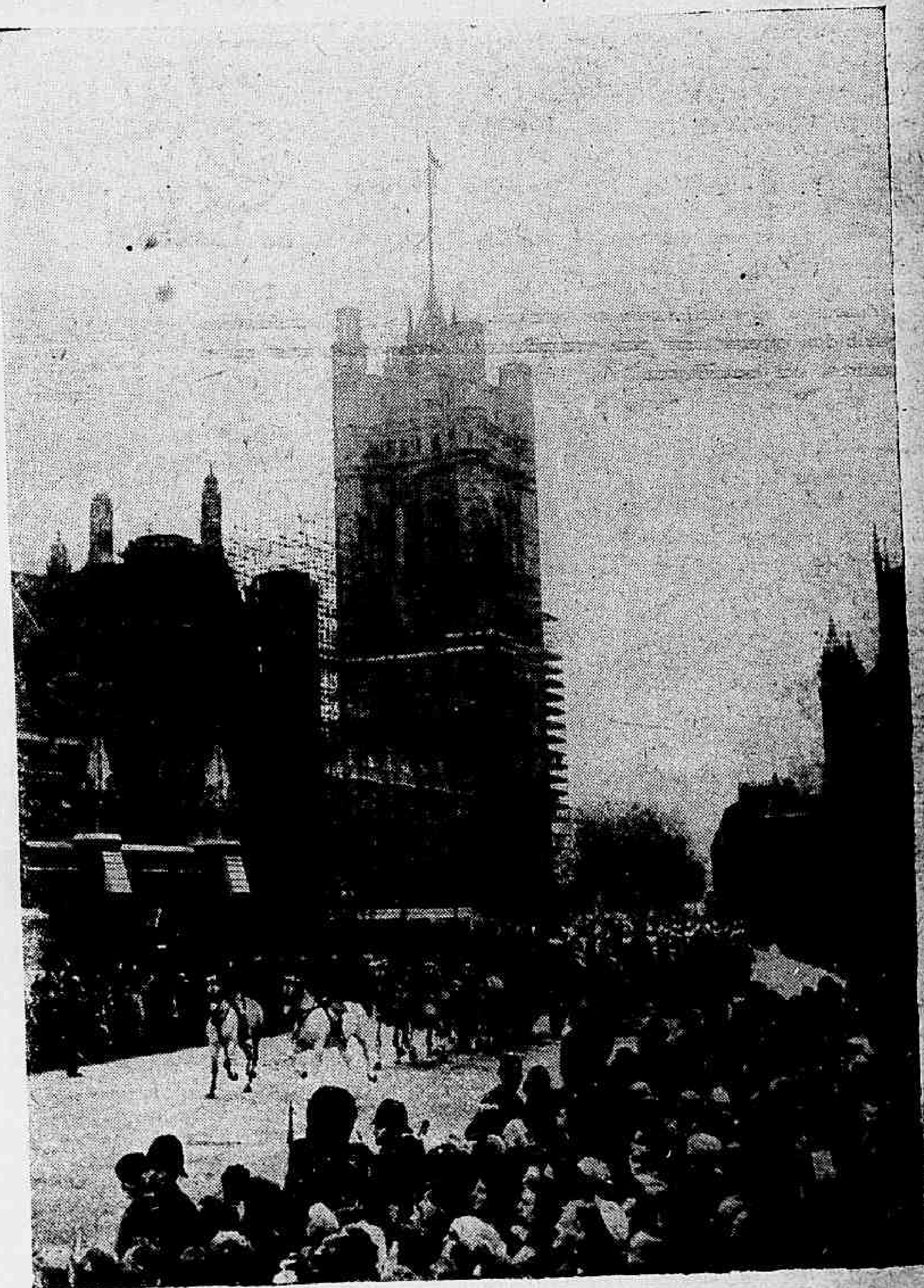
O outro acontecimento de que Londres foi palco foi a visita que o Presidente da França, Sr. Vincent Auriol fêz à Inglaterra em companhia de sua espôsa.

Dentre outros membros da ilustre comitiva, nota-se ainda o sr. Schuman, Ministro das Relações da França e pessoa da mais alta responsabilidade nos assuntos que interessam os destinos da Europa nos momentos que decorrem.

Mal, pois, se escoavam os ecos da solenidade da abertura do Parlamento e Londres é novamente agitada com a presença, no dia seguinte, da maior figura politica da França, em visita de cordialidade à coroa inglêsa e ao seu grande povo.

As duas pátrias, a quem o canal da Mancha não separa mas une cada vez mais, têm seus destinos ligados pelos mesmos propósitos e necessitavam de articular seus problemas e de resolvê-los dentro dessa cordialidade que inspira as nações que desejam viver em paz.

Que dessa visita resultem os mais belos frutos é o que o mundo inteiro desej..





As decorações públicas que serviram para realçar o cortejo de ida e volta dos soberanos inglêses ao Parlamento, foram conservadas para festejar a chegada de Vincent Auriol

CINE Rádio TEATRO

CINEMA



A enxurrada de mediocridades, de produções rotineiras, de filmes que em outros tempos só nos meses ingratos do verão iam para cartaz, e assim mesmo pcra os de menor categoria — continua. Não sabemos até quando. Estamos vendo, semana após semana, produções "de linha" — e de linha muito frágil — ocupando, de uma assentada, cinco e mais cinemas dos grandes circuitos exibidores. Lançamento de maior importância, apenas "O preço da Glória", feito pela Metro, mas ainda êsse de valor aquém, muito aquém do que prometia. E o que houve de mais importante, nesta última semana veio a ser a "preview" feita em caráter particular do filme ítalo-brasileiro "O Guarani", no auditório da A.B.I., para um grupo de jornalistas e convidados especiais. Não vimos "O Guarani". De coração desejamos que venha a corresponder, ao menos na condição de filme musical, pois em última instância nêle deverá salvar-se a obra de Carlos Gomes. Há quem atribua essa deficiência de produção à expectativa em que se encontram os cinematografistas de serem majorados os preços das entradas. Mas — virá mesmo essa majoração? E até onde ela pode ser justificada?

O fato de ser o cinema, no Brasil, particularmente no Rio, um divertimento barato, não quer dizer coisa alguma. Nunca os cinemas viveram tão cheios como agora, nunca os filmes foram tão maus e nunca, também, importadores e cinematografistas realizaram as bilheterias que aí estão. Não queremos referir-nos aos filmes de maior importância, porque êsses sempre levaram mais público aos cinemas. Acontece, porém, que nosso público já se habituou de tal modo a frequentar êsse divertimento, a ponto de não examinar, sequer, os programas antes de preferir qualquer um dêles. Entra-se numa sala de projeção por costume, quase por obrigação. Se o filme não vale nada, assiste-se da mesma maneira, não se reclama e volta-se para casa disposto a esperar coisa melhor da próxima vez — o que não acontece. Ora, se os lucros são maiores, por que cargas dágua devemos onerar o público pagante? E quem nos diz que em sendo aumentado o preço das localidades, teremos classe melhor de filmes para assistir? Nesse caso — que destino vão dar os importadores e os exibidores ao rebutalho, a essas calamidades exibidas agora com um caradurismo enervante, uns após outros, em catadupas?

Não, senhores. Não é tão barato como se apregoa o cinema no Brasil. Mas se vier o aumento, mister se faz que não venha abranger a totalidade dos lançamentos. Em última instância, façam prevalecer um tabelamento de acôrdo com a categoria das estréias. Ou teremos de pagar dez e mais cruzeiros para assistir "Mosqueteiros do mal" e quejandas.



Alberto Cavalcanti, a última esperança, a sério, de cinema no Brasil. Confirmará?

RÁDIO



QUANDO Carlos Ramirez apareceu no Rio, ao tempo da Urca em pleno apogeu, passou despercebido. Fêz uma série de atuações na Tupi, mas, para cúmulo do azar, outras figuras mais ilustres, na época, empanaram a sua presença. E o barítono colombiano voltou aos Estados Unidos, talvez estomagado com a gente carioca. Culpa não era nossa. Também não foi dêle, mas da falta de oportunidade.

Veio depois o cinema, veio a presença de Ramirez em "Escola de Sereias", veio "Granada" e não foi preciso mais. Seu reaparecimento, em memorável temporada na Rádio Globo, foi um furor. As meninas da cidade queriam ver de perto o rapaz bem parecido que tivera as honras de cantar junto à piscina de Esther Williams, e por pouco êle não ficava por aqui de vez. Não ficou, mas voltou pouco mais tarde. Repetiu-se o sucesso.

Agora êle aqui se encontra pela terceira vez. Com o mesmo sorriso amável, aquêles dois olhos pisca-pisca e uma voz que já entrou no coração e na sensibilidade do nosso povo. Porque o colombiano é de fato, e no seu gênero, um artista de excepcionais qualidades.

★

Foi anunciada a visita da cegonha, para muito breve, no lar de César e Renata. Curioso êste mundo! Mesmo afastada do teatro desde seu casamento, Renata Fronzi vem ocupando insistentemente o cartaz — primeiro com a cerimônia nupcial, depois com a bela viagem de núpcias que o casal realizou ao Velho Mundo e agora com o cartão-de-visita da cegonha. Para quando essa visita? Para muito breve — eis tudo. Papai César anda no mundo da lua. Quando ocupa o microfone, sente-se que a sua vontade seria dobrar o "script", metê-lo no bolso — e improvisar, e dizer para o Brasil inteiro:

— Meus amigos, está por pouco... Estão ouvindo o mais feliz dos locutores brasileiros... Está por pouco, senhores ouvintes...

E tôda gente quer ver a cara do futuro recém-nascido. Até nós.



César e Renata vão ser papai e mamãe

TEATRO



ESTÁVAMOS em São Paulo quando, sexta-feira da semana atrasada, era ali inaugurado o Teatro Cultura Artística. Diga-se de passagem — teatro que nos faz ralar de inveja, a nós, cariocas, pois de três ou quatro assim é que estamos bem necessitados. Mil e seiscentas poltronas — e que poltronas! Refrigeração da melhor, tôdas as condições de acústica fielmente obedecidas e, de paralelo, um espetáculo do mais alto sentido artístico. Um arrôjo, uma loucura de espetáculo que os paulistanos ficam devendo a êsse rapaz de iniciativa, de nervos e de talento — Sandro Polloni. Peça de estréia, "O fundo do poço", servindo para lançar uma nova autora dramática, a romancista Helena Silveira. Intérpretes — Graça Melo, que acumlou as funções de diretor com as de protagonista; Maria Della Costa, que não é nada mais daquela Maria Della Costa de outros tempos, mas uma atriz no exato sentido da palavra; Itália Fausta, cujo meio centenário de teatro está reclamando uma devida comemoração, e Lídia Vani, a quem todos conhecíamos, até aqui, em atuações de somenos. Pois acreditem ou não, Sandro — que por sinal ficou de fora na representação, mais preocupado com o lançamento do teatro e da companhia — registra neste momento um sucesso artístico muito sério. Sem precedentes. Não vejam a menor parcela de exagêro nessa afirmação; é verdadeira, sim.

Inspira-se a peça em uma trágica ocorrência registrada na capital bandeirante, não faz ainda dois anos, e aproveitada com talento na confecção de uma peça tragi-lírica de excepcional mérito. Assunto ainda na memória da população, porque o fato de origem repercutiu em larga escala por todo o país, não só em São Paulo, soube a sra. Helena Silveira aproveitá-lo com um senso de autora experimentada. Justo será reconhecer, entretanto, que a Graça Melo coube, com propriedade, encenar êsse original, dando-lhe um cunho surrealista sem os desmandos e exageros que algumas vêzes têm prejudicado cometimentos de arte com idênticas pretensões. Sente-se que uma revelação maior de diretor andava escondida nesse artista moço, à busca de oportunidade: e as primeiras tentativas êle as fêz, ainda recentemente, ao lado de Dulcina e Odilon. Mas só agora encontrou campo para uma expansão radical — e o resultado aí está. Já dissemos ser o trabalho de Maria Della Costa um atestado de transição completa na sua carreira. E' verdade. Da moça de predicados físicos apurados que o cinema e o teatro vinham revelando, ficou apenas o bastante para reforçar a sua condição de apurada comediante, em maior equilíbrio, amadurecida, que agora surge vivendo o papel de Cristina.

Já nos habituamos à audácia das montagens apresentadas por Sandro em anteriores realizações: processos de iluminação modernissimos, cenários de excepcional efeito, sonoplastia requintada fazendo parte integrante do espetáculo. E tudo isso, em suma, valeu para dar ao público de São Paulo uma noite de grande arte, numa peça que pode provocar controvérsias — e as justifica — mas que faz concentrar para ela as atenções da crítica e de uma platéia culta e exigente.

Sandro fica na obrigação de trazer ao Rio o último e apurado fruto do seu esfôrço. Mas — onde está, por aqui, um teatro igual ao da Cultura para enobrecer a encenação complicada de "O fundo do pôço"? Onde? — C. S.



Maria Della Costa, Graça Melo e Lídia Vani, em "O Fundo do Pôço"



1 Para aparar o golpe do suposto bandido que vai atacá-la com um revólver, ela começa por vibrar-lhe em cheio, na mão, um golpe sêco com os dedos bem firmes. A dor é forte



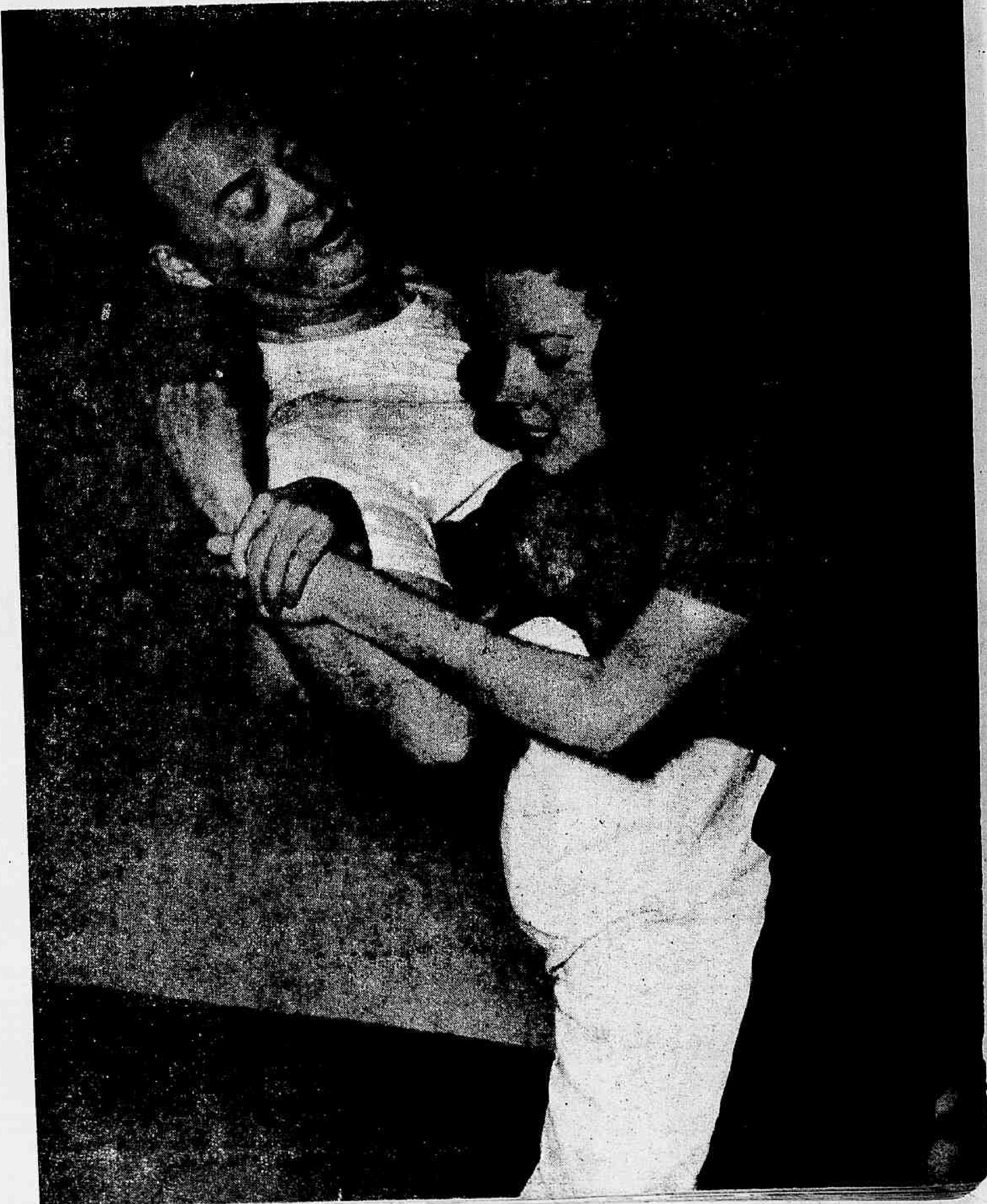
2 E sem demora, aproveitando o momento da dor, pega-o pelo pulso, numa flexão inesperada e na atitude acima. O revólver caiu e o agressor fica em posição bem crítica

MULHERES ATÔMICAS

MULHERES de nossos dias, da era dos discos-voadores e da bomba de hidrogênio, precisam aprender a defender-se contra investidas de outras mulheres... ou do sexo às vêzes mais forte. Aqui estão algumas demonstrações práticas da melhor maneira por que essa defesa pode ser feita. Nesta página, Claudia Barrett e Jim O'Brien, ambos da Warner Bros., ensinam um sistema eficiente para qualquer jovem desarmar fàcilmente um agressor a mão armada. Nas duas seguintes, Mona Freeman, da Paramount, e seu instrutor físico, dão-nos uma

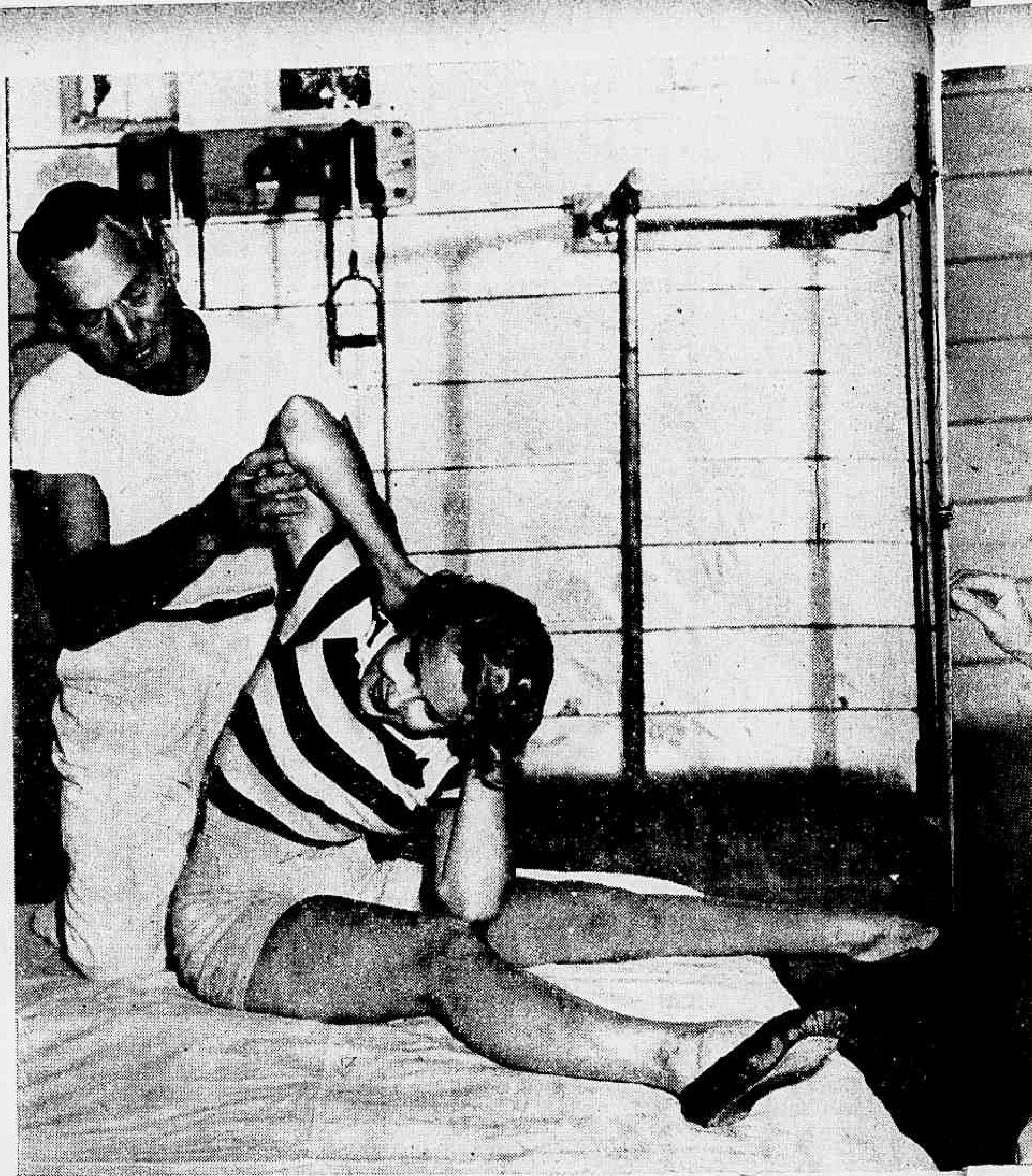
3 Mas o agressor pretende dar-lhe um lance de pescoço. Ela o anula retendo-lhe qualquer movimento do braço





4 E, libertando-se do contra-ataque, acaba por dominar o bandido. Depois é só chamar o polícia na esquina...





5 **Para ganhar elasticidade nos músculos, aqui estão os movimentos mais aconselháveis. Cada manhã, vinte e cinco vêzes cada um dêles deve ser repetido, sem nenhum intervalo**

6 **Agora em sentido contrário, de pernas esticadas e as mãos sempre comprimindo a nuca. No fim dos cinco primeiros dias, convém fazer um descanso de dois — e recomeçar**

lição de plástica, para manter a linha — e na final, June Havoc e Dorothy Hart, da Universal, provam que mulheres dos nossos dias aboliram o arcaico sistema de puxar os cabelos da adversária, quando o "direto" nos queixos é de eficiência muito maior. Outras aulas podem ser adquiridas na vida prática, onde tudo se aprende. Essencial é que as descendentes de Eva se compenetrem da suprema verdade: o sexo fraco tem de ser forte, tão forte quanto o outro, quando enfrenta, em igualdade de





7 **As mãos sempre bem flexionadas, dedos estendidos procurando atingir a ponta do pé. Mesmo com algum esfôrço, tente repetir essa atitude, primeiro para a direita...**

8 **...e agora para a esquerda. Procure manter a fisionomia serena, sorridente mesmo, sem deixar perceber que êsse exercício lhe desagrada. Os resultados não se fazem tardar**



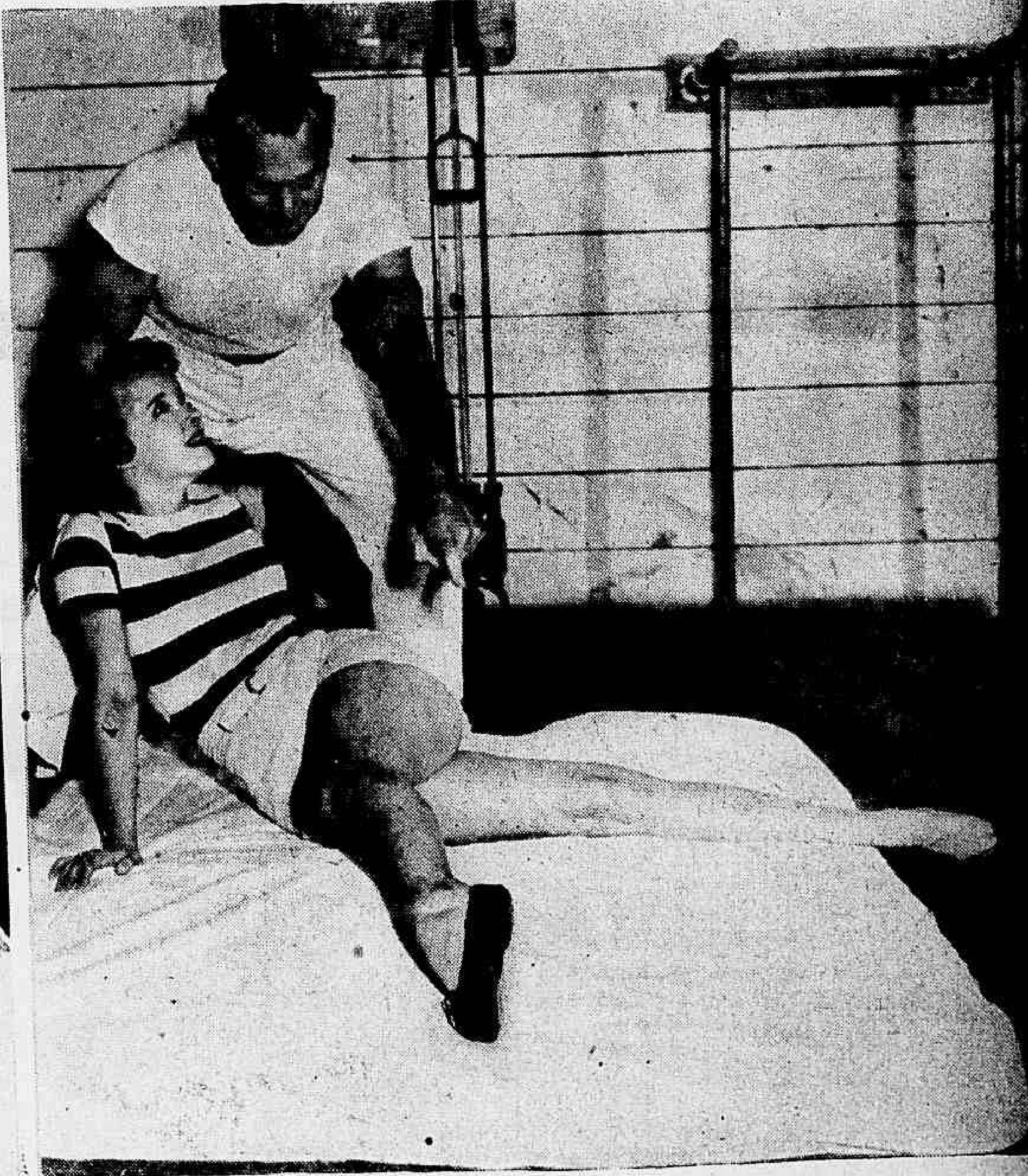


9 **Agora a coisa é um pouco mais séria. Deitada nessa posição, faça erguer a cabeça e os braços, como se fôsse levantar vôo, mantendo porém os membros inferiores imobilizados**

10 **E fazer movimento idêntico, agora para o lado inverso. Faça por manter os pés colados ao estrado. Esta fase de exercício diz respeito apenas à parte superior do corpo**

condições, as amarguras da vida e o "struggle for life". Vai longe o tempo em que o homem dominava as mulheres pela frase rendilhada cu pela fôrça bruta. Ainda com a primeira arma, muito se pode conseguir porque elas se deixam vencer mais fàcilmente pelo galanteio. Mas na hora do ajuste de contas no tapête, não das discussões e sim da resistência muscular, ambos devem equiparar-se. É claro que estão se equiparando. A prova irrefutável aí está nas ilustrações desta e das páginas seguintes.





11 **Agora tudo é mais fácil. Levante-se, fique sentada, apoiada nas mãos, mas oscilando o corpo para ambos os lados, com o respectivo jôgo da perna direita, bem ágil**

12 **E depois de repetir êsse movimento, com a perna esquerda, descanse. Mesmo porque a essa altura o corpo há de reclamar repouso, e um "lunch" reforçado, bem merecido**



13 "Round" primeiro: a de vestido estampado manda um direto no maxilar direito da adversária que não consegue manter-se em defesa. Mas a luta está longe do final...



15 Não... Mesmo estendida no solo, a de vestido estampada toma a iniciativa do ataque e domina a adversária fincando-lhe as garras no pescoço. As unhas estavam afiadas...



14 E a réplica vem sem demora: um punho fechado na bôca do estômago deixa a outra em ameaça de queda. Ela solta um grito. Será que ficou nocaute... ou não ficou?



16 Consegue então desvencilhar-se, levanta-se, recuperando o equilíbrio — e zás! Mais um outro direto bem endereçado aos queixos — e pronto: acabou-se a grande luta...



17 Mas para evitar que a rusga venha a repetir-se em outra ocasião, convém subjugar a adversária e impor que ela peça perdão três vêzes. E quem será capaz de se negar?



MISS CANADÁ

Eram quinhentas as candidatas ao título e foi ela a escolhida. Prêmio: uma bolsa de estudos para canto e arte dramática. Seu grande sonho agora realizado: — conhecer o Brasil!

A EMBAIXADORA TROPICAL DE UMA TERRA FRIA

JOAN DURELLE, MISS CANADÁ, NÃO TEM SÓ A BELEZA DE MISS – CANTA E BEM, COM UMA VOZ BONITA ★ BRASIL, UM SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE ★ UMA FAMÍLIA DE ARTISTAS ★ PROJETOS PARA O FUTURO

Reportagem de FERNANDO JACQUES ★ **Fotografias de NEWTON VIANNA**



Sua distração predileta: Colecionar os recortes de jornais

PASSAPORTE canadense dado em Toronto. Nome: Joan B. Fry — Altura: 5 pés e 7 polegadas — Olhos azuis Cabelos louros — Pêso: 56 quilos. Será que com êsses dados, você, leitor amigo, identificará a figura central de nossa reportagem? Achamos difícil, pois, muito embora ali estejam a altura, a côr dos olhos e dos cabelos, falta o principal. Faltam a descrição das linhas de um corpo maravilhoso; a radiante beleza de um sorriso; a alegria permanente e contagiante e, principalmente, o nome de Joan Durelle, artista que hoje consegue enorme sucesso, ao microfone da Rádio Globo.

Natural, perfeitamente sem artifícios, Joan Durelle colocou-nos à vontade para esta reportagem, que, diga-se de passagem, não foi tôda ela feita em um dia, nem em hora especialmente marcada. Nasceu, isto sim, do contacto quase diário do repórter com a "estrêla", desde o dia de sua chegada ao Rio, contratada pela emissora dos 1.180 quilociclos.

BRASIL — UM SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE

Foi ainda no aeroporto que a ouvimos pela primeira vez. E dêsse primeiro encontro, ficou a primeira frase: "I'm living my dream!"

Joan arregalava os olhos muito azuis como se nêles quisesse imprimir a paisagem em redor: a Guanabara, em seu uniforme azul onde luziam os botões dourados das ilhas ao sol poente. E sem que perguntássemos, esclareceu:

— Você pode achar que falo por falar, mas não é verdade. Eu sempre desejei conhecer o Brasil. Era um



— "Vim aprender a tomar café no Brasil" — diz a Fernando Jacques



NOME: JOAN B. PRY — ALTURA: 5 PÉS E 7 POLEGADAS — OLHOS: AZUIS — CABELOS: LOUROS — PÊSO: 56 QUILOS — E PRETENDE TOMAR BANHO EM COPACABANA COM O MAIS ARROJADO "MAILLOT" BIKINI QUE NOSSOS OLHOS JÁ VIRAM...



— Comecei a gostar do Brasil através dos filmes de Carmen Miranda...

sonho, aguçado pelos discos e filmes de Carmen Miranda que, cada dia, se fazia mais irresistível.

Joan pára um pouco para um fotógrafo. Mas logo retoma a palavra:

— Quantos filmes coloridos eu vi do Brasil e do Rio de Janeiro? Sei lá... Perdi a conta. Mas posso reconhecer, por causa dêles, quase tudo o que agora vejo...

A artista fala fácil e bem ao jeito de suas conterrâneas e vizinhas norte-americanas. Muito desembaraço e nenhuma contração. Atende a todos que a cercam. Um pergunta isto, outro aquilo — sendo isto e aquilo, as eternas banalidades que se perguntam a todo o estrangeiro que nos visita. Mas a azáfama do desembarque passa uma esponja nisso tudo...

UMA FAMILIA DE ARTISTAS

O maestro Borba dá um descanso aos músicos da orquestra da Globo. Joan acende um cigarro e conversa conosco.

— Gosto muito desta orquestra. Até parece que as orquestrações que trouxe foram feitas especialmente para ela.

As orquestrações de Joan Durelle, as que trouxe consigo, são assinadas por um dos maiores arranjadores do seu

(Cont. na pág. 47)



Miss Canadá, sem artifícios, apreciando um bom café, um samba de breque e a smanhãs bonitas das praias cariocas



Que tal a plástica, senhores?



Um modêlo à procura do artista



Por isso mesmo a elegeram Miss Canadá!



EM MARCHA PARA A FONTE

O médico aconselhou meio copo de água bebida na fonte, pela manhã, em jejum. Mas isso serve de pretexto para giro matinal, em grupos, de copinho na mão, para saber das novidades do dia. Nem todos vão para as águas cuidar do fígado, mesmo porque, nessa idade, elas têm uma saúde de ferro. De qualquer modo, porém, elas obedecem ao ritual...

BEBA MAIS ÁGUA

Texto e fotos de JOÃO ALVARENGA



A FILA NO VERANEIO

O hábito é mesmo uma segunda natureza. Todos se acostumaram a entrar na fila, e em Cambuquira ou São Lourenço, instintivamente, organizam fila para encher o copo dágua

QUANDO êle ruma para a estação de águas pensa que três semanas de férias, sem compromissos de horários, o esperam longe do Rio. Maravilha incomparável essa de ficar livre das obrigações de cada dia — do relógio, da condução para a cidade, das filas no ponto de ônibus, do "ponto" assinado em cima do último minuto, antes que o continuo guarde o livro na gaveta, e das impertinências de aturar os superiores, ou os clientes, ou de qualquer modo alguém que o obriga à submissão por conta de terceiros. E toma o trem aquático intimamente cantando o hino da Liberdade, aquêle que espalha as asas sôbre nós.

— Estou realmente precisando dêsse repouso — diz consigo mesmo. Vou chegar a Cambuquira (ou Caxambu, ou S. Lourenço, a estação pouco importa), e ficar por conta do atoa. Não terei compromissos, não olharei sequer para o relógio...

Mas antes do embarque foi preciso enfrentar outras filas, desde a da aquisição dos bilhetes, com dez dias de antecedência, no "guichet" da Central, até à da passagem no portão de entrada. Foi preciso comprar roupas apropriadas, providenciar o recebimento antecipado das semanas de férias, deixar tudo em ordem durante os dias de ausência e até mesmo adiantar o serviço na repartição, no escritório comercial ou no expediente doméstico. E tudo isso representa uma grande massada.

Quando o aspirante ao repouso toma o seu lugar no trem, está mais morto do que vivo. Mas acredita que dentro de meia hora, logo que a cidade tiver ficado para trás, e a composição atravessar terras menos habitadas, há de começar a sentir os primeiros benefícios das férias, das decantadas férias de seus sonhos... Pura ilusão. Se o trem correr no horário, probabilidade sumamente remota, êle terá de suportar a mesma posição, os incômodos do vagão repleto e alguma vizinhança importuna, quase durante o dia inteiro. Apenas amanhecia quando saiu da gare Pedro II e talvez seja noite fechada quando chegar ao destino, depois da atribulada baldeação em Cruzeiro, da espera para aguardar outra composição, que vem de São Paulo, e das múltiplas circunstâncias imprevistas...

Enfim, a estação de águas! Enfim a desejada aparição do hotel que precisa dar repouso, muito descanso ao homem estafado por um ano inteiro de labor no comércio, na indústria, na repartição ou mesmo numa banca de advogado ou de jornal...

E como o trem chegou tarde, o jantar é requentado. Nessa noite, por acaso, há baile no hotel, acaso que se repete sob os mais variados pretextos, em tôdas as noites seguintes.

Vai o pobre mortal para o leito, de ossos amassados, de corpo arreado, sonhando, sonhando sempre, agora com um sono compensador. Pois sim! O baile entrou pela madrugada a dentro, os "brotinhos" que não foram cansados para as águas, nem pensando em curar o fígado — haverá fígado aos quinze anos? — sapateiam no salão, gritam a pulmões abertos o repertório do próximo carnaval, aumentam ao ponto máximo o volume do rádio, e quando não há mais programas para ouvir, apelaram para o "stock" de gravações levadas de casa, por via das dúvidas...

Nessa primeira noite o aquático exausto do ano inteiro de trabalho e da viagem fatigante, começa a desconfiar que não foi aquêle o local mais próprio para as férias dos seus sonhos.

★

Mas para compensar, na manhã seguinte, as coisas assumem uma fisionomia

ainda mais desagradável. Se o motivo da viagem foi o de restaurar o fígado, é preciso obedecer às prescrições do médico da família e beber água na fonte.

Aí começa outra fase dolorosa: as caminhadas do hotel ao parque, do parque ao hotel, no calcante, para desentorpecer as pernas e fazer bem ao peito, sorvendo o ar puro da montanha. Na primeira vez ainda tem o seu aspecto divertido. Na segunda, mais ou menos. Da terceira em diante, a peregrinação assume proporções de uma taxativa obrigatoriedade pela qual o pobre homem andava muito longe de esperar. Pois se êle foi descansar, por que o obrigam a essas caminhadas pela manhã, à tarde e à noite? Se o que mais deseja é fugir aos compromissos de horário, por que há de então submeter-se à rotina da água a horas certas, três vêzes por dia? Se o que mais sonhava era sentir-se livre, bem longe dos deveres cotidianos, êle só para êle próprio, sem chefes, sem clientes, sem terceiros a quem dar satisfações de seus atos — por que terá de viver aquelas três semanas prêso à hora de beber água, amarrado a outras obrigações imediatas, e ainda por cima forçado a andar de cara alegre, a ouvir confidências de gente que em nada lhe interessa, de fingir amizades que desaparecem, êle tem certeza, quando as férias acabarem e cada qual voltar ao seu ambiente próprio, no Rio?

Nem mesmo das filas êle se libertou, coitado. Porque lá o espera a fila dos aquáticos, dentro do parque: fila para retirar o copo que por assinatura, a tantos cruzeiros diários, permanece guardado na portaria; fila para descer os degraus da fonte, onde uma funcionária do parque, em rigoroso contrôle, vai tomar-lhe o copo das mãos para enchê-lo e o despachar sem demora, cedendo lugar a outro; fila, na volta, para deixar o copo na portaria... Filas, sempre filas!

★

E o mísero aquático que foi para o veraneio ambicioso, sêco, ávido de liberdade, lá se deixa ficar morrinhando três intermináveis semanas! Tempo suficiente para embrutecer o cidadão mais impermeabilizado a um vazio de espírito... Claro que nem tudo resulta em tédio: lá vem, de inesperado, um novo conhecimento agradável, uma boa surprêsa, um divertimento com o qual não se contava. Sempre é tempo de aprender algum jôgo de salão — ou mesmo de cassino. A dois passos do hotel, senão dentro dele, sempre aparece uma roda de "pocker", um pano verde de bilhar ou até, quem sabe, uma roleta que vai girando, girando, e abafando as magras notas que o pobre pai de família pensava fôssem suficientes, para pagar a conta do hotel cada fim de semana. Puro e lêdo engano! Na maioria dos casos, é preciso mandar vir refôrço do Rio, suprimento novo... Os cálculos mais otimistas, feitos em casa, antes do embarque, escorreram mais depressa que a água medicinal da fonte.

E à medida que os dias vão passando, aproximando-se aquêle em que será preciso regressar — o cidadão aquático vai ganhando alma nova. Enfim, está prestes a ser devolvido às tormentas do ano todo, às obrigações de rotina em casa e no serviço, aos compromissos com os chefes, os clientes...

E lá vem então a frase inevitável:

— A verdade é que estou começando a cansar de tanto descansar!

★

Quando êle volta ao Rio, depois de outra miserável viagem de trem, com atraso



E TODOS BEBEM!

A água dá juventude e beleza. Portanto, água três vêzes ao dia. Essa terapêutica não vai além de três semanas. E enquanto o grupo feminino saboreia o "precioso líquido", o grupo masculino finge que bebe. Pois sim! O whisky os espera, no quarto...





MARGARIDA VAI À FONTE

Talvez seu nome não seja exatamente êsse — Margarida — mas tôdas as pequenas bonitas fazem jus ao galanteio numa estação de águas. E ela enche a garrafa, cuja dose vai dar para o dia inteiro. Titia e Vovó, que têm as pernas cansadas, pediram-lhe que endhesse bem o vasilhame, e ficaram à porta do hotel, tagarelando. O que não falta é assunto!

maior que na ida, está cansado, de fundas olheiras. Salta na Pedro II com pó até na alma, de bolsos vazios e uma vontade imensa de comer os pratos que no hotel da estação balneária nunca apareciam. Já o espera, em casa, um filet de garoupa, que não tem peixe fresco na montanha, e para repousar de verdade — a cama. A sua cama tão saudosa, tão querida, mesmo com a cavidade anatômica vincada no colchão batido, mesmo sem os cuidados dos serviçais do hotel de veraneio, mas a cama dele, só dele e de mais ninguém.

E vinga-se mandando vir para o jantar uma cervejinha gelada. Água? Nem para remédio...

★

Mas não há dúvida: no ano seguinte, esquecido de tôdas as tormentas, o idiota vai repetir a brincadeira. Mesmo porque — francamente! — nem tudo é assim detestável numa estação aquática. O melhor está no imprevisto e há sempre um imprevisto agradável quando se vai para fora, sem destino certo.

A DOSE VESPERTINA

o dair da tarde, forma-se, novamente, a fila indiana. Depois do almôço, a sesta jogaram uma escôpa ou passearam de charrete. E agora, a dose vespertina, antes do jantar...

BOLETIM DO DIA

1560 veranistas entraram no parque de Cambuquira, naquele dia. Os assinantes guardam os copos na secretaria do parque. Amanhã será outro dia... para beber mais água!





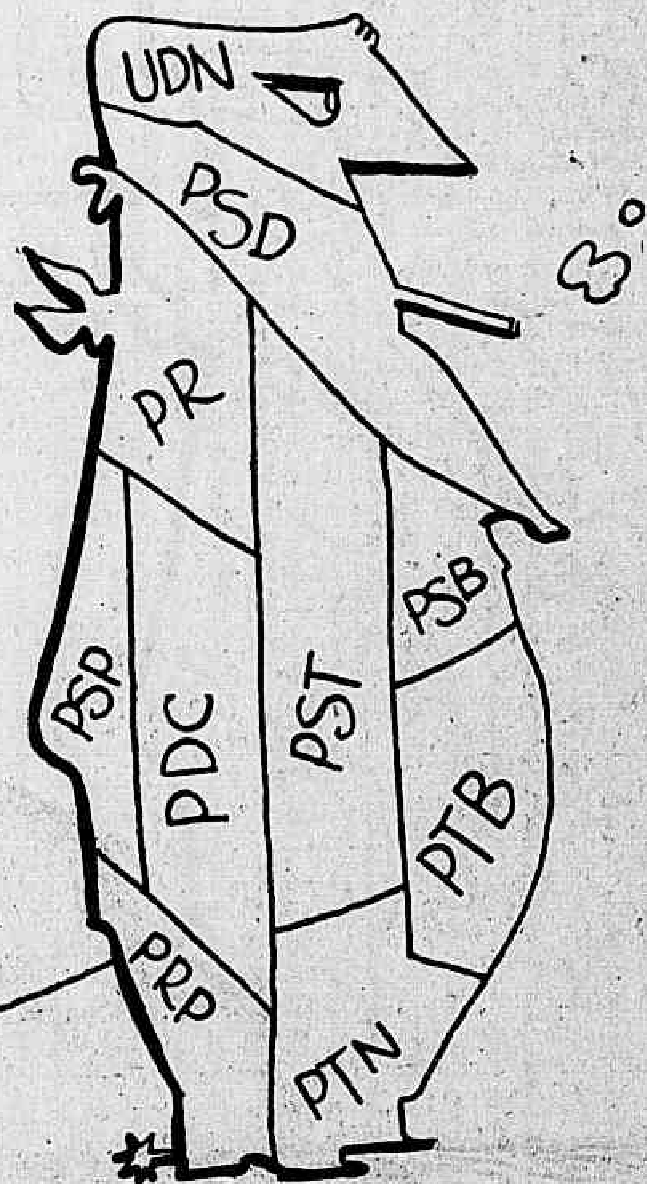
Nicodemus

VOS FALA
SOBRE
A QUESTÃO
DAS

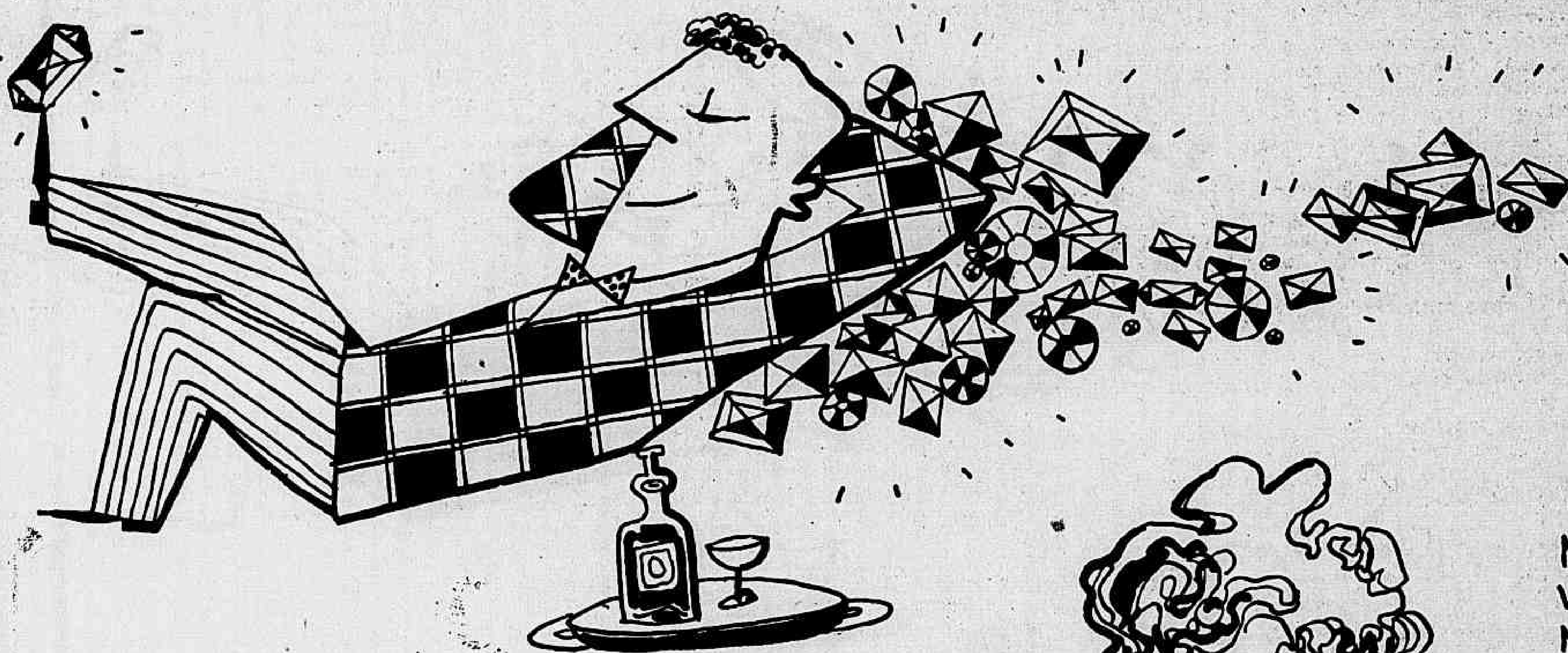
CÔRES

A
CÔR
POLITICA :

FURTA-CÔR,
CÔR
DE
BURRO
QUANDO
FOGE ...



TUDO AZUL :
CÔR DOS
TUBARÕES
ESTRANGEIROS
E SUCEDÂNEOS
NACIONAIS ...

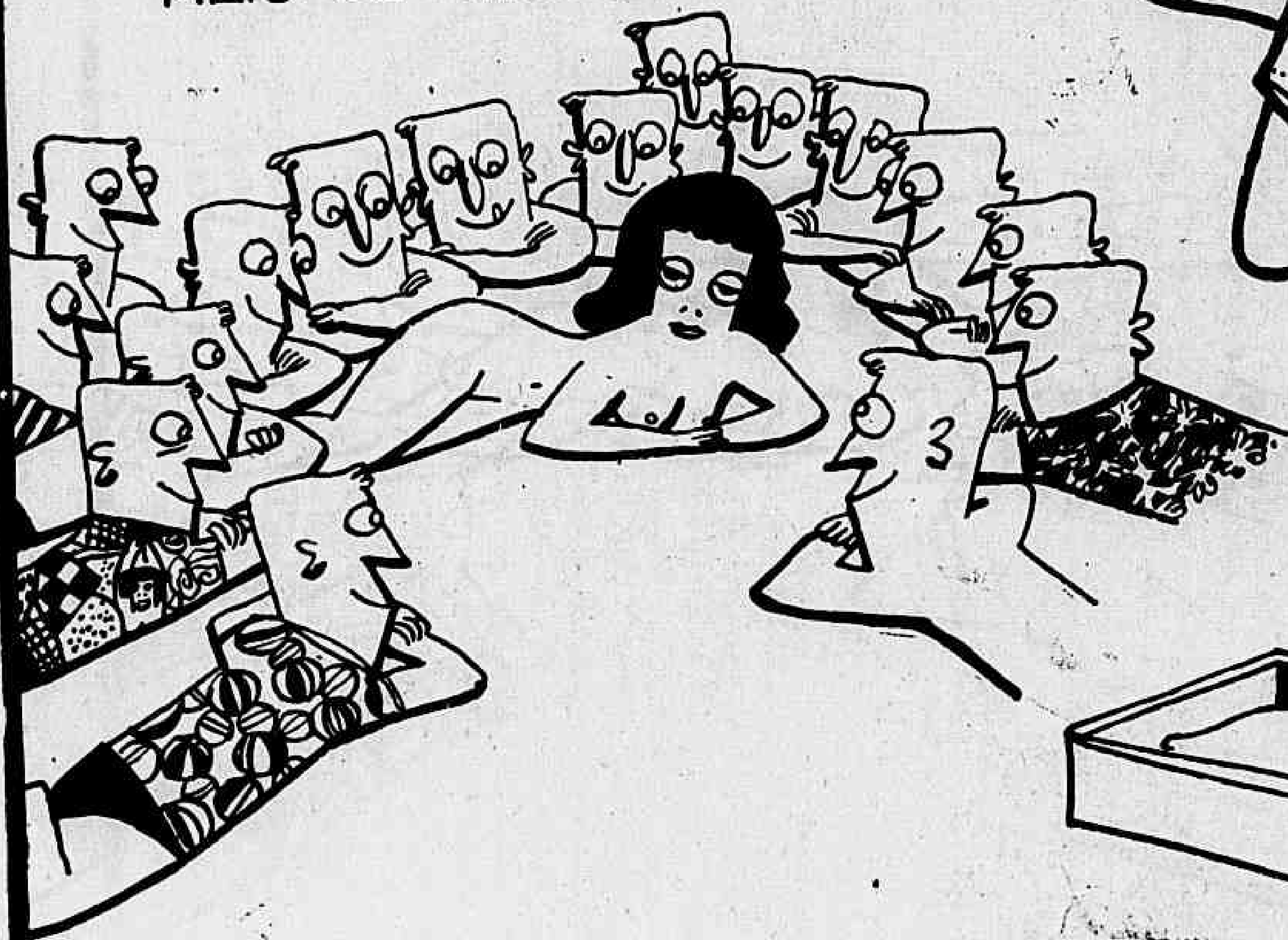


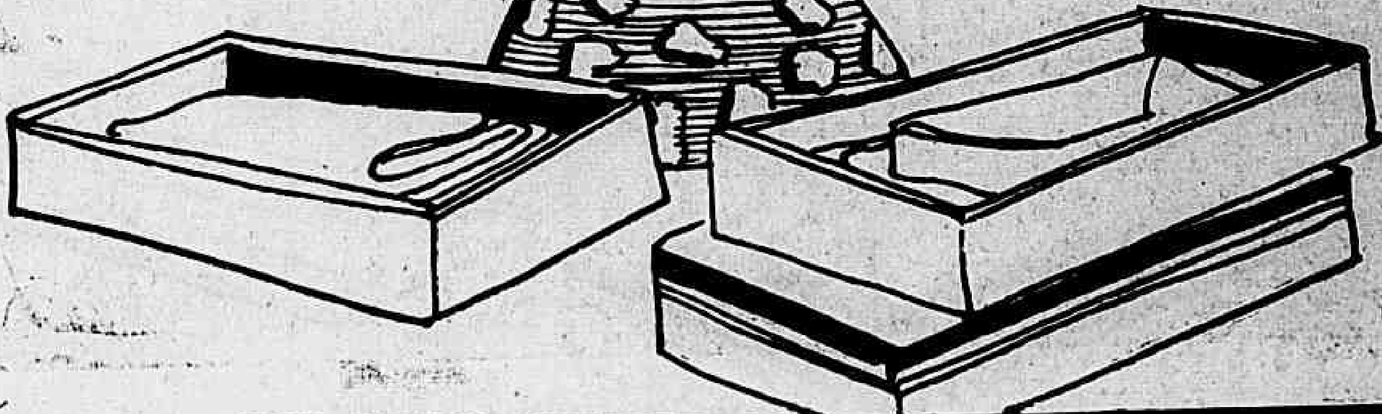
NEM
VERDE,
NEM
VERMELHO,
MONSIEUR ...

LA
VIE
EN
ROSE ...

A CÔR
DO RECHEIO :

CÔR DE
MAIÔ DE VIDRO ...

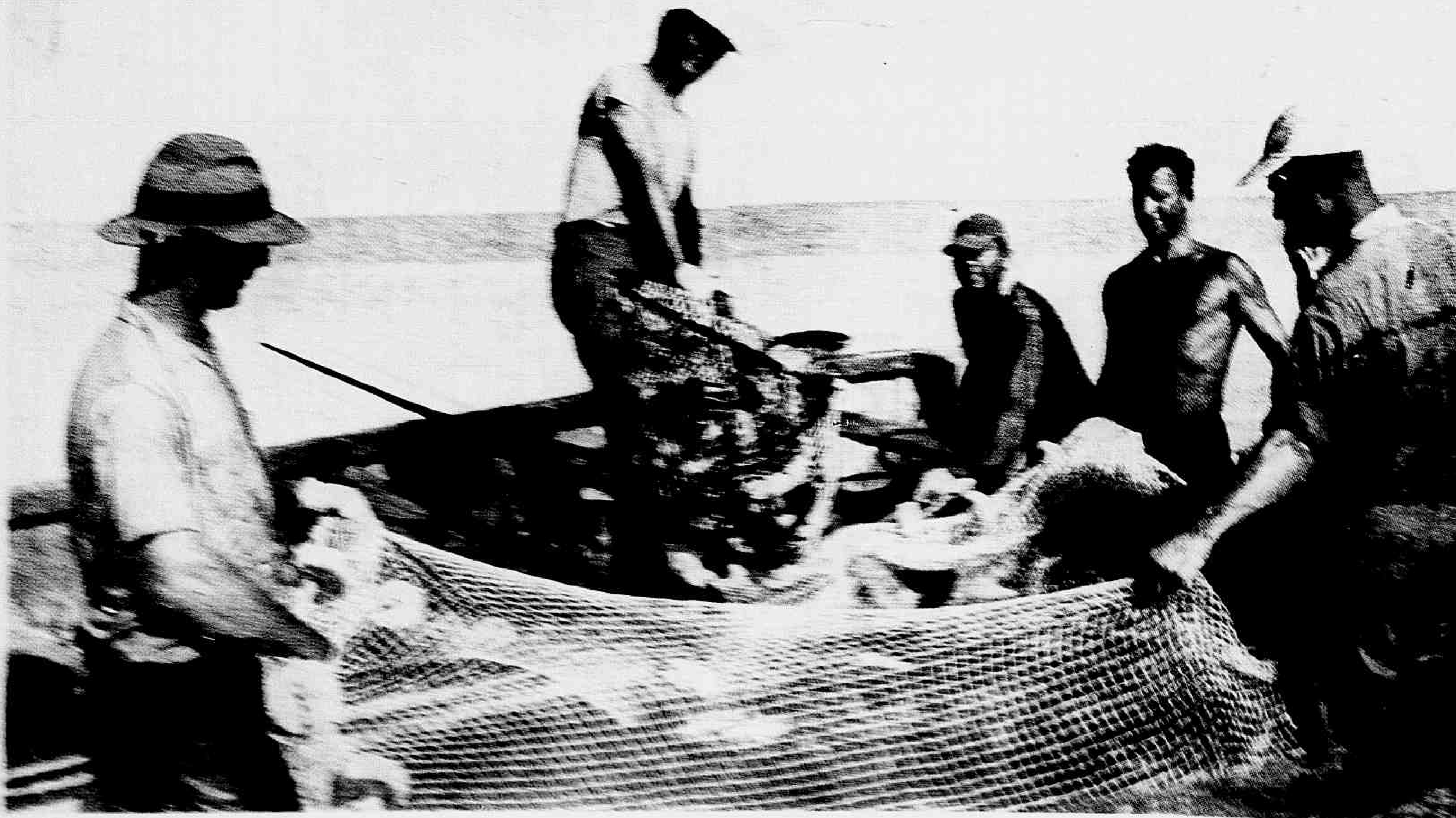




O VELHO DE ITAPOÃ

NOVELA DE MARTIANA

Continua na pág. 45



SUA MAJESTADE O TRIGO



A mecanização da lavoura é um imperativo para solucionar os problemas do desenvolvimento dos produtos agrícolas, na qualidade e quantidade. Esta fotografia mostra uma parte do parque de máquinas com vários implementos agrícolas, a postos para a faina diária nos vastos campos de trigo. Visão magnífica de uma nova era para a nossa agricultura

Texto e fotos de
NICOLAU MENDES

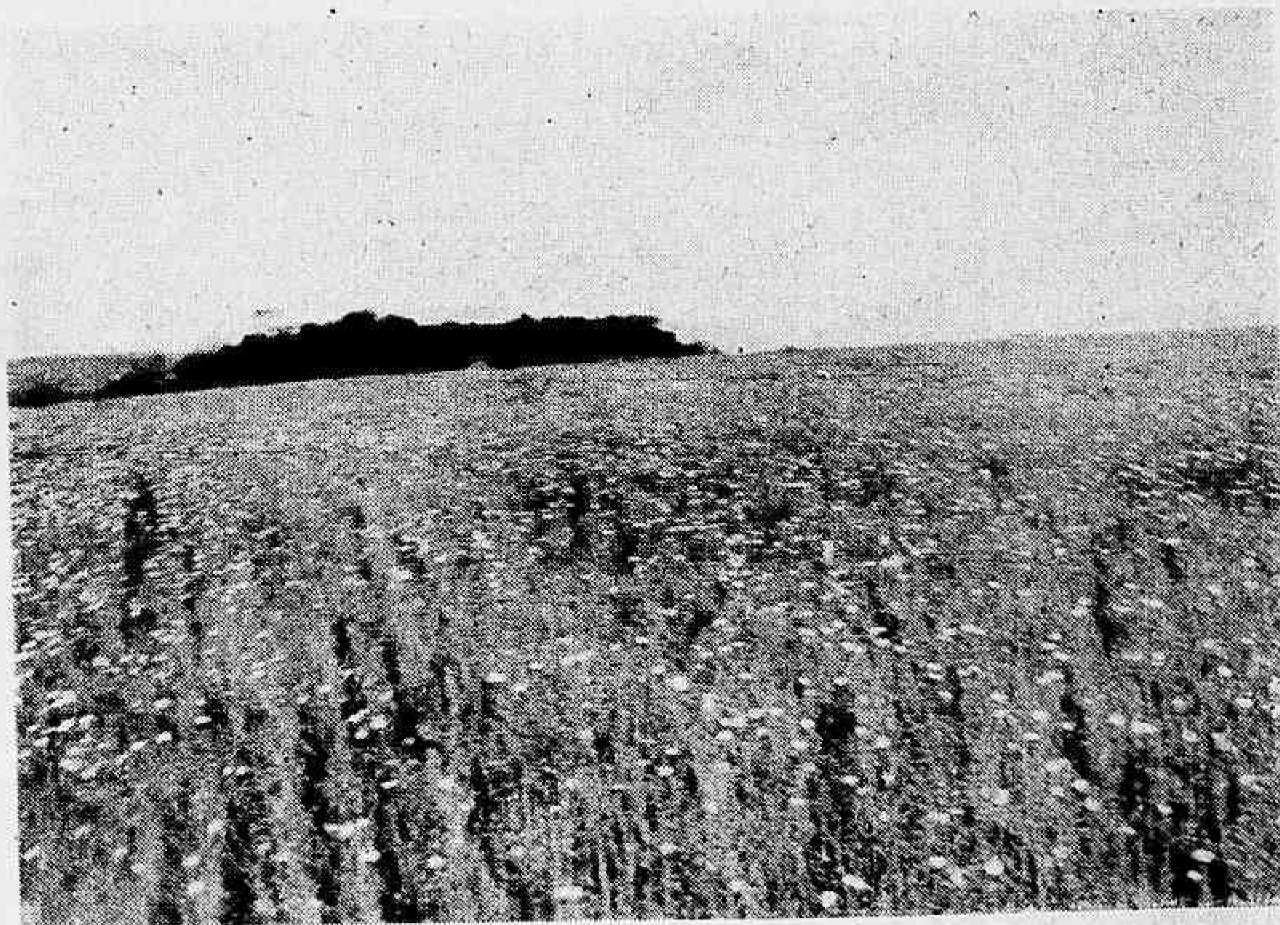
O ciclo que o mundo atual atravessa é remarcado pela velocidade e tem como denominador comum a inteligência e a cultura. Longe vai o tempo em que, em todos os setores das atividades humanas, se podia deixar para fazer no amanhã a tarefa designada para o hoje. Assim, não se concebe agricultura, em 1950, pelos métodos rudimentares de antanho, em que a máquina estava representada exclusivamente pelos antiquados e ineficientes arados impulsionados a bois de canga. Isso não. Neste fim de século de frenesi e de coisas atômicas, mecanização é forma trivial de progresso. Não mais se subordina o surto agrícola de qualquer país a sistemas usados no passado, como os que, aqui no Brasil, praticaram os colonos que se lançaram ao trabalho sem quaisquer vislumbres técnicos para o amanho racional da terra. Nessas priscas eras, o "slogan" do "plantando dá..." valia como hino de otimismo, pois que, então, ainda a gleba estava no seu apogeu de uberdade e, para colheita farta, bastava a queima do mato ou da capoeira e a consequente semeadura na coivara.

A BATALHA DO TRIGO

Estas considerações nos ocorreram após a visita que fizemos ao Pôsto Agropecuário



Recanto de um campo de trigo, o cereal-rei, que, antes de atingir sua beleza máxima, passa por uma série de cuidados especiais, que sòmente a técnica moderna pode realizar



No Pôsto Agro-Pecuário de Ijuí, além do trigo, cultivam-se outros cereais. Aqui, um campo de linhaça, em plena floração, dando idéia de um lago prateado pela luz da lua



Quando chega o momento da colheita, como vemos nesta foto, uma ceifadeira de tração animal entra em ação e começa o corte. Êste gênero de ceifa é moroso, mas eficiente



O cereal recém-colhido em feixes. Depois, mecanicamente como vemos na gravura, é o trigo devidamente classificado, ensacado e vendido. E recomeça a nova semeadura



Pont esôbre o rio Conceição, ligando o Pôsto à cidade. Em baixo, uma patrulha mecanizada em pose para a REVISTA DA SEMANA, pronta para atender os lavradores



de Ijuí, um dos esteios do magnífico edifício do celeiro que é, na realidade, o Estado do Rio Grande do Sul, unidade da Federação que se propôs, através da tenacidade de seus filhos e da multiplicidade de postos de auxílio e orientação aos agricultores, fornecer ao Brasil, com fartura, o alimento básico — o pão. E' de ressaltar-se, com tôda a justiça, na benemérita batalha do trigo, cereal-rei, os esforços quiçá a abnegação do ministro Daniel de Carvalho, Dr. A. R. de Oliveira Mota Filho, diretor do Fomento Agrícola Federal, e do dr. Afonso do Nascimento Mibielli, chefe de seção no referido Estado sulino. Pois a êles estão afetos todos os encargos administrativos de tão grandioso quão útil empreendimento, em uma nação, como a nossa, cuja economia repousa quase que totalmente no menor ou maior índice da sua agricultura. E o Pôsto Agropecuário de Ijuí, que tem a dirigi-lo o engenheiro-agrônomo Hilnon Guilherme Corrêa Leite, jovem apaixonado pela sua nobilitante profissão, se mais não tem concorrido para o incremento da agricultura no vasto setor que lhe compete, porque nêle estão enquadrados auxílios a municípios vizinhos e circunvizinhos, como Cruz Alta, Três Passos, Palmeira das Missões, Iraí, Passo Fundo, Santo Ângelo e outros, é exatamente porque a verba que lhe é distribuída ainda não cobre suas reais necessidades. Mesmo assim, deficiente em numerário, tem desenvolvido dentro de suas possibilidades, um programa sadio e relativamente coroado pelo êxito.

AS INSTALAÇÕES DO PÔSTO

Em automóvel, numa manhã batida por sol rutilante, saímos de Ijuí — cidade industrial situada ao noroeste do Rio Grande. E velozmente seguimos por uma estrada quase boa, a não ser por um ou outro trecho, até atingir o rio Conceição que, preguiçosamente, vai rolando suas águas escuras rumo ao Ijuí-Grande, um dos afluentes do Uruguai. Natureza bonita tivemos dado observar de cima da ponte, ali recém-construída, que se deve aos bons ofícios do Pôsto Agropecuário junto aos poderes competentes. Zona de mata na beira do campo, é uma festa para os olhos. Para o repórter, quase sempre circunscrito ao perímetro urbano da cidade e que possui espírito acentuadamente panteísta, um passeio nessas condições é recebido com satisfação inexplicável. O vento manso, através das coxilhas e quebradas da campanha maravilhosa, belíssima, que situa o pampa de amplidão serena, intimamo-se pela floresta exuberante. Chegamos já [illegible] perfumados pelas flores silvestres [illegible] [illegible] humano, [illegible] das boas máquinas [illegible] mesmo. Depois, já no alto de uma colina no seu conjunto [illegible] o casario do próprio Federal [illegible] [illegible]

FINALIDADES

De chegada, naturalmente, procuramos o dr. Hilnon Guilherme Corrêa Leite, o dinâmico chefe do Pôsto Agropecuário, solicitando-lhe esclarecimentos sôbre as atividades agrícolas e pecuárias do estabelecimento que administra. S.s., que é gentil e simples, também em palavras simples, passou a expor à reportagem os cometimentos de maior monta ocorridos no Pôsto desde sua instalação, em 1947. De início, adiantou-nos que as finalidades daquele departamento estão sendo progressivamente atingidas. Num crescendo compensador, a compra, revenda e distribuição de sementes selecionadas, mòrmente as de trigo, vão tomando impulso cada vez maior. Por outro lado, graças à esplêndida aparelhagem mecânica lá existente, não há óbices de vulto a dificultarem os serviços nesse sentido, de vez que, além do mais, pode êle contar com um moderno classificador de sementes, o que facilita sobremaneira a consecussão dos objetivos assinalados pelo Fomento Agrícola Federal. Haja vista a fé depositada pelos agricultores nas sementes que lhes têm sido vendidas pelo Pôsto de Ijuí, o que se pode orçar nalguns milhares de quilos anualmente, e que vem aprovando, em tôda linha, com insignificante margem negativa. Há, ainda, a focalizar-se o caso da venda e aluguel da maquinaria adequada. Em 1949, num verdadeiro "tour de force" e não com poucos sacrifícios, foram servidos satisfatòriamente 410 colonos dos arredores, que viram, assim, lavrados mecânica e eficientemente, para mais de 2.000 hectares de terras diversas, efetivando-se o plano das patrulhas mecanizadas, em boa hora instituídas pelo dr. A. R. de Oliveira Mota Filho, à base do sistema prático de aluguel. Aliás, a êsse diretor cabe a glória do movimento motomecanizado (**Mota-mecanizado**, como alguém sugeriu em honra ao nome do seu criador) existente no Ministério da Agricultura, movimento que preenche condignamente sua elevada finalidade. Pois nêle está compreendido um curso de tratoristas e monitores, localizado na Fazenda Ipanema, em São Paulo, que abrange um período exato de seis semanas e quatro meses, respectivamente, curso êsse que foi tirado, não há muito, pelo chefe do Pôsto Agropecuário de Ijuí, com plena suficiência.

APROVEITAMENTO

Mas nos intervalos das explicações que nos foram ministradas pelo dr. Hilnon, pudemos aquilatar do que havia na área do Pôsto. Além das casas residenciais, para funcionários e operários, tôdas elas confortáveis e até bonitas, vimos bem cuidados jardins, o silo com capacidade para quinhentos sacos de trigo, o enorme pomar com mais de seiscentas árvores frutíferas, e [illegible] extensão de terra cultivada com amendoim, soja, milho e mandioca em profusão. Ainda [illegible] acima de dezenas



A ceifadeira-atadeira é uma excelente máquina para os campos de trigo. Ceifa, ata e enfeixa o trigo, economizando tempo e dinheiro, reduzindo de muito o trabalho do homem. Nosso progresso agrícola naquela região do sul do país é cada vez mais desenvolvido e eficiente, com a assistência dos técnicos do Ministério da Agricultura, ao homem rural

árvores ornamentais, sebes, iluminação elétrica, água encanada, etc.

O Pôsto mantém máquinas em depósito para venda aos interessados, pelo preço de custo, o que, não resta dúvida, é um adiantamento na zona a que nos estamos referindo. Lá se encontram semeadeiras, capinadeiras, arados, grades, debulhadeiras, tudo material moderno e de eficácia comprovada. Enfim, a não ser na parte de pecuária que é incipiente, e isso, segundo nos afirmou nosso entrevistado, se deve à mais absoluta falta de verba, o mais vai de vento em pôpa.

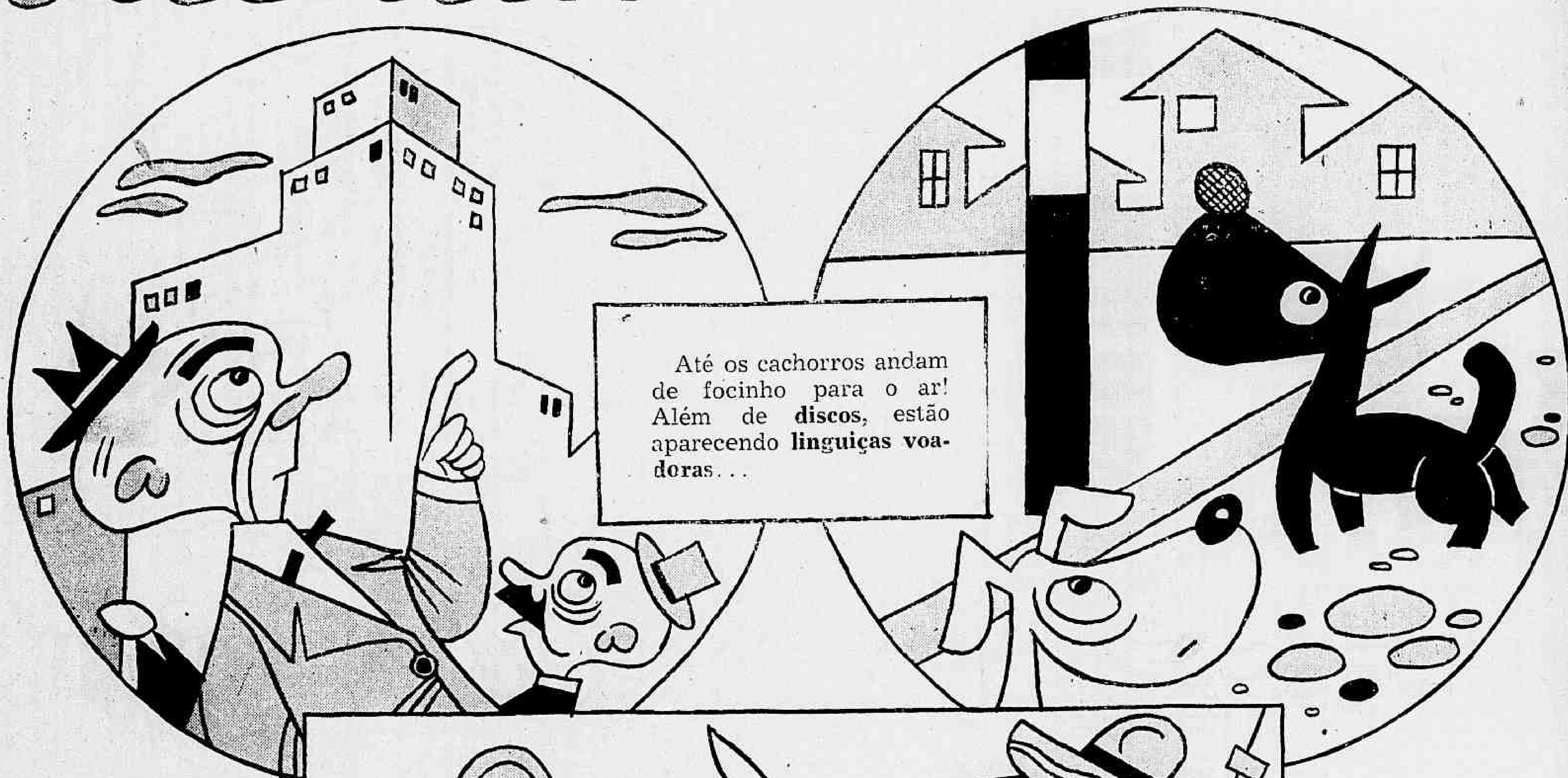
DE VOLTA

Pela tardinha, quando o sol já não estava a mais de duas braças, no poente, deixamos o Pôsto Agropecuário de Ijuí, pensando no acêrto de quem escreveu: "A riqueza mineral é o fundamento dos fortes impérios, mas a agricultura cria as pátrias pacíficas e, só ela, fixa os homens à terra pelo interêsse e pelo amor".



Processo de lavoura mecanizada para o leito em que deve ser plantado o trigo. Vemos aqui um possante trator, avançando como um tanque de guerra, a revolver o solo, levantando pó, rasgando o ventre da gleba. E' uma ofensiva de paz, e uma guerra de morte à crise alimentar, uma batalha abençoada, um grito de vitória pelo progresso do país!

Sete dias EM REVISTA









UM MAXIMO DE SENSAÇÃO COM UM MINIMO DE ROUPA

VANTAGENS DE SE CONTAR COM A AMIZADE DE UM COSTUREIRO — UM AMBIENTE PARA MARQUEEZ — MODELOS DE HERBERT SIDON, UM DOS MAIS FAMOSOS COSTUREIROS EUROPEUS

SEGUE NAS PÁGS. 30 E 31



DESDE que Eva, com sua indisciplina no par[...]tre, levou Adão a ir seperando verbas de[...]s a roupas, êste velho mundo vive com dores [...]eça por motivo de indumentárias, especialmente a [...]rda-roupa feminina.

Sòmente na antiguidade clássica o figurino s[...]nha com uma simplicidade adorável, e, muitas vêze[...]rme as regiões, homens e mulheres se vestiam quase[...]rma idêntica, com aquêles grandes mantos colorido[...]oca-tivos da vida dos santos, dos profetas e dos [...]los.

No homem a clâmide era de uma imponência [...]vel. Na Idade Média é que a sociedade humana [...]u a complicar o vestuário e homens e mulheres [...]iam em público cheios de roupagens gritantes, com [...]dos, rendas, punhos, plissados, etc., verdadeiros b[...] de bazar para atrair a gula ocular das crianças.

No Brasil, embora nossa pátria nada mais [...]en-tasse da Idade Média, ainda sofremos as influ[...] das côrtes européias cheias de balangandãs e enfeit[...]ôda casta. As anquinhas, os punhos de renda, os [...] de veludo, os colarinhos altos, as cabeleiras emp[...] as anáguas superpostas, as calçolas, etc., eram [...]e e elegante na sociedade brasileira, e maridos e pa[...]vam tontos com as contas das modistas sòmente para das iaiás da aristocracia.

Com o desenvolvimento da moda, surgiram os [...]ers" com todo o seu cortejo de novidades e meios d[...]dar a clientela sempre ávida de luxo e elegância.

Uma das vantagens de contar-se com a a[...] de um costureiro é poder convencê-lo a mostrar no[...]mas de suas deliciosas criações ainda com alfinetes [...]nha-vos — e depois fazer a escolha entre os modelo[...]ron-tos. E quando é uma atriz de teatro que precis[...]r-se, quem mais indicado do que um costureiro esp[...]zado em vestir artistas de teatro?

Assim pensava Marqueez, notável atriz inglês[...]ando foi solicitar o auxílio do costureiro Herbert Sid[...]e já a vestira numerosas vêzes para os espetáculos [...]Para-dise Club" e no "Cocoanut Grove", e que fêz [...]trajes para "Fine Feathers" e outras peças.



A ESTRELA MARQUEEZ fêz um apêlo a Herbe[...] Sidon[...] sas e exóticas, saídas do espírito inventivo do [...]stre [...] grafia vêem as nossas leitoras, as diversas fase[...]de co[...] elegante e aristocrática. Com alguns metros de [...]azend[...] imaginou três modelos arrebatadores para ela, q[...]ue se d[...]

Aí o problema em geral era o de criar um máximo de sensação com um mínimo de roupas. Desta vez Marqueez queria um vestido razoável e uma sensação modesta para exibir fora do palco. O indispensável era um ambiente para Marqueez.

Já não é apenas o chefe de família que se angustia para conseguir vestir uma filha, irmã ou espôsa. Não se trata apenas do problema **dinheiro** com que pagar-se a conta da modista ou do costureiro. O caso agora é mais sério: trata-se de agradar as "estrêlas" do palco ou da tela.

O mestre Sidon teve que dar tratos à bola para agradar à famosa Marqueez. Precisava que dali saísse um modêlo original e atraente, um modêlo "Marqueez"...

E êle convocou todos os seus auxiliares e exibiu muitos metros de tecidos de grande valor e enorme quantidade de alfinetes. A atriz estava à espera que do crânio do costureiro saísse qualquer coisa que causasse sensação.

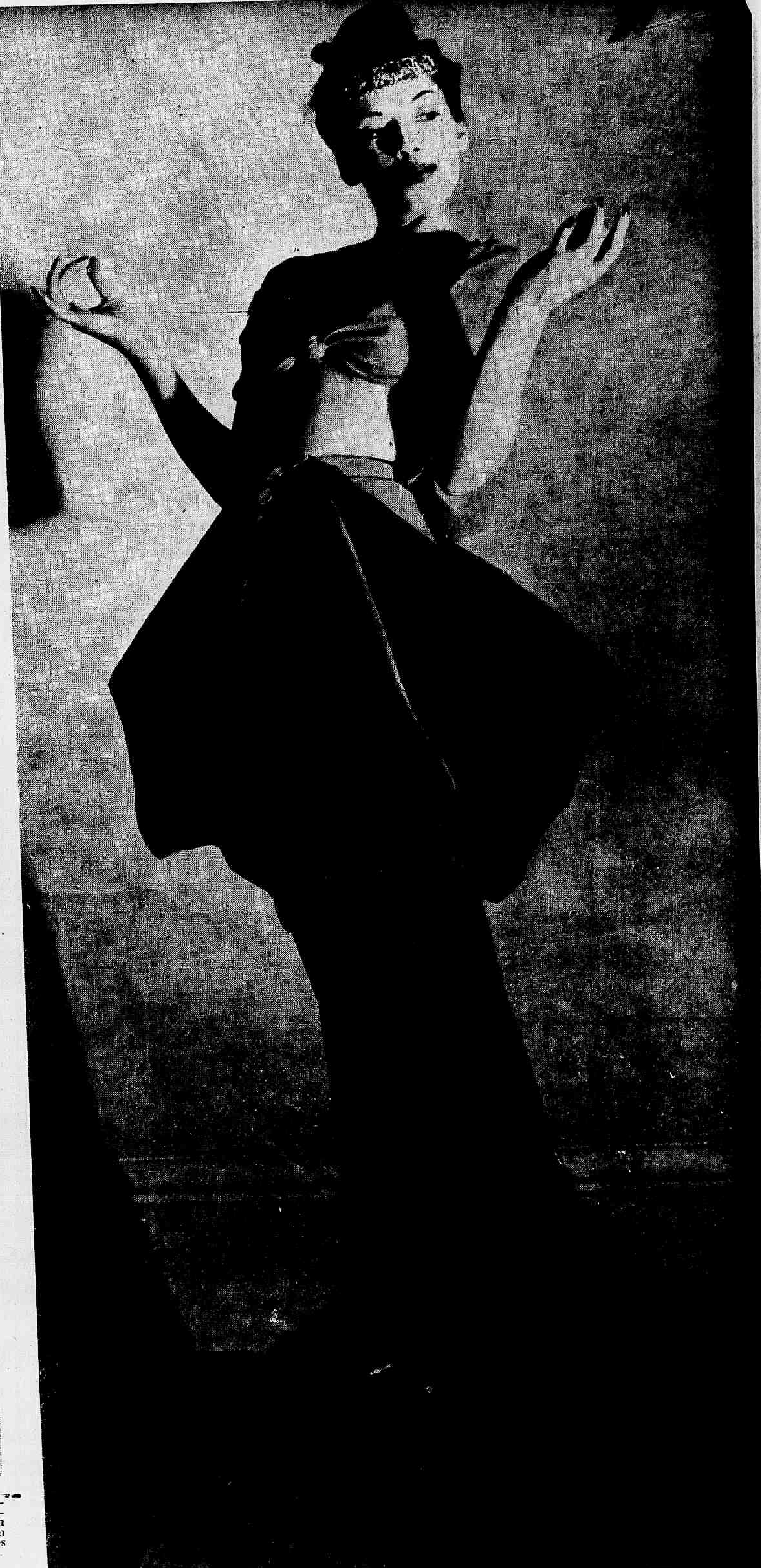
Tinha êle à mão, todos os elementos para lançar à moda uma de suas criações, repetindo a lenda de Pigmalião. A diferença era que não sujaria as mãos no barro original, mas sentiria nelas a carícia das sêdas e aspiraria o perfume que exalava o corpo celestial de sua modêlo.

Em poucos instantes envolvera a "estrêla" britânica e lhe mostrara três modelos admiráveis, três glamurosas e exóticas criações "Marqueez". A bela artista não pôde deixar de entusiasmar-se com o poder inventivo do mestre a quem solicitara, em patético apêlo, que lhe desse algo de belo e artístico.

E ela escolheu uma linda criação em crepe vermelho e cetim púrpura, lindamente glamurosas, exóticas e provocantes. Indiscutìvelmente sòmente ela poderia usar aquilo, pois que só existe uma atriz com o nome de Marqueez.

Herbert Sidon que criou êsses vestidos, foi também o criador dos modelos de muitos espetáculos londrinos, inclusive "Sweetest and Lowest", "Talking of Tightropes", o **ballet** de "The Nightingale" e Irene Manning em "Du Barry". Foi ainda êle quem fêz os modelos para a produção holandesa "The Miracle", dirigida por Max Rheinhardt.





**a HerberSidon para que lhe desse a sensação de vestir criações glamoro-
tivo do stre de corte para mulheres belas. E Sidon a atendeu. Nesta foto-
rsas fasesde como se lança uma criação sensacional no mundo da moda
netros de azendas finas e excitantes, e punhados de alfinetes, o mestre Sidon
ra ela, quse deslumbrou com a arte dêsse homem que veste as celebridades**

BONDE ERRADO

— Até parece que o sr. Santos hoje está me perseguindo, 'minha" Deus!

E Miss Moore riu o seu riso civilizado de inglêsa. Janet Moore falava perfeitamente o português com exceção do gênero dos possesivos.

Mário Santos reconheceu mentalmente que de fato já se haviam encontrado três vêzes naquele dia. De manhã, no elevador, na hora da entrada e da pressa ansiosa para assinar o ponto. Mal se haviam cumprimentado. Depois êle a avistara no restaurante, à hora do almôço. Pensara em deslizar despercebidamente, mas Miss Moore voltara-se justamente quando êle passava, numa presciência que seria maravilhosa se não fôra o grande espêlho central do bar. E agora, pela terceira vez, haviam se colocado ombro a ombro na massa de gente que se comprimia no portão de saida.

— E' verdade, Miss... Se houvéssemos combinado, talvez não nos encontrássemos...

— Talvez...

A malicia que havia no dissilabo de Miss Moore, fêz Santos se arrepender tardiamente da observação que fizera... Coisa estranha, uma inglêsa maliciosa! Bem! Adquirira a malicia com quinze anos de Brasil. Viera da Inglaterra com dez anos de idade, acompanhando o pai, designado pela matriz da grande emprêsa elétrica para um cargo de chefia na filial do Rio de Janeiro. Mr. John Moore que havia pouco tempo antes usado seus pistolões para não ser transferido para o Sião, ficou sem defesa, e teve mesmo que vir para o Brasil, maldizendo sua sorte e com uma saudade estranha dos siameses.

Janet Moore ao completar vinte anos, sem nenhuma necessidade pecuniária, sòmente para ter o que fazer, empregara-se na emprêsa, como estenógrafa do pai. Naturalmente, para não fazer coisa alguma, o que não a impedia de ter um bom ordenado. Conhecera o Mário Santos, uma vez que êste fôra ao escritório de Mr. Moore entregar uns papéis. Forçosamente, isso não seria razão suficiente, pois vinha muita gente ao escritório do pai. Mas, acontecera que quando Santos entrara ela cabara de espalhar uma caixa de "clips" no chão. O rapaz prontificara-se gentilmente em ajuntá-los e isso fêz com que Miss Moore passasse a reconhecer o rapaz tôdas as vêzes que o encontrava.

Escaparam da multidão que expluia pelo portão aberto de par em par. Pararam na calçada. Santos não gostava de ficar vis-a-vis com a inglêsa pela razão aparentemente fútil de que ela era duas polegadas mais alta do que êle. Isso parecerá tolice mas só para quem nunca conversou com uma mulher mais alta. Mas, não era só por ser mais baixo que o Santos detestava os colóquios com Miss Moore. Havia outra coisa que o enervava profundamente. Era a série de perguntas que ela fazia, sempre as mesmas, infaliveis:

— "Seu" senhora está passando bem?

— Já está boa...

A principio êle acrescentava um "obrigado". Depois achara supérfluo o agradecimento pela atenção, tão desnecessàriamente repetida. Datava essa solicitude da inglêsa pela Madame Santos desde que ela e o Mário Santos se haviam encontrado numa festa esportiva em homenagem a Mister Moore. Santos comparecera sòzinho e explicara a ausência da espôsa por doença. Desde então, mil vêzes que encontrasse Janet Moore, mil vêzes essa perguntaria pela "seu senhora". O pior era a forma insidiosa com que era feita essa pergunta na qual Santos pensava descobrir, sem saber como, um completo desinterêsse pela pseudo-doente. Aliás, êle pensava descobrir coisas, inexplicàvelmente, em tôdas aquelas relações que mantinha com a inglêsa. E' tão dificil saber-se os sentimentos dos estrangeiros. E' uma gente diferente, de costumes e moral estranhos, enfim, é uma gente... estrangeira, mesmo!

Depois do ajuntamento dos clips espalhados, Janet Moore achara de se atirar para êle tôdas as vêzes que o encontrava. Fazia-lhe o clássico interrogatório, cujos quesitos iam aumentando à medida dos acontecimentos, sem perder a ordem cronológica. Mas, isso era só para dizer alguma coisa, pois tôda sua ação oral era fria e velada. Agora, o que ela fazia, sim! Santos ficava aturdido! Costumava ficar olhando-o bem nos olhos, sem desfitar um segundo, com uma fixidez hipnótica. Um olhar parado, cinzento, no qual o rapaz lia coisas que nem queria acreditar. Ou seria êle que traduzia mal? Mas, quando se despediam, ela apertava sua mão virilmente, semi-cerrando os olhos e mordiscando os lábios... Isso dava uma sensação positiva no Santos... Não podia ter dúvida, nas traduções que fazia... Era universal, era o esperanto dos instintos despertados... Ou não era?

A verdade é que Santos se afastava da inglêsa, interdito, impressionado, e sempre vagamente humilhado pelo tamanho da inglêsa e por sua iniciativa... Sentia pesar no seu orgulho aquêle olhar de cima para baixo, aquêle apêrto de mão também de cima para baixo, aquela conquista de cima para baixo...

Parados na calçada, bi-partindo a massa de transeuntes como se fôssem um rochedo na correnteza de um rio, Miss Moore continuava seu interrogatório e Santos imaginava a desculpa para se despedir.

— Vai amanhã à praia?

Isso fazia lembrar ao Santos o dia em que acordara mais cedo e fôra espairecer sua melancolia de suburbano em frente ao areial de Copacabana, e encontrara Miss Moore, ainda de "maillot" pois ela entrava mais tarde. Para uma inglêsa, não era mal de todo o busto modelado, a cintura fina e as pernas grossas. Estava em companhia de diversos compatriotas e por isso se limitara a acenar-lhe um gesto amigável. Essa pergunta de Miss Moore, insidiosa como tôdas, agregada ao seu interrogatório desde êsse dia, servia para lembrar ao Santos a magnifica plástica que se ocultava sob os desajeitados "tailleurs" do escritório.

Outra pergunta, também contenciosa, era por que êle não fôra mais almoçar no Bar Londres. E êle se lembrava da Janet em companhia de um inglês grandalhão, fumando e bebendo, pernas traçadas e um ar "canaille" meio convencional.

Santos procurava fugir ao interrogatório, meio encabulado e meio irritado. Afinal de contas que queria aquela inglêsa com êle? Porque alguma coisa ela queria, sem dúvida... Ou não? Era filha do chefe, não fazia nada, ganhava um ordenado três vêzes maior do que o dêle que largava o couro no trabalho, e para se divertir, achara de o andar fazendo de tôlo com aquela insistência em falar com êle, questionando-o com um interêsse ficticio, fazendo-lhe gêstos enleiantes, isso para encobrir, ou melhor, para realçar uma vontadezinha de espicaçá-lo, enchê-lo de brios, fazer-lhe ciúmes, enfim, uma porção de indecências mascaradas... Estava-o seduzindo, a êle, homem adulto, casado, com filho! Ora, francamente! Qualquer dia ela abusaria dêle e êle teria que fazer queixa à policia! Bolas! Teve vontade de ali mesmo no meio da rua fazer-lhe uma proposta bem imoral, sem mais preâmbulos,

(Cont. na pág. 46)

CONTO DE **EDUARDO GROTA CARRETERO**
ILUSTRAÇÃO DE **OSWALDO DA CUNHA**

Oswaldo da Cunha



Casebre coberto de zinco, equilibrando-se nas encostas dos morros do Rio, ou esparramando-se nas baixadas, à margem dos mangues, eis a floração degradante da Favela, a... toado assimétrico de habitações urbanas da Cidade Maravilhosa, cujos dirigentes ainda não quiseram ou não puderam transformar. Essa é a fisionomia dos nossos ...

"FAVELA, OI! FAVELA! FAVELA QUE TRAGO NO MEU CORAÇÃO!"

TIPOS QUE SUBIRAM O MORRO E SE FIXARAM LÁ EM CIM

LEGIÃO ESTRANGEIRA DA FAVELA ★ UM POUCO de COMPAIXÃO PARA COM O MORRO ★ FUGIRAM DAS PÁGINAS DE JOHN DOS PASSOS PARA O REDUTO DO SAMBA ★ REPRESENTANTES DE VÁRIAS RAÇAS EM ATIVIDADES DIVERSAS

Reportagem de ARMANDO PACHECO

NESTA nossa querida cidade de S. Se-
bastião do Rio de Janeiro, velho tema
é a Favela. Eterno motivo de poesia,
samba-canção e crônica policial, o mórro
granítico que domina a Central do Brasil
vale bem uma página da história da me-
trópole de Noel Rosa. A Favela tem es-
colas de samba, tem malandros, tem gente
boa e decente, tem música, tem inimigos
da lei, tem personalidade também. Tanto
quanto o Pão de Açúcar ou o Cristo Re-
dentor, a Favela se tornou ponto de refe-
rência. E além de tudo seu nome pito-
resco figura nos dicionários demográficos
ou urbanísticos como símbolo ou designa-
ção dêsses mostrengos onde por falta de
habitação residem os miseráveis das casas
de latas, agarrados a uma solução de emer-
gência, dia a dia se eternizando sem espe-
ranças de conseguirem moradias dignas
do gênero humano. Lá em cima, arriba —
como diria o espanhol — no morro se mora
e se vive assim. Incrível acrobacia fazem
muitos "barracos" para o equilíbrio nas
escarpas, para se manterem à beira do
abismo. Cá em baixo está a cidade preo-
cupada com seus problemas cotidianos, cas-
tigada pela canícula, tomando conhecimento
da Favela pela leitura dos jornais quando
algum desordeiro fugido da polícia se ho-
misia no morro ou ainda quando a letra
de um samba canta a Favela, berço de
violão, mulata e cachaça.

"FAVELA, ÔI FAVELA! FAVELA QUE TRAGO NO MEU CORAÇÃO!"

Inspirando melodias ela se tornou mais
simpática e humana ao carioca e ao tu-
rista. E se entre nós houvesse a boa von-
tade oficial no sentido de incluir o morro
e seus habitantes no mapa e censo da
cidade, melhor espetáculo proporcionaria
a Favela. Já é tempo de conquistá-la e
conquistar sua gente tão digna como outra
qualquer, das alturas ou da planície. Um
cenário presente sempre nas composições
populares merece destino mais justo. Não
deve ser esquecido, ignorado e desprezado
o morro mais característico da Cidade Ma-
ravilhosa. Um pouco de carinho, de boa
vontade e compaixão para com a Favela,
senhores escribas, legisladores e adminis-
tradores! Ela também é Brasil e seu pessoal
também é filho de Deus. Lembrai-vos, quan-
do nada, dos votos que podereis arreba-
nhar líquido e certo se fizerdes um pouco
por tantos que do alto daquele morro há
quarenta anos vos contemplam e vos es-
peram! Ide até êles! Não foi à tôa que se
fizeram sambas imortalizando aquela te-
mível cidadela de pedra e barracões de
flandres, tendo a cidade a seus pés, vi-
vendo porém num sub-mundo. Lembrai-vos
dêstes sambas:

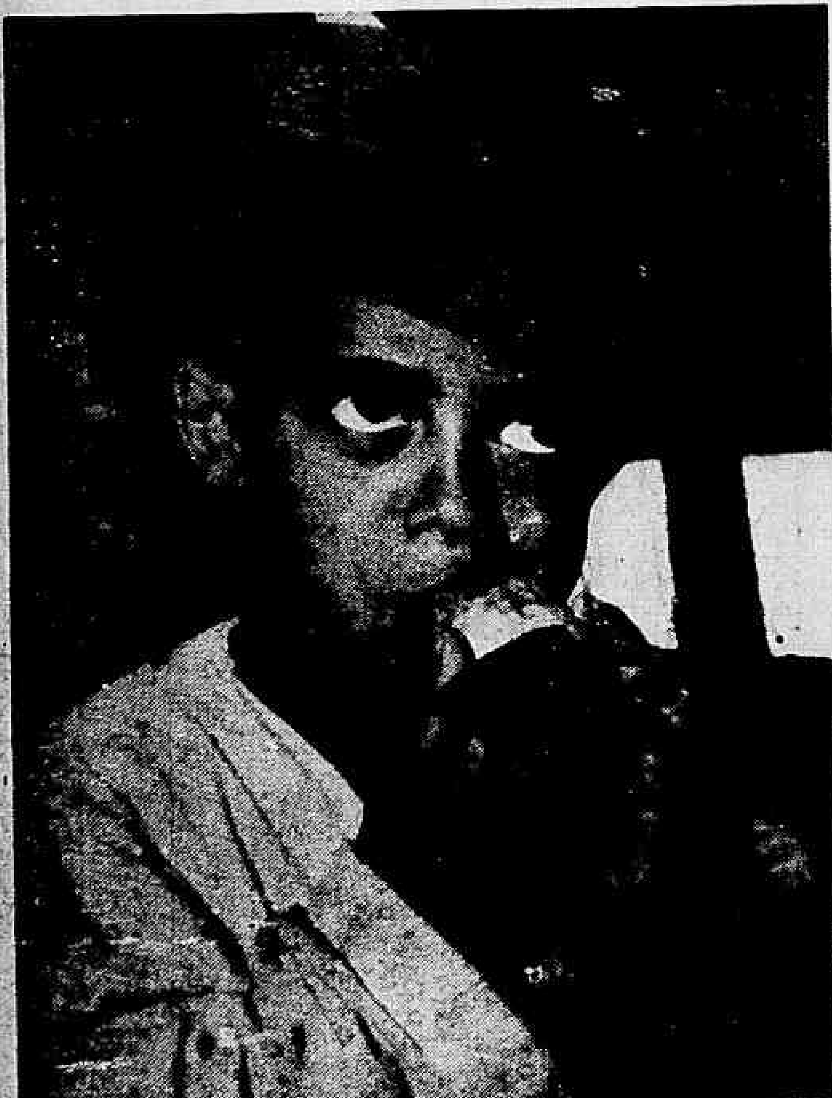
"No carnaval me lembro tanto da Favela, ôi!
Onde ela, ôi! Morava!
Me lembro tanto do café numa itgeja, ôi!..
Que ela, ôi! Me dava!"

E êste:

"Favela, ôi! Favela!
Favela que trago no meu coração!
Ao recordar com saudade
A minha felicidade
Favela do sonho, do amor,
E do samba-canção!"

A LEGIÃO ESTRANGEIRA DO MO

Quanta coisa se poderia dizer da
vela como motivo de melodias famosa
passado! Muito, mesmo. Preferimos, p
antes da apresentação do assunto
reportagem sôbre a colônia estrange
Favela, chamar as boas graças de
de direito para a sorte do populoso
olvidado com as suas centenas de
sem escolas, suas dezenas de velho
assistência social e uma infinidade
fermos sem **a mais leve esperança**
compense a pena de viver. Mais
Diga-se assim. E agora falemos
versos estrangeiros que moram lá
criaturas de nacionalidades vária
suas razões pessoais suficientes para
ficarem o "habitat" naquelas altura
mênios gregos, russos-brancos, turco
panhóis, italianos, alemães, lituanos,
guêses, finlandeses, suecos, chines
gentinos, americanos, uruguaios, ch
e até brasileiros vivem no cocoruto da



A criança da favela é um futuro sambista, um malandro, ou um "astro" do rádio... Êste, até parece um artista...



O grande problema da favela é a água. Como esta velhinha, o morador da favela vive e morre carregando água...



O morador do alto do morro, não pode usar gás, nem eletricidade. A lenha e o querosene, são os seus combustíveis

tanha granítica. Só êles sabem por que lá se encontram: uma mulher, uma cabeçada, um tropêço na pedra do meio do caminho do destino, um caso qualquer levou-os ou elevou-os àquele pináculo de vidas anônimas. Até uma família judia preferiu a Favela aos "ghetos" do Rio, uma família humilde como sabe ser humilde um semita sem dinheiro e na adversidade. Lá em cima o elemento mais arrogante é justamente o afro-brasileiro, pelo fato de se considerar dono do terreiro. Ao contrário dos protótipos de sua raça, o alemão que encontramos é um homem sensato, pacato, partidário do chôpe, da República de Weimar, de Beethoven, Hegel, Heine, Thomas Mann e tudo mais eminentemente anti-prussiano. Para Wilhelm Wildberg — êste seu nome — a Alemanha ficaria muito bem bitolada dentro dos postulados democráticos de Weimar, ou fideicomisso da ONU. Homem vivido, nosso amigo germânico que é excelente mecânico e metalúrgico, sabe quanto tem custado à pátria a belicosidade dos manes de Wottam. Por isso (Wilhelm foi sincero com o repórter) para êle não têm expressão Frederico o grande, Bismarck, o Kaiser, Hidenburg e muitos menos Hitler. A seu ver os maiores responsáveis pelos retrocessos históricos que a Alemanha tem sofrido são precisamente os cavalheiros acima citados.

FUGIRAM DAS PÁGINAS DE JOHN DOS PASSOS PARA A FAVELA

Outra figura pitoresca, interessante, é o sapateiro italiano Giacomo Giardino. Loquaz feito o diabo, Giardino fala pelos cotovelos. E que linguagem engrolada e cheia de palavrões nossos e dêles! A desculpa de se encontrar presentemente na Favela — informou jurando, beijando as pontas dos dedos — foi a perseguição movida contra êle pelos fascistas. Agora não sai mais porque se acostumou, tem dois "bambinos", Pascoale e Rafaele, e está satisfeito com a vida de lambe-sola. Adora a democracia racial e a mulata é a tal.

Bachir Daker, o armênio, disse-nos ter sido um dos "alfaiatezinhos do gheto de Salônica", mas como fala por monossílabos ficamos nisso. Um enigma ou mero personagem de John Dos Passos? Tipo de malandro de Cas-Bas pareceu-nos o egípcio Raschid, de Alexandria, espiando o mar



Dizem os pedagogos que, se quisermos merecer o nome de civilizados, temos que cuidar da criança 150 anos antes de nascer.. Que diriam êles se vissem as crianças afaveladas do Rio?. Morando em pocilgas, num ambiente de arraial de Canudos, de onde, aliás, veio o nome de "favela", essas pobres crianças, em geral, seguem a rota do crime e do vicio...

lá do alto, à espera de um cargueiro com alguém de Capri.

Impenetrável como os "fjords" de sua terra é o finlandês ou norueguês — **chi lo sa?** — Fjoest. Vende vassouras na cidade vive para o cachimbo, a criola que lhe cuida do barraco e uma cadela saltitante que o aguarda no último degrau da escadaria, de volta do trabalho. Enquanto Fjoest e Bachir primam pela taciturnidade, o espanhol Felipe de Barcelona, como o italiano Giardino, conversa pelas tripas de Judas. Foi quem nos deu todo o serviço do pessoal que aqui aparece. Qualquer dúvida ou equívoco será lá com êle. Durante a guerra contra Franco Felipe lutou leoninamente, mas o caudilho venceu e êle deu com os burros nágua, quer dizer, na Favela. Êsse catalão jactanciou-se de haver conhecido o repórter John Reed em Liverpool, já esteve ligado aos primeiros anarquistas do século, trabalhou em São Paulo, Rio Grande e no Acre, entrando no Brasil por Tabatinga, por onde, segundo seu depoimento, escapolem para o nosso país muito clandestino, dada a falta de policiamento nas fronteiras.

O chinês da Favela é garçon nas imediações da Central e abrasileirou seu nome para João, que êle pronuncia Zóon... dizendo considerar-se "basilélo"...

Salim, o turco, negocia com espelhos de algibeira nos trens suburbanos. O americano Hopkins vende relógios. O argentino Castillo tem a **pinta** do proxeneta. O uruguaio Rueda é açougueiro. O belga Delamare Cornotel biscateia com frutas nos estádios de futebol. E finalmente o grego Jacocoupoulus veio do mar Egeu para o morro. Heleno, trigueiro "do mar que Ulisses cortou", êsse cidadão bizarro, escafandrista risonho, também é filho de outras plagas, perdido na Favela. Dessa legião estrangeira insondável, onde cada elemento, cada espécime é uma novela caprichosamente escrita por essa fértil romancista ambidestra que é a fatalidade.

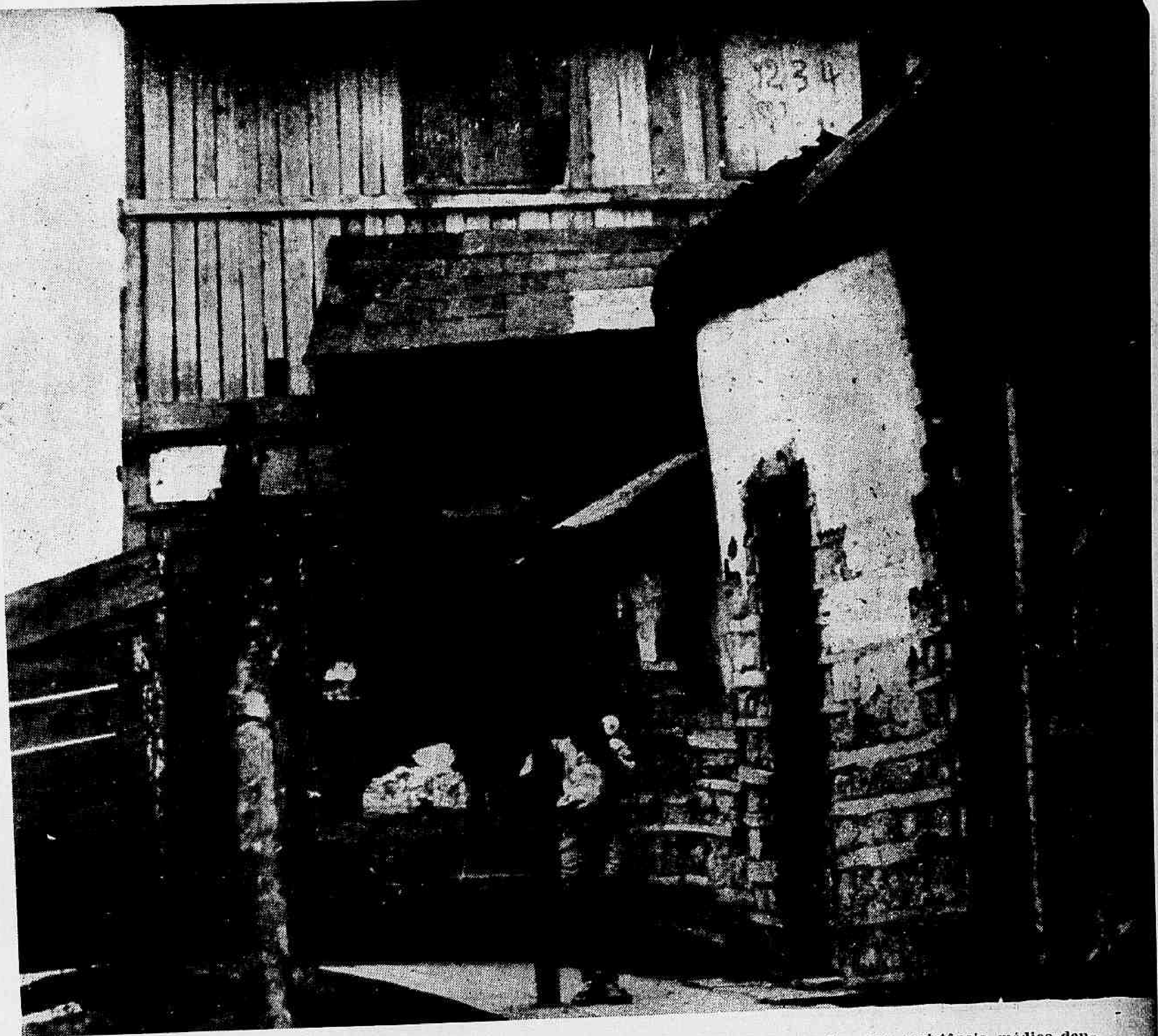
UM RUSSO DAS ARÁBIAS

Durante o dia essa coletividade estranha se esparrama pela metrópole no exercício de atividades díspares, na conquista do pão de cada dia. Como os naturais do morro, êles partem manhãzinha e retornam pelo fim da tarde ou bôca da noite, sêres heterogêneos irmanados, no entanto, no mesmo desejo de um teto, seja êste de palha, telha vã ou de lataria. O que importa é o sentido de propriedade: ter um lar, se é que assim se pode chamar àquele arremêdo de casa de cachorro. A escadaria anti-reumática que dá acesso ao morro simboliza os limites do seu mundo, fronteira da Favela caluniada e desconhecida, onde a polícia jamais comete a asneira de lá ir. Está se civilizando a Favela — menos, é claro, por iniciativas oficiais — e de uns tempos a esta parte diminui o número de casos desabonadores do "modus vivendi" local. Estrangeiros e nacionais têm seus problemas complicados mas vão indo sofrìvelmente numa solidariedade tácita também indiferentes ao outro mundo cá de baixo.

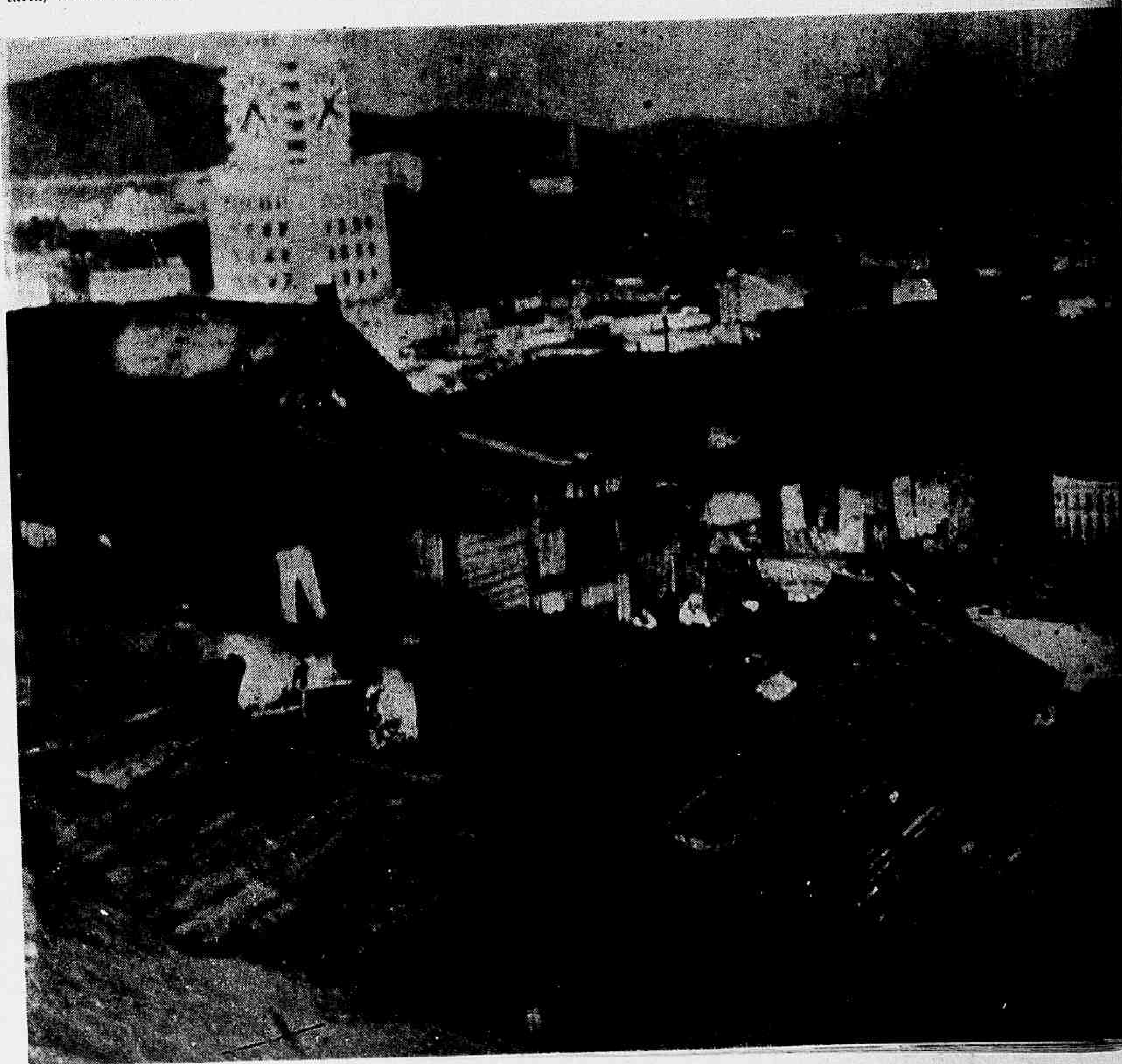
Volodia é o russo branco, de gestos agrestes como as geladas **stepes** de sua pátria longínqua, lembra um personagem de Tolstoi, olhos azuis injetados de sangue pelo abuso da aguardente, substituta sem dúvida do velho "vodka" de sua aldeola natal. Não gosta dos atuais senhores da Rússia, mas durante a invasão nazista esqueceu pontos de vista práticos e odiou de morte o **boche.** E se não fôra o anti-hitlerismo de Wilhelm Wildberg, ter-se-ia verificado possìvelmente uma tragédia no morro. O apoliticismo do alemão salvou-o de uma discussão fatal. O russo tem fama de ser excelente carpinteiro e suas obras ilustram vitrines de importantes casas de móveis. E' pai de dois casais de filhos nascidos em S. Paulo, onde Volodia possuiu um estabelecimento, no Braz, e onde prosperou até o dia em que descobriu que o sócio pretendia também sociedade na sua vida conjugal. Êle próprio não se acanha e sintetiza sua história:

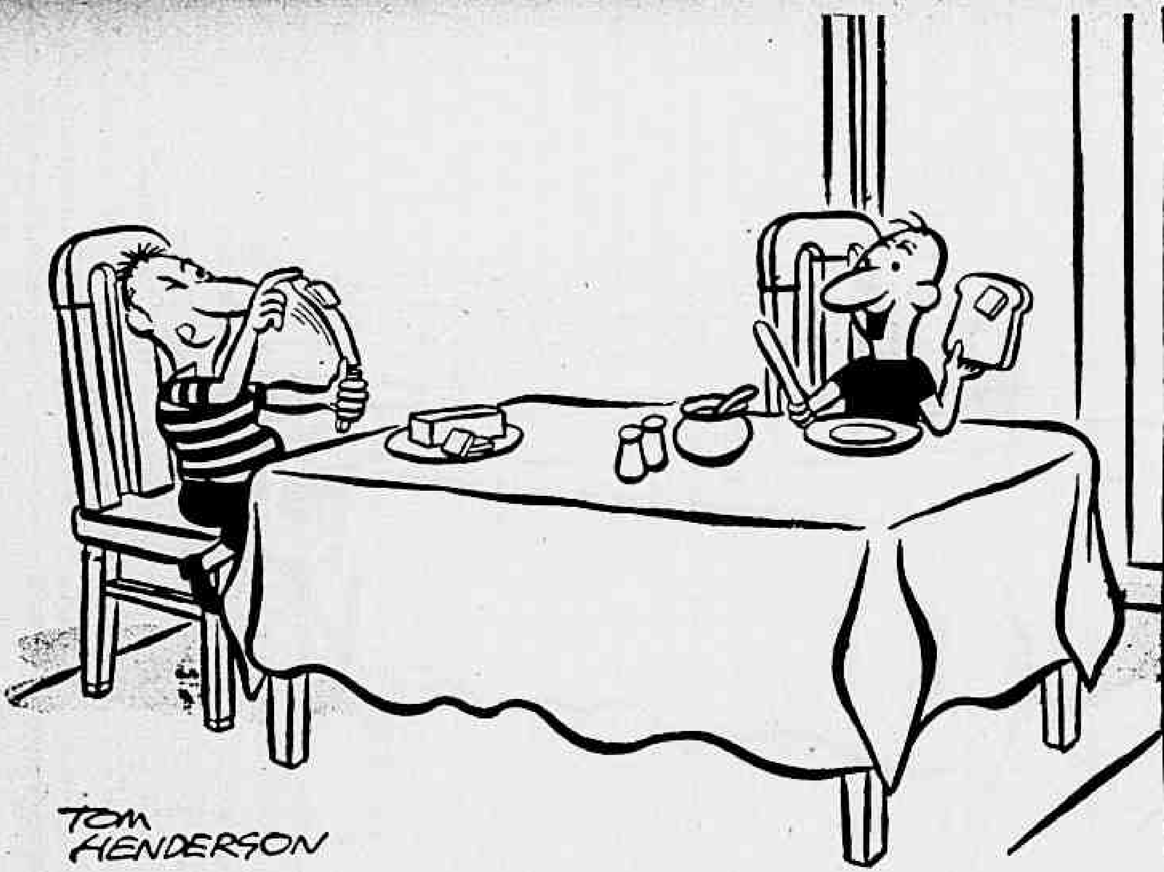
— Castiguei o traidor. Cumpri pena. Meu bom comportamento ajudou-me. A mulher foi viver com os filhos em casa dos parentes, deixei tudo para êles, quero dizer, em nome dos meus filhos, e vim começar vida nova na Favela. Voltei a ser operário, mas estou satisfeito, pois agora, sòzinho e sem a responsabilidade de antes, posso pôr a cabeça no travesseiro e dormir, so-

(Continua na pág. 45)



No casebre imundo, quem mais sofre é a criança. Sem parques de diversão, sem jardins, sem escolas, sem assistência médico-dentária, vive a infância nesses aiampamentos miseráveis. (Em baixo) Vista da "Cidade Maravilhosa", tomada do Morro do Pinto





— Ôba! Mande outra fatia...



Ótimo, ótimo, senhorita!

BOM HUMOR





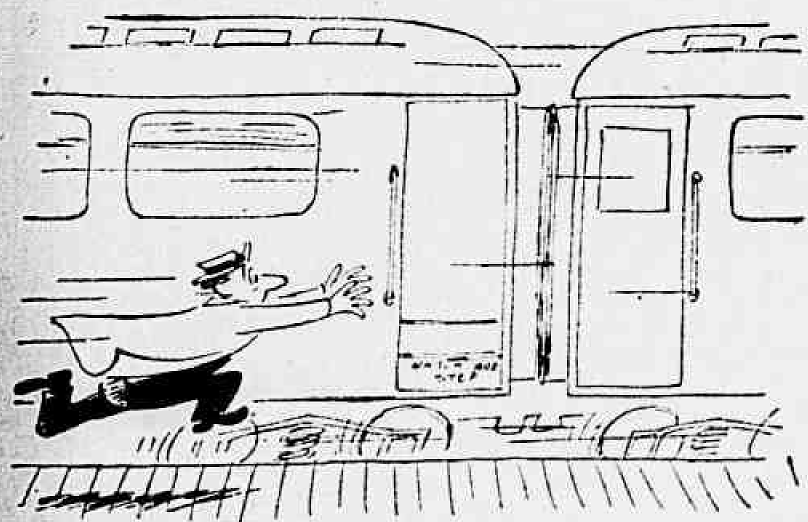


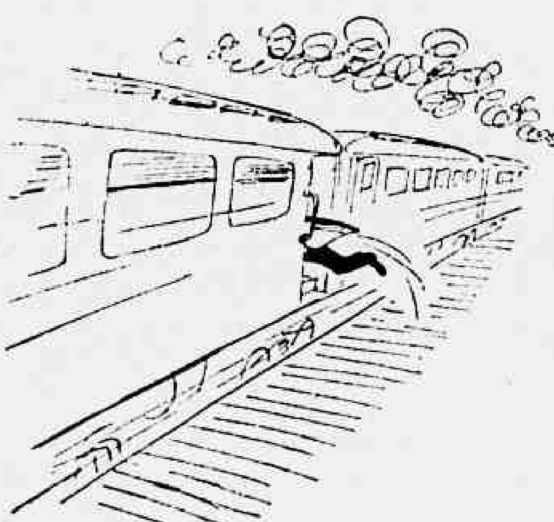


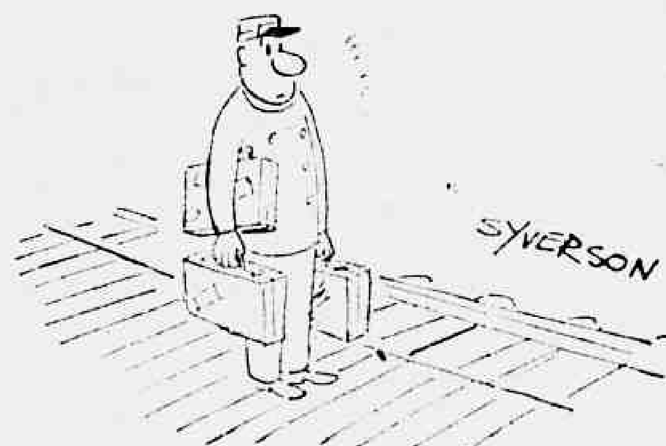
— Desconfio que o açougueiro está falindo, Maricota!...



— Não liga não. Isso é truque. Êle fica assim até lhe oferecerem um cigarro.







AS HEROÍNAS DE BOCACIO

VERGILIO foi o último apaixonado da Dido, rainha e fundadora de Cartago. Por isso, o poeta, embevecido com sua própria heroina, atribui seu suicidio à dor pela perda de Enéias. Dido se matou — não de saudade de Enéias, mas pelo horror que lhe inspirava o rei Jarbas, pretendente à sua mão.

E', aliás, bem mais feminino o gesto — como está em Bocácio — essa morte heroica da rainha infeliz, pois, para as mulheres, muito mais forte do que a lembrança de um homem amado é a aversão que lhes inspira um homem que não desejam.

★

As mulheres deviam aprender em Bocácio a lição da princesa Cassandra. Não a lição do perigo das profecias, que tantas atribulações causou à mais formosa filha de Priamo; mas, sim, o fato de Apolo jamais outorgar um dom sem cobrar pela graça concedida. Desconfiai de Apolo, minhas senhoras, tanto como do homem que passa.

★

Semiramis, rainha da Assiria, foi a precursora dessa raca de rainhas másculas que deu, depois, a grande Catarina, Cristina da Suécia, Elizabeth da Inglaterra. Teria sido realmente bonita, como diz a lenda? Não cremos: as mulheres belas se contentam em ser mulheres — e até não têm tempo para outras coisas.

★

Minerva transformou Aracné em aranha, mas a doce bordadeira, amada pelas ninfas do Pactolo, como que também a colheu nas suas malhas — pois fêz dela uma bruxa miserável e invejosa, modêlo de tôdas as execrandas feiticeiras de Perrault. E, com a troca, por certo quem mais perdeu foi a deusa da sabedoria.

★

Talvez a viuva Argia não chorasse tanto o espôso morto, se soubesse que teria como prêmio chorá-lo até o fim dos séculos, transformada em fonte. Talvez preferisse a morte, a que a condenara o tirano Creón, e talvez, portanto, os deuses tenham cometido uma "gaffe", concedendo-lhe a graça da metamorfose: as dores femininas são breves, e, em geral, as mulheres não gostam de chorar por muito tempo.

★

Por mais deplorável que nos pareça a sorte de Medusa, não devemos desprezar a compensação que o castigo de seu orgulho nos proporcionou: do tronco da infeliz filha de Forcos, cuja cabeleira se transformou em serpentes, nasceu o cavalo alado: Pégaso. Uma beldade por um cavalo... bem, há muita gente que faria a troca.

★

Popéia, mulher de Nero, tornou-se célebre, ingressou no mundo feminino de Bocácio e chegou até Sienkiewicz, devido à sua beleza e à sua crueldade. Instigadora da morte de Agripina e do assassinio de Otávia, a imperatriz banhava-se em leite e usava "máscaras de beleza", a fim de se conservar formosa. Ela bem sabia como era útil ter um rosto de anjo sôbre um coração de fera.

★

Dentro de tôda mulher, dorme uma Helena, capaz, a qualquer momento, de acender a sua Tróiazinha.

LYSE





SAPATOS DE COURO

NOVA YORK apresenta uma soleção de calçados de vários estilos, e para tôdas as ocasiões. Todos os modelos são em couro ou pelica, materiais que se adaptam às condições da presente estação. Para as compras e as saídas ligeiras o ideal são os modelos tipo sandália, com salto baixo, para maior comodidade. Com os costumes e vestidos simples combinam muito bem sapatos pespontados, com saltos um pouco mais altos. Os saltos Luis XV aparecem os calçados toilette, para serem usados com vestidos de noite, e são geralmente de couro cromado.







REUNIÕES ELEGANTES

AGORA volta o tempo das reuniões, teatros e boites, é preciso renovar o guarda-roupa, com toilettes novas e elegantes. Para estas ocasiões são êstes vestidos, cada qual apresentando uma particularidade de elegância. — 1 — Vestido em tafetá, saia trabalhada em franzidos; o mesmo trabalho aparece nos punhos e na gola. — 2 — Modêlo em organza estampada, gola e punhos em organza lisa. — 3 — Elegância e simplicidade são as características dêste conjunto de saia em tafetá, com um grande laço na cintura e blusa de renda preta. — 4 — Costume em cetim; a saia é bem justa e o casaco termina atrás em bico. Criação de Robert Piguet. — 5 Jacques Fath é o criador dêste vestido em sêda grossa; da saia dos lados saem dois panos plissados.







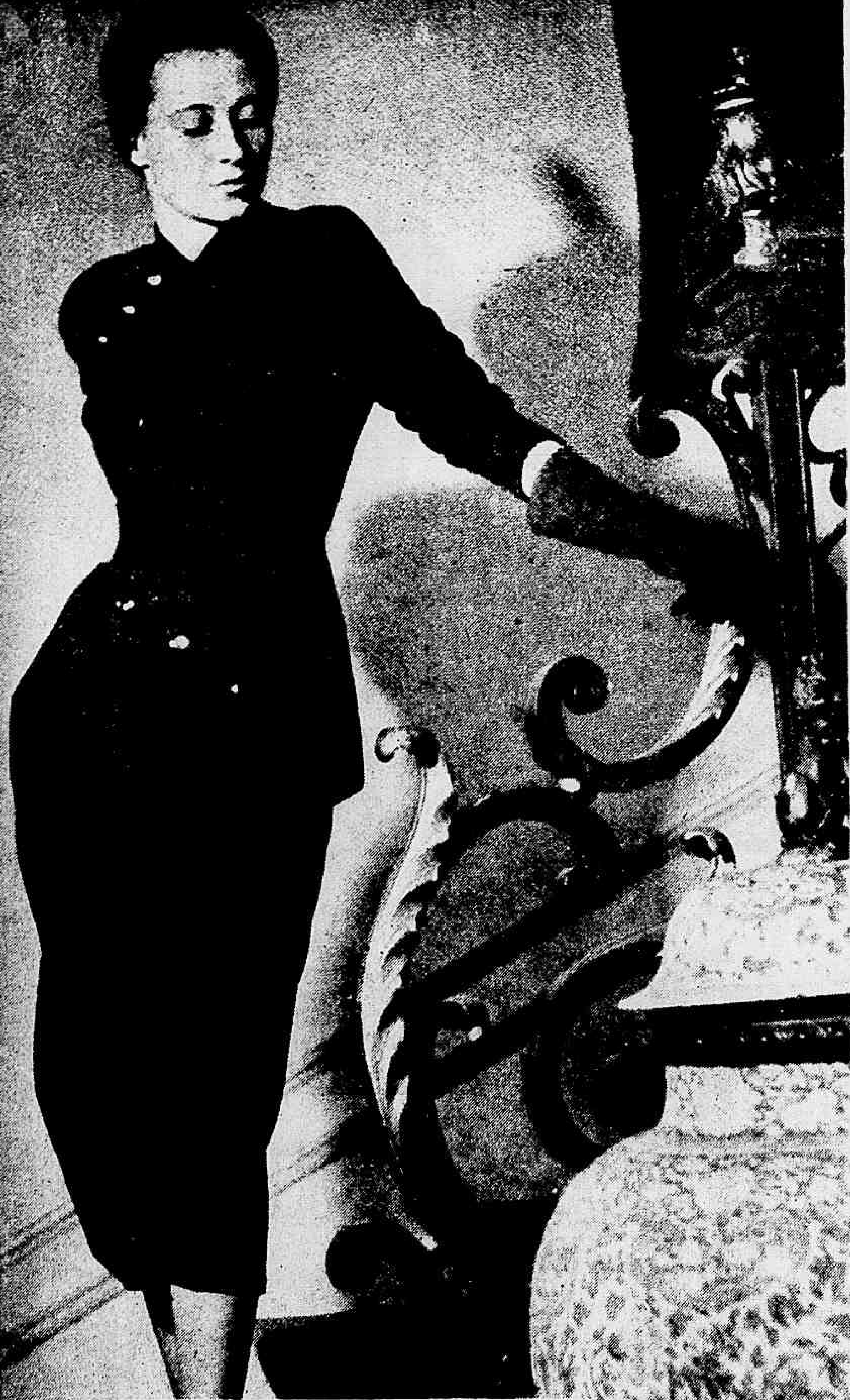


PENTEADO PARA CABELOS CURTOS

Sally Forrest apresenta um novo penteado para os cabelos curtos. Este penteado consiste em dois pequenos rolos em volta da cabeça; atrás, o cabelo é escovado para a esquerda, de modo a cobrir sòmente a orelha direita. Estas cinco pôses, cadau ma num angulo diferente, permitem melhor a apreciação e mostram como é facil de fazer êste penteado que dá tanta graça à cabeça.











PRIMEIROS MODELOS DE OUTONO



As fazendas leves e os vestidos decotados e sem mangas ficam um pouco encostados durante o Outono; para a nova estação procuram-se modelos mais sóbrios, com meias mangas e em fazendas mais pesadas. Apesar de não haver frio ainda, os dias refrescam um pouco e já há necessidade de algum agasalho.

Aqui estão as últimas criações de Paris para o Outono: 1 — Jean Baillie exibe êste vestido preto: a saia forma pregas na frente, dando-lhe muita originalidade. Modêlo para jantar ou cocktail. 2 — Jacques Fath é quem sugere êste modêlo em duas peças, saia bem colante, casaco com grande decote. 3 — Sugestão para saídas à tarde: vestido em tafetá, com grande gola e punhos. 4 — Novamente Jacques Fath: — conjunto formado por saia, com original corte, em lã carijó, e blusa de jersey preta.





COSTUMES PARA A NOVA ESTAÇÃO



COM a chegada do Outono, os dias tendem a represcar, havendo então necessidade de vestidos mais agasalhantes, principalmente para a manhã e a noite. Como o costume nunca sai da moda, em qualquer estação, apresentamos alguns modelos para o Outono, naturalmente deverão ser confeccionados em fazendas pesadas ou em lãs finas. — Modêlo de linhas modernas, gola alta e punhos largos em fazenda branca. — Três costumes de linhas clássicas, sobressai neles os enfeites com botões. — Para as saídas pela manhã, dois modelos práticos: o primeiro com o casaco um pouco franzido dos lados e godê atrás. O segundo apresenta um original recorte na frente, uma gola redonda branca, e uma flor, completam o conjunto.

não esqueça o bêbê ...



atenda-o com

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



COMO APRENDER A DANÇAR

AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicílio

RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO



TRANSPIROL

WEEK-EN... NA C...

DOCE DE LEITE

Tome 1 litro de leite, junte 450 gr de açúcar, uma pitada de bicarbonato — para não talhar — e leve ao fogo até aparecer o fundo da panela, mexendo sempre para não pegar; fica como creme.

RIM COM TOUCINHO

Lave 3 rins, abra ao meio sem descascar as metades e retire com cuidado tôdas as glândulas que encontrar. Deite de môlho em vinagre, ½ dente de alho sêco, pimenta do reino e sal. Tome os rins, coloque dentro de cada um 1 fatia de toucinho amarre e leve a assar na grelha dos dois lados ou na frigideira com fatias de toucinho. Arrume aos pedaços em um prato e enfeite com salsa. Sirva com arroz.

SOPA DE RABADA

Ponha num caldeirão uma rabada aos pedaços e faça tostar com manteiga e cebola picadinha, junte 2 cenouras, 1 alho-poireau, cheiro, sal e cubra com água. Deixe cozinhar lentamente, até que a rabada fique se desmanchando. Retire a carne da rabada, desfie e guarde. Passe o caldo pela peneira, torne a juntar a rabada, 1 cálice de vinho; esquente e sirva.

TORTA DE BISMARCK

140 gr de açúcar, 6 ovos, 10 gr de amêndoas amargas e 60 gr de amêndoas doces, 100 gr de sultanas, 125 gr de farinha de trigo, casca ralada de limão, 1 cálice de rum. Bate-se muito bem o açúcar, as gemas, a casca de limão, o rum e as amêndoas picadas; juntam-se as passas picadinhas, a farinha e as claras batidas em neve. Leva-se esta massa ao forno meio quente, em fôrma untada e forrada com papel pergaminho também untado. Tinge-se uma "glacée" qualquer com 1 ou 2 fôlhas de gelatina vermelha e cobre-se a torta. Enfeitam-se os lados com amêndoas torradas na manteiga e em cima faz-se uma estrêla com tiras de frutas cristalizadas.

BISCOITOS DE MANTEIGA

125 gr de manteiga, 250 gr de açúcar, 250 gr de farinha de trigo, 4 a 5 ovos, 1 colher de chá de fermento em pó e a casca de meio limão. Bate-se a manteiga como creme, junta-se pouco a pouco e alternadamente a farinha com o fermento, os ovos e o açúcar. Põe-se por último a casca de limão e leva-se ao forno em fôrma untada e polvilhada com farinha de pão.

FATIAS DE GÊNOVA

5 gemas, 100 gr de açúcar, casca ralada de ½ limão, 50 gr de farinha de batatas, 50 gr de farinha de trigo e 1 colherinha de fermento em pó. Com o açúcar, as gemas e as cascas de limão bate-se um creme espumoso e grosso; junta-se então a farinha de trigo e a farinha de batatas, peneiradas com o fermento; põe-se em assadeira untada e assa-se em forno regular. Ainda quente, cobre-se com uma "glacé" de chocolate e corta-se em losangos.

ARROZ DOCE COM FRUTAS

Forra-se uma fôrma de abrir com qualquer compota, acabando-se de encher com arroz doce, levando-se em seguida a um lugar fresco, onde se deixa por umas duas horas. Vira-se então sôbre um prato, servindo-se com môlho de frutas.

OVOS MEXIDOS COM TOMATES

Cortam-se os tomates ao meio, tiram-se-lhes as sementes, temperam-se e, querendo assam-se ao forno com um pouco de azeite. Em seguida recheam-se os tomates com ovos mexidos, colocando-se uma rodela de cebola frita sôbre cada um. Pulverizam-se os tomates com pimenta paprika (pimenta vermelha em pó).

MACARRÃO COM TOUCINHO DEFUMADO

250 gr de macarrão, 2 a 3 colheres de toucinho defumado frito, cortado em quadradinhos, ½ xícara de rigota, 1 xícara de nata. Mistura-se o macarrão cozido com o toucinho frito. Arruma-se num prato e sôbre o macarrão esparrama-se a rigota regando-se tudo com nata.

CREME DE CEVADINHA COM MAÇÃ

Tome 200 gr de cevadinha, deite de môlho e leve depois a ferver em 6 xícaras de caldo coado e 6 de água, durante bastante tempo, até ficar bem cozida. Junte 100 gr de tomates, 1 colher de chá de açúcar, ferva um



NA COZINHA



pouco e passe tudo pela peneira. Tome 2 maçãs, corte como dados, frite na manteiga, deite na sopeira e despeje por cima a sopa bem quente.

TORTA LOLITA

Amasse junto 250 gr de farinha de trigo, 125 gr de manteiga 2 colheres de açúcar, 2 gemas e 1 colherinha de sal. Depois de bem lisa, forre com a massa um prato de ir ao forno, ou uma fôrma. Bata 3 gemas com 100 gr de açúcar como para uma gemada; junte 250 gr de amêndoas moídas, um punhado de nozes picadas, outro de passas sem caroços, 1 cálice de rum ou de conhaque, uma pitada de casca de limão ralada e 3 claras em neve. Misture e deite na fôrma preparada e leve a assar no forno., Pronto, retire da fôrma, cubra com "glacée" crua em camada fina e enfeite com nozes e amêndoas torradas.

CREME SULTANE

Toste, sem escurecer, 2 colheres de manteiga com 3 colheres de farinha; sempre mexendo, dissolva com 6 xícaras de leite quente. Junte 1 cebola regular com 1 cravo espetado, sal e deixe cozinhar devagar. Tome 1 galinha pequena, limpe, parta, cubra de água, junte sal, cheiro e leve a cozinhar até ficar bem mole. Coe o caldo e reserve. Tome a carne de galinha sem ossos nem peles e soque num pilão; junte ao creme e passe por uma peneira. Tome 100 gr de avelãs descascadas, passe na máquina, junte 2 xícaras de água quente, leve um pouco ao fogo, esprema num guardanapo para tirar o leite e junte ao caldo. Misture o caldo com o creme, prove e leve ao fogo fraco para terminar. Se desejar ainda mais fina, junte 100 gr de pistaches, bem socados, amassados com 1 xícara de creme de leiteria, e passe pela peneira.

MASSA FOLHADA SIMPLES

500 gr de farinha, 300 gr de manteiga, 1/2 colher de chá de sal, 2/10 de litro de água. Deita-se a manteiga repartida sôbre a farinha na qual se fêz uma cavidade no centro, junta-se sal e água e amassa-se tudo com os dedos formando uma bola firme de massa. Deixa-se descansar 15 a 20 minutos; depois estende-se com o rôlo e dobra-se a massa com o guardanapo em 3 partes. Repete-se êsse processo 3 a 4 vêzes com intervalos de 1/4 de hora.

TOFFES

Misture 8 colheres de açúcar com 2 de manteiga e leve ao fogo, sem água, até tomar ponto de bala. Despeje num mármore untado de manteiga, deixe esfriar um pouco, e corte aos pedacinhos. Se quiser, logo que despejar no mármore salpique de nozes, amêndoas, avelãs, castanhas do pará ou amendoins, partidinhos com a faca e torrados no forno.

CORDEIRO ASSADO

Tome 2 pernas de cordeiro, prepare, deite na assadeira e tempere apenas com sal. Bezunte com bastante manteiga ou gordura, e leve ao forno quente até ficarem bem douradas. Molhe com um pouco de água quente ou caldo e vá regando até ficar pronto. Desengordure o môlho e coe. Tome 1 colher desta gordura, junte 1 de farinha, leve a tostar, junte ao môlho, deixe cozinhar um pouco e deite na molheira onde devem estar folhinhas de hortelã. Parta a carne em fatias, arrume numa travessa e guarneça ao redor com acelga à milanesa ou com pirão de batatas.

ACELGA À MILANESA

Corte talos de acelga do mesmo tamanho e cozinhe em água a ferver com sal e caldo de limão. Prontos, escorra bem, passe em ovos batidos, em pó de pão e frite em banha quente.

TATU ASSADO

Esvazie o tatu sem tirar a casca e tempere com uma vinha dalho com 1 xícara de vinagre, 1 de vinho, 1 dente de alho bem socado, uma pitada de pimenta do reino, ½ fôlha de louro e sal. Não aproveite os miúdos, corte fora a cabeça e as patas. Leve a assar na própria casca voltada para cima, como se fôsse um recipiente. Deixe ficar bem assado, escorra bem o môlho e sirva dentro da própria casca. Como a carne é muito tenra, destaca-se os pedaços fàcilmente. Sirva com farofa de manteiga, pirão de batata ou legumes com manteiga.



Antes, era preciso pulverizar diàriamente os inseticidas comuns em grandes quantidades.

Agora, poucas aplicações de **NEOCID EM PÓ** por ano bastam para transformar os esconderijos e caminhos dos insetos em armadilhas mortíferas. Deixando o pó nos lugares, **NEOCID** elimina os insetos durante semanas e mêses... Por isso,



Peça hoje mesmo NEOCID EM PÓ na farmácia, no armazem ou em qualquer loja de ferragem e verificará, também, como é mais econômico livrar-se de baratas, formigas, pulgas, percevejos e traças.



DESCOBRIDORES DO DDT



NEOCID *em pó*

A SAÚDE DO BEBÊ

DOENÇAS DA PELE NO LACTENTE

DR. SABOIA RIBEIRO

ABAIXO dos dois anos são mais freqüentes as doenças da pele na criança por vários motivos: Primeiro, é maior a vulnerabilidade nos primeiros meses, maior sendo sua extrema delicadeza e finura; segundo, são mais comuns, então, os erros alimentares, os quais acarretam a diminuição da imunidade; terceiro, nos primeiros meses, ainda, são mais graves, sempre, as manifestações da diátese exsudativa, a cujo quadro, de resto, pertencem várias afecções da pele.

A incidência das causas alimentares ou ligadas à diátese exsudativa explicam porque, tantas vêzes, sòmente na correção do regime alimentar e higiene alimentar da diátese vai o pediatra buscar o "remédio" para as afecções da pele decorrentes de uns ou de outra.

Efetivamente, grande número de afecções da pele, na criança, curam-se tão sòmente com os cuidados atinentes ao regime e tratamento higieno-dietético do exsudativo.

Sòmente nas crianças criadas sem certos cuidados de higiene geral — roupas, bacias, etc. ou portadoras de doenças do sangue por via da herança, como a sífilis em primeiro lugar — apresentam-se, mais vêzes, com doenças infectuosas da pele.

E' certo que as afecções da pele relacionadas com os erros alimentares ou a diátese exsudativa infectam-se, não raro, mas em última análise a infecção é antes uma complicação que não tôda a doença.

E' portanto aleatório o tratamento das afecções da pele, na criança, por tudo isso, mediante sòmente o tratamento local da pele, pois condições de ordem geral sempre estão influindo, na manifestação local, cumprindo tratá-las, simultâneamente, conforme a causa apurada.

Em face pois das manifestações dérmicas da criança é mister sempre considerá-las, não como uma doença da pele, ou exclusivamente da pele, porém o resultado de uma anormalidade interessando todo o organismo, que é preciso tratar.

Só em último lugar cogitaremos de uma afecção devida à má higiene ambiental (sarna ou outra), ou uma afecção de origem hereditária, do sangue, ou congênita (manifestações da sífilis congênita, por exemplo).

Como são muito comuns as afecções devidas à diátese exsudativa abordaremos em particular as que se encontram, de ordinário, no lactente, com esta procedência, tratando de sua forma mais freqüente de evolução.

Logo pelo segundo mês, mais ou menos, em crianças que se desenvolvem mal a despeito de um regime aparentemente correto, aparece a seborréia do couro cabeludo. Escamas esbranquiçadas alastram-se pela região da moleira e vizinhanças. Se se retiram tais escamas e se faz ligeira pressão, surge um fundo vermelhaço, que logo se cobre de um líquido seroso, que coagula dentro de pouco formando novas escamas.

A crosta láctea aparece com a mesma freqüência, na face, de um lado e outro, como uma eflorescência áspera e escamosa. Acompanha-se, mais tarde, de prúrido intenso, que faz a criança coçar ensejando uma infecção secundária.

Desde então o eczema da face torna-se úmido, minando um líquido seroso, parecendo possuir propriedades corrosivas, e com uma tendência a crescer em superfície, atingindo a região pré-auricular e o queixo e vizinhança.

Algumas vêzes confluem as lesões do couro cabeludo e as da face, formando uma verdadeira máscara, o que felizmente só acontece se falta à criança o tratamento apropriado.

Outra lesão da pele condicionada à diátese é a *intertrigem*.

A lesão se localiza de preferência nas regiões em que a pele fica mais sujeita a contínuas irritações, como a região anal, nádegas e região gênito-urinária. Geralmente o contacto com as urinas e as fezes desprezado mais tempo inicia ou agrava a lesão em aprêço.

O que prova, porém, que existe uma causa individual particularmente favorecedora da irritação, que é a diátese da criança, é que muitos lactentes criados nas piores condições de asseio não apresentam a intertrigem que é, talvez, a mais freqüente das manifestações exsudativas da criança de tenra idade.

A intertrigem se revela pela intensa rubefação daquelas partes, logo seguida de rubefação e eliminação de massas epiteliais úmidas e tumefeitas.

Na criança até dois anos são estas as manifestações da pele mais encontradiças relacionadas com a diátese exsudativa.

Excluídas tais manifestações, deve-se cogitar do estrófulo (pequenas eflorescências ora isoladas, ora agrupadas, lenticulares e vermelhas), que se acompanha de prúrido, e daí ficarem muito sujeitas as eflorescências às infecções secundárias (pústulas, podem então formar-se, fáceis de confundir com as lesões da catapora).

Não se deve esquecer, porém, que o estrófulo é antes próprio da criança mais crescida.

O tratamento das manifestações diatésicas na pele da criança curam-se principalmente pelo regime, só no caso de infecções posteriores virem complicá-las é que se justifica um tratamento diverso.

E' fora de dúvida que o leite integral provoca o aparecimento ou agravamento das lesões citadas, e só com modificações acertadas deve ser usado.

Deve-se, pois, restringir o leite e lançar mão da mistura butiro farinácea, em que para 100 gramas de leite, convenientemente diluído, se juntam manteiga, farinha e açúcar, preparando a mistura conforme certos cuidados da técnica.

Leite 1/10 do pêso da criança (consultar as tabelas), água outro tanto (respeitando o limite de 900 gramas para o todo).

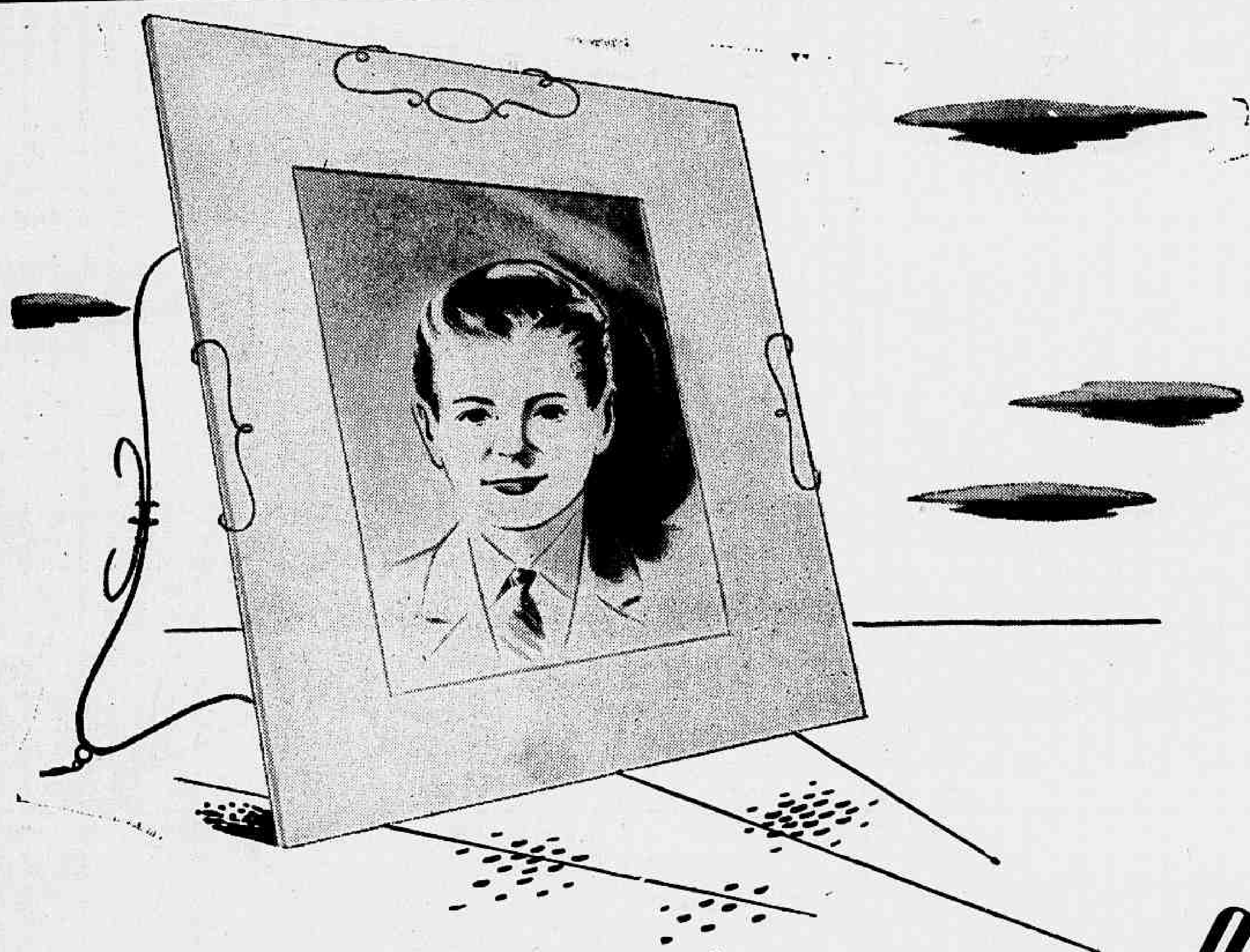
A manteiga é levada numa caçarola esmaltada, a fogo brando, mexendo com colher de pau até que espume e fique ligeiramente corada. Junta-se então a farinha à manteiga derretida, sempre no fogo, fazendo uma papa homogênea. Aí juntar o leite, guardar em lugar fresco, e dividir por cada mamadeira, adoçando só no momento de dá-la à criança.

Um tratamento reclacificador e pelas vitaminas A e D é particularmente necessário. De utilidade, em muitos casos, os raios ultra-violetas.

No tratamento local das lesões, pomadas não irritantes, pós antissépticos. Havendo processos supurativos é sempre bom na água do banho deitar ½ colher de chá de uma solução de permanganato de potássio a 5 por cento, tendo naturalmente o cuidado de não deixar a criança deglutir a água durante o banho, acidentalmente.

Pode-se em muitos casos associar um extrato de tiróide, quando houver indicação para isso, o que é, porém, só para médico.

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.



advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL



Banco de Crédito da Borracha S. A.

Balanço em 31 de Dezembro de 1949

(Compreendendo Matriz e Agências)

ATIVO

A — DISPONIVEL			
Caixa			
Em moeda corrente		2.018.547,10	
Em depósito no Banco do Brasil		7.611.333,60	
Em depósito à ordem da Superintendência da Moeda e do Crédito		5.836.054.70	15.465.935,40
B — REALIZÁVEL			
Empréstimos em C/Corrente	54.931.713,20		
Empréstimos Hipotecários	7.173.627,90		
Títulos Descontados	63.527.220.00		
Letras a Receber de c/própria	1.493.126.60		
Agências no País	338.853.090.50		
Outros créditos	355.405.703.00	821.384.481,20	
Imóveis		494.300,00	
Títulos e Valores Mobiliários:			
Ações e Debêntures		216.000,00	822.094.781,20
C — IMOBILIZADO			
Edifícios de uso do Banco		10.550.771,00	
Móveis e Utensílios		4.095.975.50	
Material de Expediente		961.736,10	15.608.482,60
E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO			
Valores em Garantia		86.653.482,70	
Valores em Custódia		40.999.581,30	
Títulos a receber de C/Alheia		38.164.911,70	
Outras contas		359.357.433,50	525.675.409,20
			1.378.844.608.40

NOTA: Na verba "Outros Créditos" está incluído o valor da borracha adquirida e em estoque: Cr$ 310.098.900,90

PASSIVO

F — NÃO EXIGÍVEL			
Capital		150.000.000,00	
Fundo de Reserva Legal		8.505.368,80	
Fundo de Previsão		39.791.952,10	
Outras Reservas		59.315.955,90	257.613.276,80
G — EXIGÍVEL			
Depósitos:			
à vista e a curto prazo			
de Poderes Públicos	177.896.306,40		
de Autarquias	16.424,60		
em c/c sem limite	10.942.651,40		
em c/c limitadas	913.603,80		
em c/c populares	3.145.326,70		
em c/c sem juros	4.080.692,10		
em c/c de aviso	14.839,80	197.009.844,80	
a prazo			
de Poderes Públicos	30.000,00		
de diversos:			
a prazo fixo	143.589,10	173.589,10	
		197.183.433,90	
Outras responsabilidades			
Obrigações diversas	3.398.227,30		
Agências no País	325.054.926,50		
Correspondentes no País	143.736,80		
Ordens de pagamento e outros créditos	37.458.296,80		
Dividendos a pagar	22.135.642,70	388.190.830,10	585.374.264,00
H — RESULTADOS PENDENTES			
Contas de resultados			10.181.658,40
I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO			
Depositantes de valores em garantia e em custódia		127.653.064,00	
Depositantes de títulos em cobrança no País		38.164.911,70	
Outras contas		359.857.433,50	525.675.409,20
			1.378.844.608,40

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA "LUCROS E PERDAS" EM 31 DE DEZEMBRO DE 1949

DÉBITO

JUROS abonados a depositantes e outras despesas de juros		191.119,90
DESPESAS DE ADMINISTRAÇÃO: Honorários da Diretoria; vencimentos e gratificações dos funcionários; aluguéis de imóveis; material de escritório; impostos; donativos; comissões e outras despesas gerais		14.062.870,30
PERDAS DIVERSAS		200.135,20
FUNDO para amortização de imóveis, móveis e utensílios		536.326,20
Distribuição do Lucro Líquido:		
Fundo de Reserva (5%)	589.524,00	
14º dividendo à razão de 6% a. a.	4.500.000,00	
Fundo de Assistência aos Funcionários (art. 42 § 1º dos estatutos)	117.904.80	
Fundo para Prejuízos Eventuais	6.583.051,50	11.790.480,30
		26.780.931,90

CRÉDITO

LUCRO EM BORRACHA	10.031.190,30
LUCRO EM LÁTEX	62.754,00
LUCRO EM MERCADORIAS	405.916,70
RENDAS DE JUROS E DESCONTOS	15.292.147,40
RENDAS DE COMISSÕES	422.883,50
RENDAS DIVERSAS	566.040,00
	26.780.931,90

Belém, 31 de Dezembro de 1949. — **Octávio Augusto de Bastos Meira**, Presidente. — **Guilherme de Menezes Vieira**, Chefe do Departamento Geral de Fiscalização e Contabilidade — Reg. nº 33.987 — Contador reg. C.R.C. — Belém nº 10.

Tipos que subiram o...

(Cont. da pág. 35)

nhar talvez... E' bom não ser ninguém nesta vida...

— Você não gostaria de voltar para a Rússia? — quisemos saber.

Volodia estava bebericando, engoliu com prazer o conteúdo do cálice e deu de ombros:

— Não sei prá quê! Não quero nada com política, me sinto brasileiro e ademais — acentuou — infelizmente aquêles padrecos tiveram a idéia funesta de expulsar José Vissarionovitch do Seminário de Tiflis. ..

— Você se refere a Stalin, não é?

— Naturalmente. Expulso do Seminário êle virou Stalin, é hoje o czar vermelho e o mundo é o que é...

— Que é o mundo? — interrompemos.

O russo-branco olhou prá gente com os olhos escarlates azulados e retrucou:

— Sei lá o que é!... Não me perguntem nada, pois não passo de um carpinteiro.

— Como e por que veio parar na Favela?

— Da mesma sorte por que estamos no mundo... Não me consultei, não tive idéia nehuma preconcebida, mas aqui estou. E note-se não quero sair, salvo se demolirem o morro, o que acho difícil. Meus amigos, apesar dos pesares, bendito asilo é a Favela!

— Quanto ganha você?

— Conforme a época. De 80 a 160 cruzeiros diários.

— E que faz com tanto dinheiro?

— Vivo.

O velho de Itapoã

(Cont. da pág. 24)

era obrigado pelos dois velhos a sair sobraçando, todos os dias, um embrulho de peixe fresco para sua família.

As viagens do "Doutorzinho" diàriamente a Itapoã lhe sacrificavam o convívio de mais dias com os seus, mas não só por amor à profissão, como por ter na pessoa de Vitorino um grande amigo, era com prazer que cuidava do seu cliente velho.

Muitas vêzes Vitorino comentava com sua companheira como havia de pagar ao "Doutorzinho" tantas gentilezas. E sinhá Inácia, batendo na mão o cachimbo, se apressava em falar:

— Êle tem uma certa obrigação, Vitorino. Já sofri muito da avó dêle! Ai! nem quero me lembrar da finada senhora D. Henriqueta!

E prepara uma baforada lançando para o Vitorino um olhar de desafio à sua possível reação. O velho já não havia escutado as últimas palavras de sinhá Inácia. Cochilava, virado p'ra parede, enroladinho qual um tamanduá.

O "Doutorzinho" encontra Vitorino acamado em estado desolador e sente dificuldade em restaurar o amigo. Sinhá Inácia procurava ser mais cuidadosa e já não se incomodava com os remédios do "Doutorzinho" Estava mais "domesticada"... Vitorino era tratado pelo seu amigo como se fôsse uma criança. Duma feita, passando pelo Mercado Modêlo, o "Doutorzinho" não hesitou em comprar para o velho uma jangadinha de brinquedo, dessas tão procuradas pelos turistas. Achou ótimo presente para Vitorino.

O velho tinha passado mal durante a noite. Sinhá Inácia saiu para o quintal limpando as lágrimas na barra da saia, ao ouvir as palavras do seu companheiro de mais de meio século: — Estou no fim, "Doutorzinho", não diga que não... E com a mão trêmula, apertando contra o peito a jangadinha, murmura: — "nunca mais uma jangada ao mar"...

O "Doutorzinho", nervoso, com as mãos entre seus revoltos cabelos, transforma a expressão de seu olhor. Fica imóvel, confuso. Episódios de sua infância passeavam pelo seu pensamento. Quntas vêzes já galopara no lombo de Vitorino! Quantas

(Cont. na pág. 46)

CORREIO DA REVISTA

Aguinaldo Junqueira (S. Paulo) — Aprovado o seu conto "Velhos Tempos".

D. E. T. (S. Paulo) — "Romantismo e Sorvete" virou êste último.

R. Q. P. (Rio) — Não foi aprovado seu trabalho "Quando eu morava no norte". Está muito monótono.

Diogo Velho (S. Paulo) — "A Mulher que passa", não passou.

R. A. N. (Rio) — "A Escolha" não foi aproveitado.

J. de S. (Rio) — Não houve jeito de aprovar seu conto. Já o título indicava um conteúdo fraco: "De O (zero) à 1949", com crase e tudo... Aperfeiçoe seu português.

E. D. (Rio) — "O resto foram cinzas" não foi aprovado.

Amos Rodes (Piracicaba - S. Paulo) — "Era possivel", não foi possivel. E que nome esquisito o amigo para assiná-lo!

B. P. (S. Paulo) — "Um incesto", nada feito.

C. A. de G. (Vitória) — "Dr. Ismael", idem.

C. C. (Juiz de Fora) — "Um amor invulgar" não deu certo.

A. S. (Rio) — "Destino de uma vida", não conseguiu ser aprovado.

Edson Kneipp (Rio) — "O pesadelo do Oscar", aprovado.

A. K. P. (Uruguaiana) — "A Casa do Geraldo" não obteve aprovação.

L. K. de M. (Rio) — Mande-nos outro dactilografado, escrito em um lado só e espaço dois.

O. Gomes de Castro (Rio) — "Branca e Helena" foi aprovado.

Elvira Foeppel (Rio) — "Menino Triste", aprovado.

João Batista de Paiva Pinheiro (Alegre - E. Santo) — Cientes.

José de Oliveira Nunes (Rio) — "Maria Clara" ainda não foi julgado.

Vicente C. de Carvalho (Rio) — Seu conto já devia ter saido há muito tempo. Sucedeu, porém, que a primeira ilustração não estava boa e pedimos outra. Nesse interim o desenhista encarregado teve que ausentar-se do Rio não nos devolvendo o original para entregarmos a outro. Mas o caso já está resolvido e agora vai sair... mais rápido que *brevemente!*

Lindàura (Cidade do Salvador) — Os contos que publicamos são produto de principiantes. Nestas condições, perca o medo e mande o que escreveu.

G. H. N. (Rio) — Não se adapta às nossas páginas o tema de seu conto. Está bem escrito, mas...

L. S. V. (Rio) — Muito agradecidos. Continui a tentar. A senhora tem qualidades para a literatura de ficção.

Eugênio Morato (Belo Horizonte) — Interessante a coincidência. Com relação ao outro conto, a demora se deve ao trabalho de ilustração. Vamos examinar em que pé está o caso.

J. F. D. (Belo Horizonte) — Seu conto "Pobre também é gente", não está mais em nosso poder. Com certeza já foi julgado. Consulte o "Correio" de números anteriorres. Quanto ao "Nnhá Quitéria", não constitui conto. Veja se aproveita aquela mesma idéia e a converta em conto literário, não se esquecendo das caracteristicas principais dêsse gênero, que não pode confundir-se com simples relato.

Allan-Kardec Prado (Uruguaiana) — Recebemos seu trabalho "A casa do Geraldo". Queira aguardar o julgamento.

Merise Santos (Rio) — Aprovado o seu conto, "Lar da Felicidade". Mas vamos mudar-lhe o nome para: "Astúcias de Mulher". Concorda?

J. S. S. (Rio) — Curtissimo o seu trabalho "Domingo de Sol" e muito infantil. Remeta-nos produção mais substanciosa. Publicaremos com prazer.

H. L. (Rio) — Não foi aproveitado o seu conto "Benedito Acidente". Está fraco o enrêdo. Quanto ao outro trabalho, "A Vida de Van Gogh", deixamos de publicá-lo por tratar-se de biografia e não de conto.

H. P. O. (Pôrto Alegre) — Se não encontrar nas livrarias daí, dirija-se às melhores daqui do Rio. Com certeza será bem servida.

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE!...

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural. Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

Remetemos pelo Reembolso

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

Bem penteado a todas as horas graça a

Gomalina

EXCELSIOR

PARA ASSENTAR O CABELLO

PRODUCTO VEGETAL NÃO GORDUROSO

Novo fórmula garantida pelo LAB. "XAMBÚ" - R. Souza Dantas, 23 - Rio

Atendemos pedidos REEMBOLSO POSTAL

vêzes êle o tinha livrado da palmatória!... E agora êle estava de posse daquele velho corpo sem poder salvá-lo... Estava absorto, quando ouviu um leve gemido do velho amigo. Grita pela velha e ambos tentam desvirar o pescador que, já sem vida, tinha sob seu corpo a jangadinha esmagada.

Correu célere a notícia da morte de Vitorino. Dentro em pouco, mais de cem pessoas se acercavam da casa de sinhá Inácia, à espera da sua vez para entrar, pois a casinha não comportava todos. E, num profundo silêncio, entravam aos dois ou aos três, para fitarem pela última vez aquêle homem do mar.

O "Doutorzinho" concorreu com as despesas do entêrro. Foi êle que, ao trocar a roupa do jangadeiro, com surprêsa, encontrou no bolso de sua calça, um papelzinho escrito: "Quando eu morrer não quero que botem meu nome no jornal".

Sinhá Inácia, da porta de sua choupana, via sumir o seu companheiro, que era conduzido a pé por seus amigos. Quando sòmente vê a poeira da estrada, entra enxugando o rosto no seu avental de xadrez. Hoje ela vive triste e só, ajudada pelo "Doutorzinho" e outros amigos. Como que adivinhando o lugar onde às vêzes ficava Vitorino, ela passa horas e horas sentada na areia branca e fina do Abaeté, fitando a água escura do lago, enquanto desfia o seu rosário de contas de capim. Sempre que vê um pescador, saltam-lhe dos olhos grossas lágrimas. E, no seu ouvido, ficou para sempre:

..."nunca mais uma jangada ao mar"...

Bonde errado

(Cont. da pág. 32)

acabando logo com aquela falsa cerimônia! Ou então, chamá-la de bêbada, dar-lhe um murro no nariz e não aparecer mais no emprêgo, é lógico...

— Bem, Miss... Vou indo... Até amanhã!

Mas, ainda faltava uma pergunta, insinuante, infalível, desconcertante:

— Não vai mais levar papéis para Mr. Moore?

— Não tenho tido oportunidade...

Isso foi a resposta oral, porque a mental era para deixar de ser idiota, que êle não era "office-boy". Essa pergunta de Miss Moore era para lembrar seu primeiro encontro, os "clips" espalhados pelo chão, seus dedos que se haviam tocado ao juntá-los... Como é que uma gringa pode se meter a sentimental, mesmo com quinze anos de Brasil?

Santos, afinal, conseguiu se despedir como de costume: Fugindo. Um bonde parara ante êles:

— Vou nesse! Até amanhã!

Sacudiu a mão de Miss Moore, que assim mesmo ainda teve tempo de apertar seus dedos, semi-cerrar os olhos e mordiscar os lábios. Do estribo ficou vendo os olhos da inglêsa espetados nêle. Só mais adiante procurou ver que bonde tomara. Como sempre, um bonde errado...

★

Depois do jantar, estendido na espreguiçadeira, fazendo fumaça, Santos, naturalmente, pensava bastante em Miss Moore. A beatitude da digestão tirava-lhe o nervosismo e êle começava a encarar o caso com uma certa superioridade. Sentia-se satisfeito, ruminando suas glórias de bonitão... Sim! Só podia ser por causa de sua beleza máscula que a inglêsa o amolava tanto! Êle era um pobre escriturário, com um ordenado miserável que mal dava para sustentar mulher e filho, sempre mal vestido, sempre sem dinheiro, sem poder freqüentar os lugares grãfinos, de casa para o trabalho, do trabalho para casa. Não fazia conquistas nem sequer no trem elétrico apertado! E agora o diabo da inglêsa a persegui-lo! Sim! Para que precisava ela se dirigir sempre a êle, mal o via? Só podia ser para persegui-lo! E tinha ela sua vida de rica, com seus patrícios, aquela inglesada vermelha e cheia de dinheiro, com bons automóveis e bons fígados para noitadas de "whiskey"... Mas, o negócio era justamente êsse... Como tinha tudo na vida, ao seu bel prazer, agora achara de cobiçar um moreninho bonito, com bons dentes, bons músculos a custa de cinco anos de remo no Boqueirão, com alma cândida, espírito familiar... Devia estar farta de gente vermelhaça, espáduas caídas, hálito alcoólico e sardas no corpo e na alma... E fôra êle o escolhido! Sorria, enfatuado, e via Miss Moore como uma grande ave de rapina que dava o bote num pobre pintinho... Mas, com garras macias, de sêda... Santos se encolhia com gôzo, fazia-se pequenino dentro da lona da espreguiçadeira...

Mas, de súbito, revoltava-se: Dava uma chupada forte no cigarro, soerguia-se de inópino, fazia sua mulher levantar a cabeça da costura e o filho os olhos do livro. Que diabo! Êle não era nenhuma prêsa inerme, nenhum ser fraco à mercê de uma conquista! Quem devia tomar a iniciativa era êle, mas logo sem mais luxos, entrar no escritório numa hora que ela estivesse sòzinha, derrubá-la sôbre os arquivos, agir como um bruto!

★

E uma tarde Santos invadiu o escritório de Mr. Moore. Era depois do almôço com whiskey brasileiro e cerveja preta. Janet estava sòzinha. Começou o interrogatório por uma questão nova:

— Oh! Sr. Santos! Hoje teve "seu" oportunidade?

— Tive...

E avançou para ela.

— "Seu" senhora está passando bem?

— Está...

E rilhou os dentes.

— Vai à praia, amanhã?

Dessa vez Santos não respondeu. Agarrou Miss Moore, beijou-lhe a bôca e esperou a reação. "Yes" ou "no"? Suspiro ou bofetão?

A inglêsa não recuou, não empurrou o impulsivo, não fêz nenhum gesto inútil. Quando Santos despregou os beiços de sua bôca e ela pôde falar, "explicou":

— Não correspondi, sr. Santos...

E continuou a série costumeira, calmamente:

— Não vai mais almoçar no Bar Londres?

A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

N O V A T A B E L A

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. CrS	Extratos 50 gr. CrS	Loções ¼ CrS
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super..	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil CrS 35,00

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

Jarbas de Freitas Galvão

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º andar - Sala 217

Fone: 6-6718



Eva Todor, atriz detentora da medalha de ouro de 1949, que está obtendo no Teatro Serrador o maior êxito da temporada com a comédia de Niccodemi "A felicidade vem depois...", em tradução de Luis Iglésias e Carlos Lage.

A EMBAIXADORA TROPICAL...

(Cont. da pág. 19)

pais, o maestro Faith, irmão do conhecido band-leader Percy Faith.

— Êle é amigo de meu pai — explicou Joan, e concluiu: — Sabe que eu venho de uma família que nestes últimos cem anos viveu sempre no "show business"?

Nós não sabíamos e tratamos de corrigir a nossa ignorância.

— Minha mãe era cantora. Abandonou a carreira para casar-se. Meu pai foi considerado o maior "drumer" do Canadá de 1925 a 1939. Aliás, meu pai era um verdadeiro "show", êle sòzinho, fazendo humorismo e tocando a sua bateria. Meus "grand-grand" também viveram no mesmo ambiente. Eis porque comecei cedo. Aos 12 anos. E de lá até agora tenho procurado melhorar.

UM TITULO DE RAINHA

No apartamento de Joan Durelle o Viana bate umas chapas. O garçon atencioso serve um café quentinho. E enquanto se acende o cigarro, a pergunta que estava armada desde algum tempo, saltou.

— Foi uma coisa imprevista. O concurso de Miss Canadá foi a minha grande chance. Mas, até três dias antes do encerramento, eu dêle não participava. Amigos insistiram comigo que eu devia inscrever-me. E me inscrevi entre meio milhar de candidatas.

— E como se desenvolveu o concurso?

— Primeiro, fotografias. Quando fomos para as finais, era eu a única das selecionadas que não exibia um título parcial. Tôdas as demais eram Miss desta ou daquela cidade. Mas, felizmente, o título definitivo, o título ambicionado, aquêle pelo qual lutávamos, ficou em meu poder.

O garçon interrompe para oferecer nova taça de café, enquanto Viana guardava o equipamento fotográfico dando por encerrado o seu trabalho. Nós, dentro do velho espírito brasileiro, ficamos apenas na primeira xícara, pois a segunda, dizem, não tem o mesmo gôsto. Joan, porém, repetiu. Repetiu e observou com humor:

— Você sabe por que eu vou fazer de você um amigo? E para a nossa curiosidade lisonjeada explicou:

— Para que você me mande, sempre, quando eu voltar para o Canadá, um pouco dêste café delicioso.

Em verdade Joan Durelle gosta imensamente de café e confessa que sòmente aqui aprendeu a beber tão deliciosa bebida. Isto é que é café!

UMA BÔLSA DE ESTUDOS E A PRIMEIRA CHANCE

O título obtido trouxe como principal recompensa uma bôlsa de estudos para canto e arte dramática. O que melhor poderia desejar uma jovem artista, ambiciosa e ávida de conhecimentos? Nada. Por isso Joan agarrou-se ao estudo, a êle dando o melhor de si mesma.

Aferrada à sua carreira, estudando com afinco, melhorando sempre e cada vez mais e, o que é o principal, trazendo no sangue o micróbio da arte, Joan Durelle não teve que esperar muito. Em pouco surgiram as primeiras propostas e uma delas, a do Barkley Hotel, em Toronto, onde cantou e, muita vez, apresentou o "floor-show". Ali foram-na buscar outros empresários. Choveram propostas de todo canto...

ESTADOS UNIDOS E TELEVISÃO

Lógico e natural que os americanos fôssem os primeiros. Rádio, night-clubs e por fim, televisão. Algumas orquestras de renome mostraram interêsse em obter o seu concurso. Até o nosso conhecido Xavier Cugat, o grande sucesso da Rádio Globo em 1949, se interessou por ela. Interessou-se e ainda está interessado, permanecendo de pé a sua proposta. Joan chegou mesmo a mostrar interêsse por algumas delas. Principalmente a televisão. E' um campo novo, onde sua figura bonita teria imenso destaque.

BRASIL, POR FIM

Foi aí que apareceu uma oferta do Brasil. Uma oportunidade única e com a qual Joan vivia sonhando. Viria, primeiro, ao Brasil, e depois, teria oportunidade de visitar a América do Sul. Terras de sonho, que iriam ser vistas e sentidas. E assim foi.

— Três dias antes de receber a proposta conversava ainda com os meus. Minha irmã June e papai. Eu lhes confessava então o meu grande desejo. Você pode imaginar como me senti. Alice no País das Maravilhas! Não pensei duas vêzes sôbre o assunto. E por isso mesmo estou aqui.

Joan fala-nos olhando para a paisagem carioca, que a janela do seu apartamento emoldura. Indica-nos diferentes pontos.

— Eu gostaria de morar aqui. O Brasil é o país do futuro. Em 50 anos será um dos maiores do mundo. Quem quiser vencer venha para cá. Eu mesma gostaria de ficar. Mas não posso. No entanto voltarei, — e quem sabe? — como uma outra Sophie Tucker, quarentona e gorducha...

PLANOS PARA O FUTURO

— Os meus próximos passos serão rumo sul. Argentina é o primeiro ponto da escala. Depois Chile. Isto é tudo o que sei. Meu empresário fará o resto. Uma coisa, porém, está certa. Terminada esta "tournée", voltarei ao Canadá para rever a família. E cumprida esta necessidade sentimental, irei para os Estados Unidos. A Televisão é uma grande oportunidade e os oferecimentos que deixei de lado, pelo momento, estão pràticamente de pé.

Joan cala-se. Serve-se de mais um café (Gosto imensamente de café!), acende um cigarro e espera uma nova pergunta. Esta não demorou:

E O CINEMA?

— Tenho oportunidade para um "test" no cinema. Um amigo da família será o responsável pelo aparecimento de uma nova estrêla na constelação de Hollywood, se houver êsse aparecimento...

Joan gosta de cinema como qualquer pequena normal. Tem suas predileções e adora filmes de mistérios. Aqui, se fôr possível, irá tôdas as tardes travar conhecimento com os cartazes da Cinelândia. Mas isso quando as obrigações dos ensaios na Rádio Globo e na "boite" em que trabalha permitirem.

— Finalmente, Joan, qual a sua maior satisfação?

Miss Canadá não pensou muito. A resposta veio pronta como se estivesse engatilhada há muito tempo à espera, apenas, de oportunidade.

— Ter sido a primeira atriz de minha terra a cantar no Brasil. Acredite sinceramente, que esta foi a minha grande oportunidade e que, assim espero, será a definitiva.

A DUQUESA MARIA MICHI

(Cont. da pág. 54)

Mariac onheceu o Duque Augusto Torlonia quando filmava "Roma, Cidade Aberta". Desde então, o duque não se cansou de cortejá-la, escoltando-a às grandes funções sociais de Roma, seguindo-a sempre que saía da capital italiana com alguma companhia cinematográfica. Finalmente, o romance culminou com o casamento do simpático parzinho, efetuado em fins do ano passado em Roma. Nessa ocasião, Maria Michi virou-se contra aquêles que a taxavam de comunista, declarando: "Não posso aceitar a classificação de "comunista". Quero dizer uma vez por tôdas que não sou comunista, e que não pretendo inscrever-me em partido algum. Não tenho vergonha de minha origem, e jamais a terei."

Seja como fôr, a verdade é que Maria Michi não conseguiu um visto para ir até os Estados Unidos, onde um produtor americano queria submetê-la a um teste. Isso, porém, talvez tenha sido causado por suas declarações a favor dos produtores italianos, que estão às voltas com a invasão de capitalistas e companhias cinematográficas vindos de Hollywood.

Mas, nos Estados Unidos como na Itália, a nova duquesa parece ter um futuro certo no cinema — se é que pretende continuar a trabalhar diante das câmeras. Pof enquanto, vive em seu apartamento de Roma com o jovem duque de Torlonia, e desfruta a fama que lhe trouxeram "Cidade Aberta" e "Paisá".

MUSICA

TEMPORADA DE ARTE NACIONAL

ELENCO E REPERTÓRIO ★ UMA INICIATIVA DA PREFEITURA

ROBERTO LYRA FILHO

SERA' inaugurada, brevemente, uma temporada de arte nacional, sob o patrocínio da Prefeitura. A série de espetáculos, organizada pela Comissão Artística do Teatro Municipal, compreende bailado ópera e concertos sinfônicos. Num pequeno relatório enviado à imprensa, o órgão responsável pela orientação dessa iniciativa, composto de experientes e autorizados musicólogos, justificou os critérios adotados na seleção de repertório e elenco.

VALORIZAÇÃO DE ARTISTAS NACIONAIS

Inicialmente, reportando-se aos objetivos e ao sentido da realização cultural, para cujo sucesso trabalham com dedicação e entusiasmo, dizem os membros da Comissão Artística, no referido documento:

"A Comissão vê concretizar-se uma das disposições mais importantes do seu Regimento Interno, que é a valorização, não improvisada ou artificial, mas feita através de preparativos sólidos, dos artistas brasileiros que o mereçam, pelas suas qualidades de intérprete. Quer baixando o Regimento que determina essa orientação, quer sancionando a lei que promove a Temporada, o Prefeito fêz justiça aos artistas brasileiros, cuja atuação no Teatro Municipal era anteriormente sempre cerceada pela indiferença ou pelos interêsses de empresários líricos estrangeiros".



Violeta Coelho Neto de Freitas, que figura no elenco da Temporada de Arte Nacional

Durante muito tempo, os artistas nacionais, como convidados em sua própria casa, participavam, às vêzes, das temporadas oficiais, a critério dos concessionários. Ora, com êsse sistema, nem todos os que o mereciam obtinham o prêmio de uma oportunidade, sendo, frequentemente, afastados elementos de valor em benefício de grandes nomes estrangeiros, não raro inferiores em mérito e capacidade.

Agora com o aproveitamento das novas figuras que vão surgindo, sobretudo na cena lírica, com professores contratados para preparar e ensaiar, já estando prevista a criação de diversos cursos de especialização e aperfeiçoamento, diretamente ligados ao Teatro, não há dúvida que foi dado o primeiro passo no sentido de garantir a magnífica floração de talentos que virão enriquecer os elencos e dar mais brilho às temporadas.

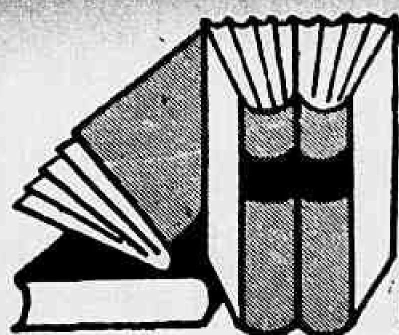
Falando a respeito de uma realização oficial, que bem revela a atenção com que está sendo encarada a nossa arte lírica, não poderíamos deixar de fazer referência aos esforços particulares e às organizações que, embora não dispondo de recursos suficientes ou amparo e subvenções, lutaram no mesmo sentido, inspirando, assim, através de sua atividade construtiva os planos mais recentes da Prefeitura. No elenco da Temporada de Arte Nacional, encontramos alguns dos elementos que se destacaram, na companhia de estudantes, que Pascoal Carlos Magno apresentou, o ano passado.

COMPOSITORES E REGENTES

A mesma atenção dispensada aos intérpretes nacionais, nessa temporada, voltou-se para os compositores brasileiros, tendo o cuidado de reservar-lhes uma posição de destaque.

Evidentemente, não se cogitou de dar exclusividade aos compositores brasileiros, mas, simplesmente, de incluir algumas obras mais representativas da nossa arte, garantindo, assim, a indispensável qualidade nacional do repertório. Serão apresentados bailados de Vila Lobos, José Siqueira, Mignone, concertos sinfônicos de Vila Lolos, Brasílio Itiberê, um festival brasileiro que Eleazar de Carvalho regerá. Ainda, entre as óperas apresentadas, haverá obras de Henrique Oswald, Carlos Gomes e Iberê de Lemos.

Inaugurando uma nova fase na vida do Teatro Municipal, agora utilizado num plano de divulgação cultural, essa Temporada constituirá um dos acontecimentos mais importantes do ano musical, pelo propósito, que traduz, de prestigiar os nossos intérpretes e compositores.

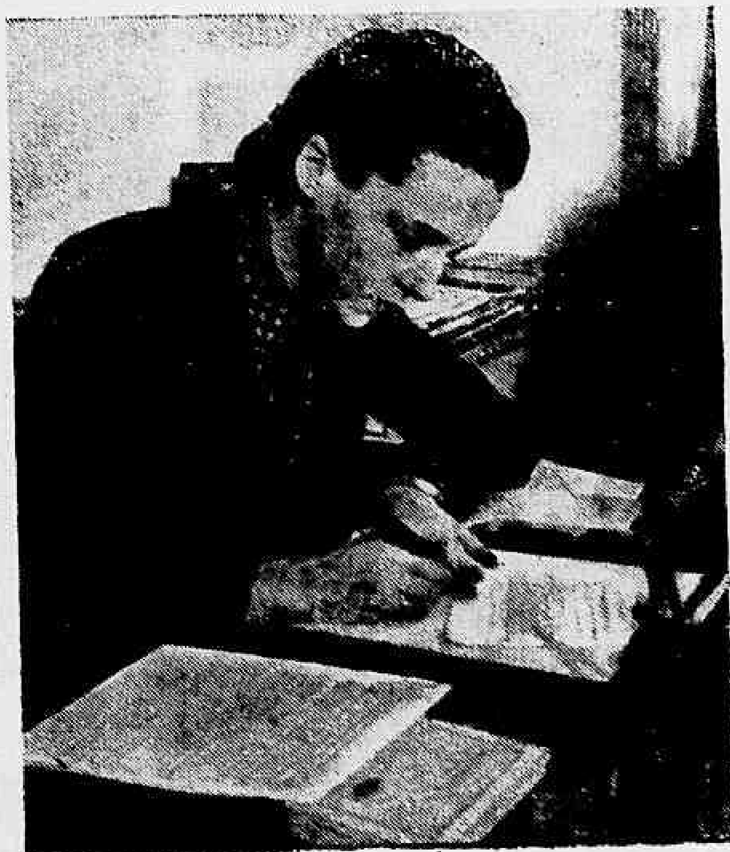


SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

GALERIA DAS CELEBRIDADES



EVA CURIE, a quem se deve a monumental biografia de Madame Curie, mãe da escritora. Eva Curie, ao contrário da maioria dos escritores modernos, não usa máquina, para trabalhar, preferindo a pena, como se vê nesta expressiva fotografia

DE KATHERINE MANSFIELD

Sou tão extraordinàriamente consciente das raizes que me prendem! Podiam puxar, puxar... não me arrancavam. Podiam cortar-me as flores — outras desabrochariam... Creio que saberia separar, num abrir e fechar de olhos, as criaturas que têm raizes daquelas que as não têm.

★

Está hoje um dia maravilhoso. E' como se em volta de tôdas as coisas existisse um circulo de luz. Há muito sol e o silêncio é tão grande que devia ser possivel ouvir uma aranha fazer a teia.

★

Estou convencida de que não está certo viver-se isolado, fechado dentro do próprio "eu", como em geral fazemos, sem trocar nunca coisa alguma, sem nos renovarmos, sem dar nem receber seja o que fôr. Era preciso inventar uma coisa bonita e alegre, que atirassemos uns aos outros e que pudessemos manter sempre bem alto, sem nunca a deixar cair no chão — um "espirito". Mas onde está êle e a quem interessaria, mesmo que o tivéssemos?

★

Oh! Preciso tanto de alegria, de certo bom humor, de bem-estar, de bondade, de um amor feliz. A vida sem tais coisas não vale a pena ser vivida. Têm de existir por fôrça. Possuimos — pelo menos alguns possuem — asas, verdadeiras asas, devem servir para voar, não podem andar sempre escondidas...

★

Sinto crescer em mim a paixão pela solidez e pela honestidade em tôdas as coisas!

★

Talvez que, se as pessoas embarcassem todos os anos em busca de céu azul e de flores, se transformassem.

★

Desejo sentir que não existe barreira alguma entre nós que estamos ambos sentados, de mãos dadas, à sombra de uma fôlha de ruibarbo, mostrando um ao outro aquilo que trazemos dentro das algibeiras.

★

Se soubesses como me inundaste em claridade!

AMOR E POESIA

HÁ alguns acontecimentos neste miserável mundo das letras que sempre me comoveram. São tragédias vividas e obscuras. Pequenos dramas tristíssimos. A morte do poeta Antônio Feijó, morte de amor por aquela que foi a "pálida e loira" companheira de seus dias — é um dêsses fatos. Outro, o suicídio, na solidão e no desespêro, de Florbela Espanca, essa princesa nevrosada do tédio, filha espiritual de Antônio Nobre... Outro, ainda, a história daquele livro de Joseph Kessel, "Dames de Californie", que fêz morrer de dor aquela que animara o romancista a escrever as suas memórias dos Estados Unidos, doce criaturinha apaixonada que não pôde resistir à brutalidade daquele documentário e morreu de ciúme... Finalmente, a história do "Cancionero del amor infeliz", de Rufino Blanco-Fombona.

Conta um biógrafo do poeta venezuelano que êsse livro é a recordação dolorosa de um grande amor, grande porque foi "el amor infeliz". Um drama pungente originou êste livro, êste breviário de ternura apaixonada, em que se encontram versos de suave, singela, comunicativa intimidade, como êstes, em que existe também um sôpro de além-túmulo

"El temor sobrecogia
mi espirito en el silencio;
y temblé cuando la lámpara
se apagó, sin haber viento."

Sim, foi um drama. O poeta comprometera-se para casar-se com uma das moças mais lindas e sensíveis de Caracas. Mas o exílio o afastara da pátria e da noiva. Conhecera então outra mulher e amou essa companheira dos anos de destêrro e nostalgia. De volta à pátria, quis cumprir sua palavra. Mas não podia renunciar ao seu romance do exílio. E a linda noiva que não conseguiu suportar que outra existisse no coração de seu poeta, preferiu desaparecer do mundo, cerrando os lindos olhos para a vida, tendo nos lábios doces palavras de amor e de perdão.

Essa a história comovente de um livro de amor — do poema do "amor infeliz", que é, também, um amor imortal: "Cancionero del amor infeliz".

PENSAMENTOS DE LAFORGUE

Amo, amo: bebi um copo de vertigem. Eu, tão analista, com uma alma tão miope, sinto-me completamente solene. E sigo pelas ruas. O Luxemburgo está cheio de uma alegria dos sinos. Se ela não me ama, se não a devo ter, absolutamente, que importa? Amo, isto me basta, sinto-me generoso, celeste, humano, palpitante, tão cheio de coisas que não ouso olhar-me de soslaio. E tudo isto a sério.

★

E' a mulher que salvará o mundo. Ela que dissipará com seu sorriso os vapores elétricos de fim de verão do pessimismo. O homem morreu, viva a Mulher! Ela crê no "eu" e não tem mêdo da morte e está fechada às angústias metafisicas e ao desespêro do Desconhecido. Ela é a vida contente. Sua vocação imutável e inextirpável, sua razão de ser é de perpetuar a vida. O reino da mulher chegou.



JULES LAFORGUE

★

Um gabinete de trabalho — Algo assim como o cubiculo de um elevador.

Com a mulher temos, até agora, brincado de boneca... Eis que isto já durou bastante.

★

Um beijo no canto de sua bôca, quando ela me sorri com seus olhos vivos, contentes e bons; isto não me bastaria, por certo! Mas êsse sorriso manteria tôda minha vida em expectativa... eu a amo como a vida. Esqueceria a vida por ela, suas mãos nas minhas mãos.

PIERROT E WILLETE

Já não se fala mais, pelo Carnaval, do velho herói da "Comedia del Arte", êsse Pierrot bem amado dos poetas e dos pintores, de Watteau e de Verlaine. Tudo mudou. Estamos em pleno existencialismo. Os próprios "brotinhos" são discipulos de Sartre. São para os que se recordam do velho Carnaval do velho Rio — o Rio do tempo de Luis Edmundo — com Pierrots e Colombinas, de Andre Vento e de Siburú Barutti, êstes versos que Gabriel Monteya dedicou a Adolphe Willette, o humorista que fêz de Pierrot o herói de suas caricaturas poéticas, cheias de um imperecível encanto. Êstes belos versos, traduzidos em má prosa:

A ADOLPHE WILLETTE

O filho predileto de teus sonhos, aquêle que torna tuas horas breves sôbre o quadrante tedioso das noites, o Pierrot que tua mão desenha, tão pálido e branco que cintila como a lua na água de um tanque, não é uma figura vã; teu Pierrot é a vida humana que caminha e que segues, a senhor. E' um poeta, um filósofo que recolhe fragmentos de estrofes em todos os cantos do "boulevard"; é um amoroso que se amofina e que não entrevê o pôrto onde acabará o mal que lamento. E' um vagabundo e é um artista, mas um artista que tem um ar tristonho, como outros têm o ar bêbedo; não é um burguês que ganha, como num país de cocanha, os milhões que cretinizam. E' um ser simples e jovem, essa Gringoire a que o áeum, mais que a fartura, conhece; é um puro, um melancólico e eu o acho muito católico, muito místico e muito ingênuo. Amo-o quando êle se queixa de ver que Colombina mente e o engana com impudor; e amo-o quando êle perdoa, o pobrezinho, e quando se abandona aos impulsos inocentes de seu coração. E amo-o sempre, teu Pierrot pálido, eternamente a exibir aquela brancura; e é nêle, a ti que aclamo, porque buscaste, no fundo de tua alma, a altura da túnica que o veste.

"GETULIO ME DISSE"



ARMANDO PACHECO, repórter-escritor, cujo livro "Getúlio me disse", reunindo sensacional reportagem feita com o ex-ditador em São Borja, é um dos "best-sellers" do momento.

REVISTAS

Recebemos:

"Cultura e Alimentação", a nova e notável publicação do SAPS, dirigida por Murilo Miranda e cujo sumário apresenta nomes dos mais ilustres de nossas letras.

— "Revista Branca", n. 10, com significativa colaboração, destacando-se artigos de Gilberto Freyre, Jayme Adour da Câmara, Da Costa e Silva Filho, Constantino Paleologo e outros; Renato Jobim assina uma nota muito inteligente sôbre o jornalismo de Victor Hugo.

— "Lar da Criança", numero de dezembro de 1949, que Adalgisa Bittencourt dirige e que é o mensageiro da instituição que lhe da o nome, com materia copiosa versando o importante problema social da criança.

POESIA EM MINAS

TÔDAS as semanas faço um divertido "week-end" em Minas. Às segundas-feiras viajo a Belo Horizonte, volto a conviver um pouco com os velhos amigos do Bar do Ponto, da Califórnia, do Abissinia, através dos suplementos dominicais do "Estado" e da "Fôlha", como tratamos na intimidade êsses conceituados diários mineiros. Principalmente o que nos impõe êsse passeio semanal é um encontro, sempre muito agradável, com Jair Silva, o humorista de "Oropa, França e Bahia", Djalma Andrade, o poeta lírico e satírico da "História alegre de Belo Horizonte", e José Clemente, cronista social do "Estado", que também atende pelo nome de Moacir Andrade e é o romancista das preciosas "Memórias de um chauffeur de praça".

Um dêsses dias, Djalma Andrade fêz a revelação de um novo poeta mineiro, Vinício de Carvalho, que verseja à moda antiga mas que nos oferece versos muito bons, apesar de rimados e metrificados ou, talvez, por isso mesmo.

Aqui está, de Vinício de Carvalho, um belo soneto:

DANÇA ARABE

Trazes no corpo a graça das palmeiras
e o esplendor do luar de Ramadã.
Vem: minha tenda, a esta hora da manhã,
possui, na sombra, o odor das tamareiras.

Esquece, na maciez do meu divã,
o cansaço das tribos caminheiras.
Não procures miragens traiçoeiras:
— Tôda procura, neste mundo, é vã!

Não faz mal que, no Livro-do-Destino
nosso amor seja um conto pequenino
que a mão do Tempo, trêmula, marcou

pois a história de amor mais comovida
é a que deita raízes pela vida
quando tudo, afinal, já se acabou.

E não me furto o prazer de proporcionar aos leitores êstes quatro versos tão novos sôbre a nossa velha e batidíssima dona Felicidade:

Felicidade — asa branca
Gaivota que voa no léu;
No mar, ela indica terra,
Em terra, ela indica o céu.

"WORDS...", DE ANTONIO PATRICIO

UMA obra menos conhecida de Antônio Patrício, o teatrólogo-poeta de "Pedro, o Cru", e "Dinis e Isabel", é êste "Serão inquieto", que só agora pudemos encontrar, embora date de 1920. São contos, de um sabor novo e esquisito, um pouco de Eça, mas às vêzes palpitantes de uma poesia que Eça não conheceu.

Um dos capitulos do livro — um dos contos, pois que é um conto indiretamente — tem por titulo "Words..." e encerra frases, idéias, paradoxos.

Aqui vão algumas dessas frases e idéias de Antônio Patrício:

A maior parte da gente é "honesta" — em virtude da lei do menor esfôrço.

Umas mãos, um gesto de mulher, um perfume de flor, ou um velho estôfo, consolam bem melhor que Marco Aurélio...

A dor deve ser como uma amante — que nos faz sofrer e em quem batemos.

Um perfume na sombra tem uma voz de aparição.

A moral é um lastro. Deita-se fora p'ra subir.

Não há esculturas como as nuvens.

Um perfume é uma confidência: é também o olhar das flores, segundo Hello, o seu idílio.

O AVIAO E O CAVALO

O famoso filólogo Cândido de Figueiredo demonstra grandes conhecimentos sôbre aeronáutica, no seu dicionário, quando nos dá esta definição de aeroplano: "Aparelho aerostático, movido a vapor e sustentado sôbre planos e lâminas postos em ação pelo motor de um cavalo".

Comentando esta definição, diz Monteiro Lobato: "Cândidamente, figueiralmente errado, da cabeça aos pés. O tal cavalo que movia o avião do sr. Cândido de Figueiredo só podia ser êle mesmo".

(*Erasmo Martins*)

★

Apareceu em São Paulo o livro de contos de S. Reale, "As mulheres não entendem de amor". São histórias tocadas de humor, mas sempre com o senso de estranheza que todo homem sente diante do ridículo de certas situações.

★

Louis Guilloux, autor do romance "Compagnons", foi, também, candidato ao "Prêmio Goncourt", de 49, com o livro "Jeu de patience", tendo, porém, perdido, em segundo escrutínio, para Robert Merle.

★

Renault pagou a Carlos, por uma intervenção na perna, 75 francos em moedas de quarenta *sous*. Seria extremamente difícil perfazer 75 francos com moedas de quarenta *sous*, isto é, de dois francos.

Flaubert, em "Madame Bovary", contou que

FORA DO PRELO

FIM DE JORNADA

Henrique Adri publica uma coleção de poemas, com capa a côres, retrato do autor e muitas ilustrações que fariam inveja à artista Luz del Fuego. Justificando-se, elabora um prefácio em prosa e diz o seguinte, entre outras coisas, textualmente:

"Se alguém tivesse comentado, alguns dias antes, talvez não teria ainda pensado expor à luz da publicidade, êste pugilo de versos pálidos e singelos — última relíquia do santuário de minha adolescência.

"Foi, por certo, a reminiscência doce e saudosa desta quadra fugace que se vai apagando e ficando atrás de nós longínqua e semi-nua, acenando-nos quéruios adeuses, debulhada em lágrimas, como epílogo daquela sazão feliz, que se vai debuchando em névoas esparsas, para sempre, sempre... enquanto caminhamos para o futuro, que alimentou, meus amigos, no meu espírito, reunir, neste livresco, sem futuro, algumas poesias que, por acaso, me acompanham até hoje, enquanto outras já se foram e muitas ainda publicadas em alguns jornais e revistas que nem sequer cópias delas tenho.

"Hoje quando releio alguns versos de minha adolescência (rude vislumbre da minha primeira formação intelectual), rio-me, por vêzes, e é por isto, com temor e receio, que os lanço ao público, sem tentar e sem procurar corrigi-los."

E por aí os leitores têm o melhor que se poderia dizer do "pugilo de versos pálidos e singelos" com que o poeta recorda a "quadra fugace, longinqua e semi-nua".



RUI BARBOSA

O centenário de Rui Barbosa veio dar oportunidade a um balanço crítico da obra do grande brasileiro. E' curioso acentuar, entretanto, que na abundância de publicações houve sensível lacuna, pois a figura de Rui, como ministro da Fazenda da primeira República, não merecera mais detida atenção.

Eis o que êste alentado volume de Humberto Bastos, "Rui Barbosa, ministro da Independência Econômica do Brasil" (Casa de Rui Barbosa, Rio), vem agora corrigir. O autor se propôs iluminar êsse ângulo da vida fecunda de Rui, até aqui pouco esclarecido, pois o que mais atraiu até agora, em Rui, foi o parlamentar, o jornalista, o escritor, o homem de saber, o político — nunca o administrador e o financista.

A obra de Humberto Bastos é assim uma contribuição inestimável ao melhor conhecimento de Rui, tanto pelo seu brilho, como pelo caráter crítico-informativo que lhe deu o autor. E, mais: era oportuna uma obra assim, para se pôr nas mãos da nova geração que vem sendo trabalhada por uma injusta mentalidade anti-Rui, na vã tentativa de diminuir a estatura do gigante. E oportuna também para que se esclareça que não foram erros do primeiro ministro da Fazenda que determinaram, posteriormente, seu afastamento dos postos administrativos.

Realmente, sem uma obra como a que nos dá agora Humberto Bastos, tão bem documentada, tão bem escrita, tão justa e serena de conceitos — não ficaria bastante claro êsse mistério político brasileiro. E poderíamos ser arrastados a uma falsa opinião sôbre o ministro Rui, realizador, na Fazenda, daquilo que o autor chama, com todo o fundamento, a independência econômica do Brasil.

Outros fatôres prevaleceram para o afastamento de Rui dos postos de govêrno, entre êles predominando seu liberalismo, em contraste com as tendências caudilhescas do regime que culminaram em trinta e declancharam a revolução, por mal nosso também ela acabando na ditadura Vargas, de tão triste memória.

O livro de Humberto Bastos trata detidamente da obra de Rui, na Fazenda, ao alvorecer do regime. E' um grande livro de informação e de crítica, ao mesmo tempo que oportuna obra de justiça, de reconhecimento do Brasil atual ao que o eminente patrício nos legou como ministro, na hora grave da transição do país do Império para a República. Dêste livro, a figura de Rui Barbosa sai certamente ainda mais engrandecida, tanto é certo que êste aspecto de Rui foi, até agora, o menos versado na nossa já copiosa bibliografia ruibarbosiana.

GETÚLIO ME DISSE

Até há pouco não conheciamos os grandes repórteres de nomes brasileiros. E já que estamos falando em "Getúlio me disse", de Armando Pacheco (Editôra Aurora, Rio), digamos logo que foi um bem que Getúlio nos fêz.

Vão averiguar e vejam se não temos razão. Foi o govêrno Getúlio Vargas, com o seu ominoso DIP, que levou nosso jornalismo ao campo da reportagem. Com a censura exigente daqueles dias, os jornais viviam à míngua de assunto. Assim, os mais aptos para êsse gênero de jornalismo se atiraram à reportagem. E, dessa forma, surgiu entre nós um gênero pouco e mal cultivado. E aí estão, entre outros, o grande Edmar Morel e êsse bravo Armando Pacheco, fazendo reportagens sensacionais de grande alcance social e político, num jornalismo menos transitório e perecível.

"Getúlio me disse" nos traz as palpitantes reportagens colhidas na fazenda de Santos Reis, em São Borja. Armando Pacheco foi desentocar o exditador no seu remanso gaúcho. E lá colheu os depoimentos que reuniu neste volume — apreciável documento de política e de história, cuja atualidade não lhe impede a permanência, pois o caudilho de São Borja será sempre uma figura excepcional na nossa crônica. Neste pequeno grande livro vasado em puro estilo jornalístico, vivo e fiel, é que o historiador futuro virá buscar as linhas principais com que monte a estrutura do ditador. E, no momento, quando o solitário de Santos Reis ajusta as bombachas e sela o pingo para novas bravatas no rodeio da sucessão, êste livro de Armando Pacheco adquire a importância de obra de indispensável leitura para que melhor se fixe a personalidade do líder populista.



PROBLEMAS SENTIMENTAIS

A escritora Diva Paulo tem sido uma das maiores colaboradoras do rádio feminino no Rio, através de nossas estações de "broadcasting".

Neste livro, que conserva o título do programa que ela mantém com tanto êxito ao microfone da Rádio Nacional, reuniu Diva Paulo uma série de estudos sentimentais em forma dialogada, onde apresenta alvitres e soluções a problemas do coração.

"Problemas Sentimentais" (Pongetti, Rio) é, assim, um manual prático para aquêles que se encontram diante de conflitos psicológicos. Bem houve Diva Paulo salvando do perecimento radiofônico estas páginas que escreveu com tanto carinho e tanto desinterêsse, colocando sua experiência, seu bom-senso e sua vontade de servir à disposição de quantos, por êsses mundos romanescos, se afligem e se desesperam com os encontros e desencontros dos corações.

A POESIA E A FILOSOFIA

"Relações e afinidades entre a poesia e a Filosofia" — eis o título todo do discurso de Leopoldo Braga, recebendo, na Academia de Letras da Bahia, o professor Raimundo de Souza Brito.

Trata-se de um discurso de tese, em



que o acadêmico baiano nos conduz, em brilhante oratória, à constatação de que a filosofia nasceu dos devaneios gratuitos da poesia. Além de muito interessante o seu tema, Leopoldo Braga tratou-o como ensaísta-poeta, arrastando-nos irresistivelmente às suas conclusões e à sedutora teoria que construiu, relacionando a imaginação criadora de mitos com a disciplina científica do mundo filosófico.

E' um belo e erudito discurso êste, que se lê com grande deleite e inestimável proveito.

★

Maria José Aranha de Resende publicou "Rosa desfolhada", poesia, onde se enfeixam versos singelos e cantantes, de saborosos acentos líricos. Escrevendo sôbre êste livro, disse Afonso de E. Taunay:

"...Li com o maior prazer as poesias que me enviou e sem o menor intuito de lisonja ou de mera amabilidade quero dar parabens à nossa arte poética nacional pelo que representa a "Rosa desfolhada".

Quanta delicadeza em "Vida nova", "Árvore frondosa", "Vase brisé"! Enfim, e em suma, pela amostra, essas fôlhas de "Rosa desfolhada" parecem-me pétalas das mais ricas côres e sobremodo perfumosas. Peço-lhe que me tenha como seu muito af.º admirador — que não é poeta mas gosta muito dos versos belos."

MARION NÃO QUER CASAR













TERIA AQUELA CRIANÇA AUGMENTADO AINDA MAIS O HORROR DE MARION AO CASAMENTO? OU...















Dentre as maiores celebridades do palco francês decantadas em prosa e verso através dos sucessos retumbantes do famoso "Folies Bergere", uma subiu a alturas vertiginosas na publicidade teatral: Mistinguette, cujas pernas serviam de tema a tôda essa literatura de revistas alegres. Ei-la aqui, entre plumas e luxuosa montagem, como seu lindo sorriso

UM POUCO DA HISTÓRIA DO FOLIES BERGERE

SEU PRIMEIRO TÍTULO: "LES FOLIES-TRÉVISE" ★ O CAFÉ DOS COLCHÕES DE MOLAS ★ 83 ANOS DE DIVERTIMENTO PARA OS PARISIENSES E OS TURISTAS ★ ONDE AS PERNAS MAIS SE EXIBEM ★ TAMBÉM GOUNOD, MASSENET E SAINT-SAENS!

Por JEAN MICHEL

PARIS é a Tôrre Eiffel, diz uma canção e é verdade. Mas Paris também é "Les Folies-Bergere". Há mais de oitenta anos todo turista, do país ou do estrangeiro, e que se respeita, tem que passar pelo menos uma noitada no "music-hall" da rua Richer.

Sua classe era internacional, diz Maurice Chevalier em suas memórias, e os estrangeiros que iam visitar a cidade compareciam lá na primeira noite. O passeio



Êste era o figurino da época da inauguração do famoso teatro parisiense e que tanto agradava aos nossos avós..



Nas famosas revistas do "Folies Bergere" o nudismo aparecia sempre em números de arte e deslumbramento



Antes da nossa "Chiquita Bacana", a terrível Josephine Baker aparecia no "Folies" vestida com bananas!...



O povo gosta de fantasias e indumentárias mirabolantes como a desta artista do "Folies Bergere", que nos apresenta aqui um chapéu positivamente piramidal. Do lado oposto uma "grisette" procura mudar de roupa rapidamente, batendo outros recordes de ligeireza, nesse vai-e-vem das cenas de revistas que os espectadores tanto sabem aplaudi



Três garotas do barulho são estas que aqui vemos, figuras indispensáveis aos espetáculos de "music-hall", em Paris, Nova York, Rio ... E' sempre um desfile de beleza

coberto de incriveis proporções constituia verdadeiro mercado de Amor no qual exércitos de lindas jovens lá evolucionavam como se estivessem em gigantesco campo de manobras.

Nas poltronas — continua Maurice Chevalier sua narrativa — nos camarotes e na platéia, podiamos notar homens e mulheres dos mais célebres do mundo inteiro. Luxuriosa Tôrre de Babel, em cujo recinto se falam tôdas as linguas entre a fumaça dos havanas, rebrilham jóias sôbre os decotes das mais lindas mulheres. Templo de riqueza, de beleza e de vida bastante fácil...

Reproduzindo essas impressões do famoso cançonetista parisiense, reconhecemos que hoje a vida ali é menos fácil, embora a atmosfera continui a mesma. Desta forma "Folies-Bergere" é uma expressão que sobreleva o esperanto: pronunciada em qualquer parte dêste mundo, não importa onde, provoca imediatamente um largo sorriso.

OS BANDOLINISTAS DO SIMPLON

E' em um número do "Album des Théâtres" de 1867 que encontramos a primeira alusão — pessimista, aliás — à criação dêsse "music-hall".

— "Será verdade, escreve então um cronista anônimo, que se vá fundar na rua Richer, ao lado do "magasin" "Les Colonees d'Hercule" uma nova sala de espetáculos? Êsse estabelecimento terá o titulo de "Les Folies-Trévise". Desejamos-lhe boa sorte, mas o local nos parece pouco apropriado a êsse gênero de distrações parisienses!"

No ano seguinte a êsse palpite, espalhava-se que o estabelecimento seria um Café Espetáculo. Será diferente de café comum — acrescentava-se — porque se pagará além das consumações, um preço fixo pel entrada que regulará um franco e um franco e meio. Será ainda diferente d qualquer Café, porque, além de contar com tôdas as verdadeiras representações teatrais compostas de operetas, sainetes, cançonetas, os espectadores terão as mesmas liberdades que têm nos cafés: beber e fumar.

A inauguração foi realizada a dois de maio de 1869. O programa se constituia especialmente de um tenor cômico, que a ópera-bufa chama de baritono, uma exibição de animais selvagens e de propriedade privada e de bandolinistas italianos descobertos em Genebra por um jornalista, quando da inauguração da linha de Simplon.

O CAFE DOS COLCHÕES DE MOLAS

Apesar do ecletismo dêsse elenco, não constituiu êle um sucesso, não pelas razões expostas pelo redator do "Album des Théâtres", mas porqua a sala construida pelo arquiteto Plameret, que era também inspetor das edificações da Coroa, contém vários defeitos, em particular de deplorável acústica.

Três meses depois, em agôsto de 1869, a casa fecha suas portas. Mas as reabre em setembro seguinte, para voltar a fechar em 1º março de 1870. Passa a direção de M. Boisteve para M. Dureeu, o qual procura conquistar o público com um "vaudeville", mas desta vez ainda nada s consegue e êle abandona a idéia em março de 1871.

Para espe
dores e f

Em no
que vem
assume a
cide tran
do-lhe u
seio cob
triunfar
nome "L
na funda
urros de
que de T
ao nome
um café
questão

Vem-lh
cher", n
êste em
século X
Folies-B
referente
de Rich
rua Ber
do S, "

Essas
parisien
tinham
estabele
pelo fa
lunas d
móveis.

Perce
é neces
saber l
havia
sucesso
versões

Êste g
famos

o lado oposto
bem aplaudi

e café comum
ue se pagará
reço fixo pel
franco e um
diferente d
de contar com
sentações tea-
sainetes, can-
io as mesmas
afés: beber e

da a dois de
se constituía
cômico, que a
ono, uma exi-
e de proprie-
nistas italianos
um jornalista,
da linha de

DE MOLAS

se elenco, não
não pelas ra-
do "Album des
sala construída
ue era também
Coroa, contém
ar de deplorável

gôsto de 1869,
s as reabre en
oltar a fechar
sa a direção d
eu, o qual pro
com um "vau
ainda nada s
idéia em mar

áveis aos espe
le-file de beleza





Para espetáculos como os do "Folies Bergere" e de outros centros de grande atraçãi, espalhados pelas grandes cidades do mundo, um dos maiores cuidados dos seus organizadores e financiadores está na seleção dos elencos, especialmente em bons grupos de coristas e solistas. Não basta ser boa artista, é preciso, também, ser um tipo de beleza

Em novembro do mesmo ano, Leon Sari, que vem dos "Delassements Comiques", assume a direção do estabelecimento e decide transformá-lo completamente ajuntando-lhe um "promenoir", isto é, um passeio coberto. Bateu-se enfim para fazer triunfar a razão social antiga, isto é, o nome "Les Folies-Trevise", título escolhido na fundação da casa. Êsse nome provoca urros de indignação aos herdeiros do duque de Trevise, que alegam ser profanação ao nome do seu antepassado, dando-o a um café-concêrto. Sari teima e perde a questão mediante processo.

Vem-lhe à idéia o nome de "Folies-Richer", nome da rua em que funcionava e êste em memória de grande industrial do século XVIII. Por fim se decide por "Les Folies-Bergere", sendo êsse último nome referente a um financista contemporâneo de Richer, ao qual se devia o terreno da rua Bergere. Aí está a razão da ausência do S, "Folies-Bergere" e não *Bergeres*.

Essas dificuldades deixaram o público parisiense bastante indiferente. Com efeito tinham já encontrado um apelido para o estabelecimento: "Café do colchão elástico", pelo fato de ser vizinho ao magasine "Colunas de Hercules", casa especializada em móveis.

AS MENINAS DO PASSEIO

Percebe Sari que, para conseguir clientela é necessário organizar espetáculo novo. Sem saber lhe vem à mente a mesma idéia que, havia mais de um século antes, fizera o sucesso de Nicolet. E o novo plano de diversões atingiu o mais elevado êxito.

Em 1871 a 1872, a tenda chegou a 230 mil francos. No período de 1874 a 1875 somam 781 mil, deixando a Sari um lucro de 240 mil francos. Francos-ouro, evidentemente... Tudo isso porque êle inovou a forma de apresentar seus números, introduzindo "passeios" por entre a platéia, com as mais belas meninas dêste mundo.

Mas Sari não dorme e imagina coisas. Em 1880 resolve tomar estranha resolução. Vai consagrar seu estabelecimento à grande música. E lhe dá êste batismo: "Concert de Paris". Ali vão ouvir os maiores compositores contemporâneos: Gounod, Massenet, Saint-Saens, Delibes, etc.

A inauguração dêsses novos espetáculos de arte e aristocracia se realiza em maio. E a casa que já se ressentia de público, recobra seus dias de esplendor e lhe dá receitas enormes. Mas o diretor Sari acaba falindo... em virtude do vício do jôgo.

Em 1885 é pôsto à venda o estabelecimento mais famoso de Paris. Seu preço é de 252 mil francos, além de um pagamento adiantado de 72 mil francos destinados, anualmente, ao "Hospice des Quinze-Vingts", proprietário do terreno desde muitos séculos. Compram-no os diretores de La Scala, Sr. e Sra. Allemand, que haviam ganho uma fortuna com um cassino em Aix-les-Bains. A 30 de novembro de 1886 dão o seu primeiro espetáculo, com a peça "Place au Jeûne" e o guarda-roupa custa nada menos que 10 mil francos.

Seu atual diretor é M. Derval e tem sofrido várias transformações até hoje. Ali se apresenta de tudo e em 1889 até anfiteatro de lutas foi...



Êste grupo não foi tirado na França e sim nos Estados Unidos, na capital do Cinema, a famosa Hollywood, e se refere a uma peça de revista que tem o nome de "Folies Bergere"



A INTÉRPRETE de "Roma, Cidade Aberta", em companhia do Duque Augusto Torlonia. Conheceram-se quando era rodado aquêle filme e... acabou em casamento...



MARIA MICHI foi taxada de comunista, acusação que se desfez de uma vez por tôdas quando tomou por es pôso um nobre. Antes do matrimônio ela declarou: — "Não posso aceitar a classificação de comunista. Quero diz de uma vez por tôdas que não pretendo inscrever-me em partido algum, nem tenho vergonha da minha origem

A DUQUESA MARIA MICHI

UMA ATRIZ DE ORIGEM HUMILDE DESPOSA UMA DAS MAIORES FORTUNAS DA ITALIA

OS fãs certamente ainda estão lembrados de Maria Michi, a trágica heroina de "Roma, Cidade Aberta", Sem dúvida, muitos têm um especial lugar reservado, em sua memória, à amante do "Engenheiro" revolucionário, que, num momento de fraqueza, levada pelo ciúme, não hesita em traí-lo aos nazistas.

O que poucos sabem, porém, é que Maria Michi não tinha experiência dramática de qualquer espécie quando Roberto Rossellini lhe deu êsse dificil papel, digno de uma atriz de largo tirocinio. Na verdade, a linda romana só pisara num cinema como espectadora — e como "vagalume".

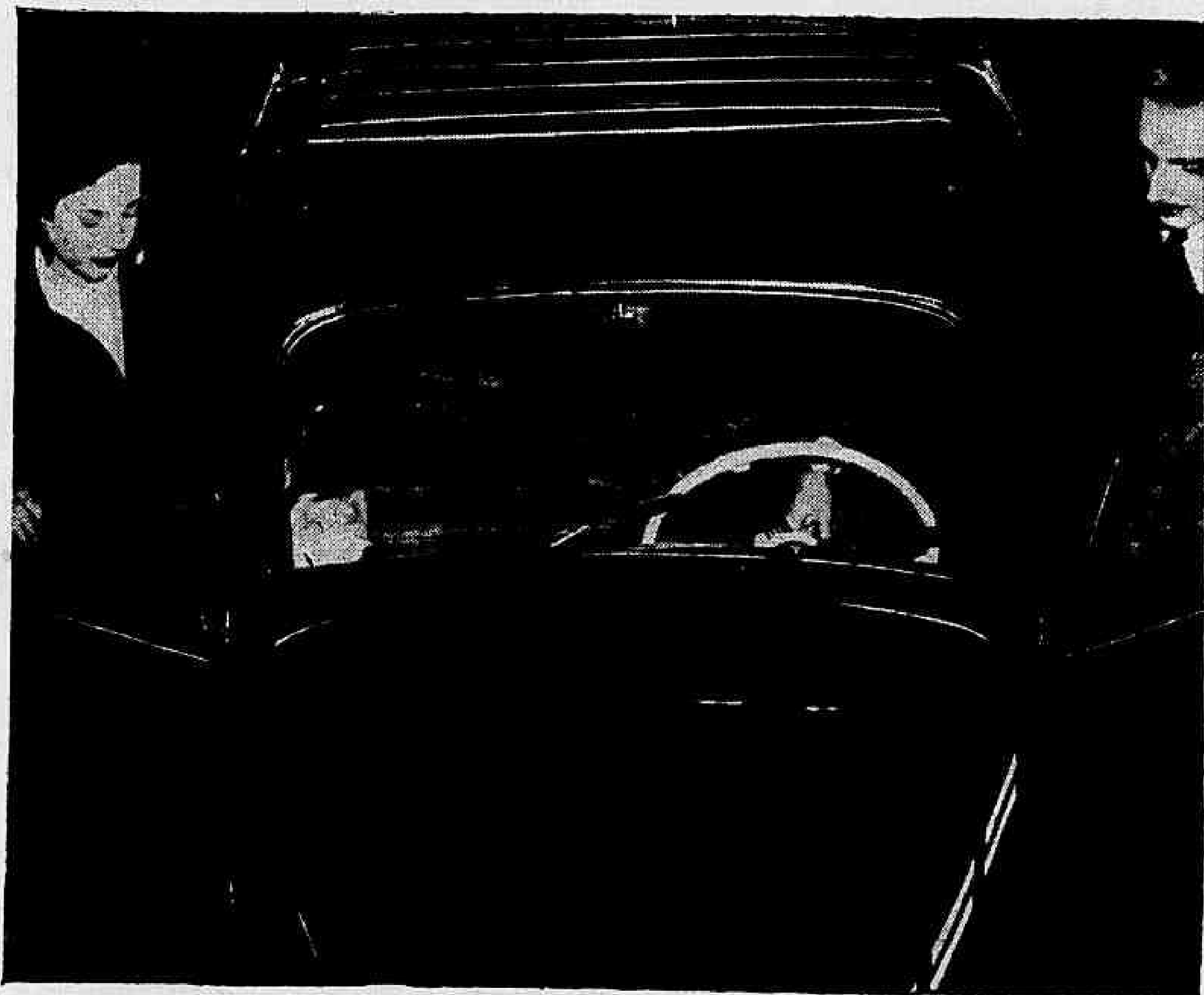
Foi o cenarista Sérgio Amidei quem a apresentou ao diretor Rossellini. Amidei travara conhecimento com a moça no Teatro Quattro Fontane, de Roma, onde ela trabalhava com uma lanterna na mão, a guiar os espectadores até seus lugares. Naquela época, o diretor estava longe de possuir a fama que hoje tem. Iniciava a sua carreira, depois de ter dirigido três ou quatro filmes sem importância, que, por não seguirem ao pé da letra os preceitos do fascismo, o tinham colocado numa lista negra do cinema.

Logo depois da invasão dos aliados, Rossellini tivera a idéia de que nasceria "Cidade Aberta". E tratara de juntar um elenco em que, ao lado de alguns modestos atores profissionais, figuravam muitos amadores que jamais tinham pisado num palco de filmagem. Havia Aldo Fabrizi, um humilde comediante. E Anna Magnani, que a então não passava de uma cançonetista de segunda class E também o jornalista Marcello Pagliero. Além disso, ha via dezenas de amadores, quase que escolhidos ao acas nas ruas e nos cafés. Maria Michi era um dêsses am dores. Mas, sob a direção inspirada do mestre do re lismo italiano, seu desempenho foi o de uma atriz pr fissional — sem perder, no entanto, o seu ar de espo taneidade e sinceridade.

Consagrado pela critica de todo o mundo, "Roma, C dade Aberta" também foi uma consagração para a lin "vagalume". Tudo faria crer que o cinema lhe reserva uma excelente carreira. Mas nenhum outro produtor te a idéia de aproveitá-la. Só quando o próprio Rosselli se dispôs a fazer o celebrado "Paisá" foi que o seu no voltou à baila. Então, novamente consagrada pela cr tica, Maria Michi voltou para ficar. Nos anos que se s guiram, apareceu em diversos filmes de outros diretor — "Preludio d'Amore", "Fatalità", "L'Altra" e "La Certo di Parma" — sendo premiada no Festival de Locarn em 1947, por seu trabalho em "L'Altra" (A Outra).

Há pouco, o nome de Maria Michi estêve mais uma v no cartaz. Seguindo o exemplo de Rita Hayworth, que agora uma princesa de quatro costados, Maria despos um legitimo duque. E o mais interessante, no caso, é q a atriz tinha fama de ser comunista.

(Cont. na pág. 4



UM PRESENTE para a jovem espôsa: o automóvel americano que ela tanto ambicionava. O Duque Augusto é o segundo filho do Duque Andrea Torlonia e da Marquesa Spinola de Genova, mas está disposto a renunciar a todos os títulos por amor à espôsa



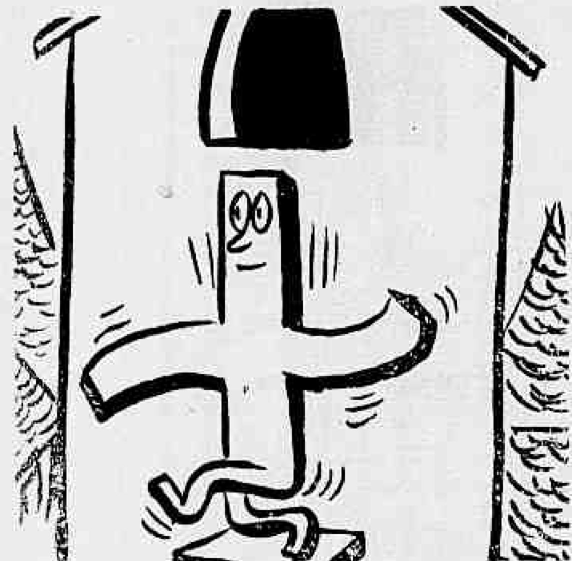
MARIA MICHI e seu ilustre espôso almoçam em um restaurante de Travestere. Antes servem-se do clássico aperitivo, assistidos pelo cão predileto da "estrêla". É bom frizar que o Duque Andrea Torlonia até hoje não concordou com o casamento do filho

Tudo isto aconteceu...

A CRUZ QUE SE MOVE

UMA cruz de madeira, de metro e meio de altura, com a imagem de Cristo crucificado, feita de barro lustroso, existente na frente da igreja de Cihost, Tchecoslováquia, moveu-se para a esquerda, para a direita e, por fim, para os lados do ocidente.

Cihost é uma aldeia de trezentos habitantes, todos modestos camponeses e católicos fervorosos. Dizem os seus devotos que a cruz se movimentou, pela primeira vez, a 11 de dezembro do ano passado. Como não podia deixar de ser, o povo da localidade se agitou e a notícia espalhou-se ràpidamente por tôda a vizinhança e, em breve, dominava o país inteiro. Milhares de pessoas acorriam para ver a cruz que se movia. O povo, ajoelhado, fazia suas orações e pedia perdão a Deus pelos pecados do mundo. Gente doente, cegos, aleijados, paralíticos, desejavam ficar sãos com uma peregrinação até à igrejinha humilde de Cihost.



O govêrno tomou providências para evitar maiores problemas com a imensa aglomeração de tanta gente numa aldeia de cento e poucas casas modestas, sem hotel, sem confôrto para peregrinos que para lá se dirigiam aos milhares. Mas a fé é inquebrantável e o desejo de ver milagres é geral entre os homens de todos os pontos da terra. De todos os recantos do país vinham romeiros, mas era da Boêmia que vinha mais gente.

O padre Josef Toufar e seu sacristão foram presos no dia 23 de janeiro, pois se dizia que o movimento da cruz era feito através de um engenho organizado pelo sacerdote, com o propósito de atrair romeiros para sua freguesia. Segundo uma notícia telegráfica de Praga, pela United Press e publicada na imprensa do Rio, o vigário confessou a astúcia e o povo se tranquilizou...

O DOLAR CONTRA A UNIÃO

SEMPRE escapa à observação do público a luta que se trava nos bastidores da alta política ou da alta administração entre povos, mesmo em se tratando de gente ligada por laços de velha e indissolúvel amizade. O Brasil, por exemplo, na defesa de seus interêsses, mantém suas lutas contra o câmbio desfavorável à sua economia ainda instável e desapoiada em fundamentos sólidos. Antigamente estávamos sob o domínio do "mil réis forte", de procedência portuguêsa, dando o nosso país o "mil réis fraco" para adquirir o seu colega "forte", dos bancos de Portugal. Mas tudo isso, forte e fraco, estava sob os desígnios da senhora libra esterlina, a ditadora econômico-financeira do mundo.

Fato que, houve certa época em que fizemos bonito. Nosso mil réis fraquinho esteve acima da própria libra e valia mais do que ela. Isso foi nos últimos tempos de Pedro II. Depois passamos a cair, a cair, cair... até a inconversibilidade em que nos encontramos. Mas nos consolamos, pois que o fenômeno não é apenas dêste país e sim mundial, salvando-se apenas o dólar, o franco suiço e uma ou outra moeda. O resto é como se fôsse cruzeiro. A luta que mantemos é, porém, contínua. Agora mesmo nosso govêrno fincou o pé na questão dos pagamentos de fretes em navios estrangeiros: só se paga em moeda brasileira. Surge aí uma outra questão em tôrno do dólar. Desta vez, porém, o caso, embora sinônimo, não é pròpriamente de moeda e sim de cargo. A 8 de março de 1944, foi prêso um detective e demitido sob coação, de suas funções. E agora o prejudicado move ação contra a União, exigindo sua reintegração no cargo. O juiz julgou procedente a ação e mandou reintegrar o funcionário violentamente demitido. E se chama êle Dolar Walsh. Quem pode negar o direito do Dólar?

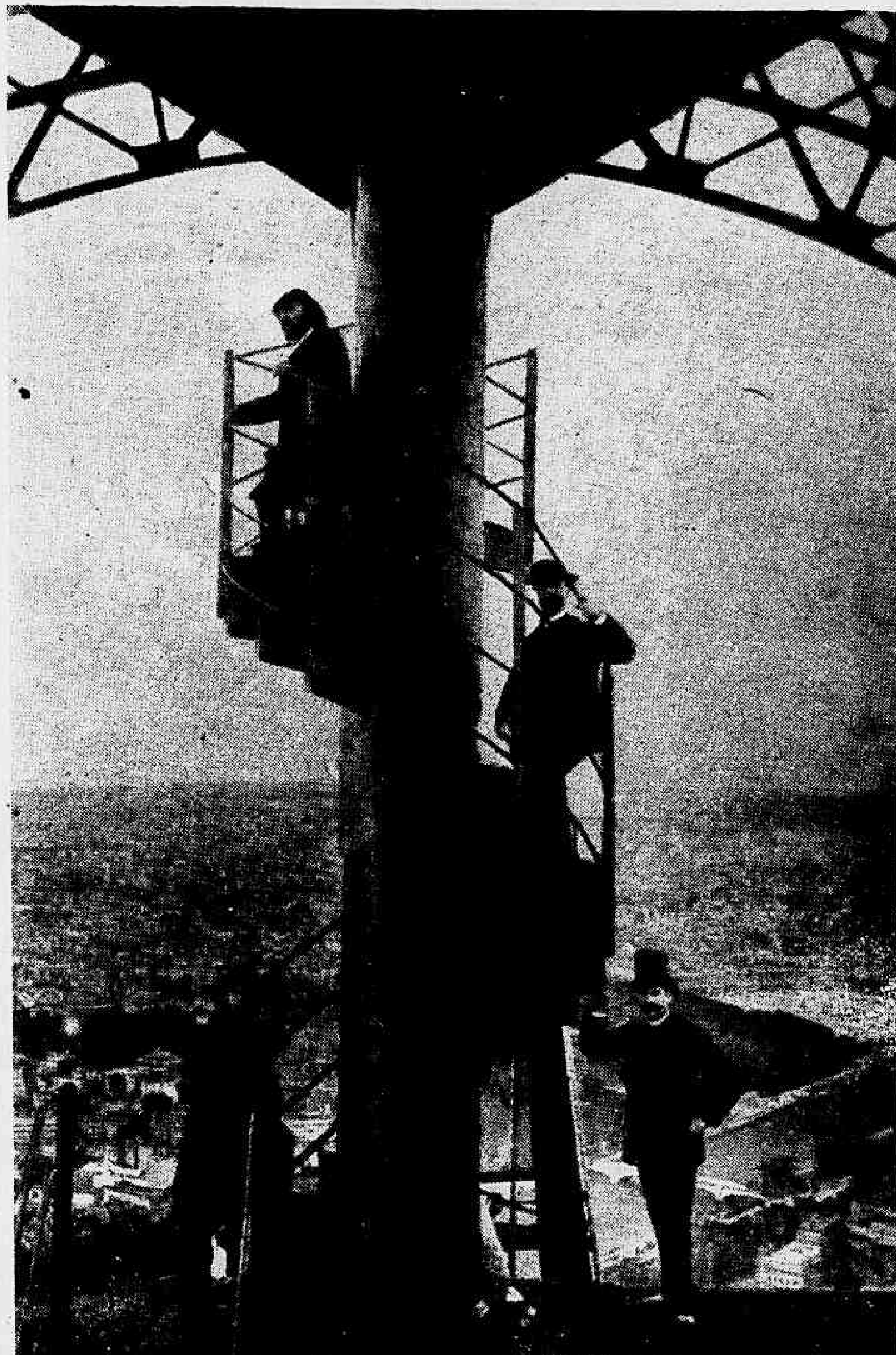
QUANDO O POVO QUER

QUEM tem oportunidade de percorrer o Brasil aí pelo interior, não pode deixar de surpreender-se com êste fenômeno: as estradas de rodagem se apresentam bem conservadas até certo ponto das vizinhanças de cidades importantes ou de vilas sem prestígio. Daí em diante, até chegar-se ao limite do distrito, a estrada é simplesmente horrível.



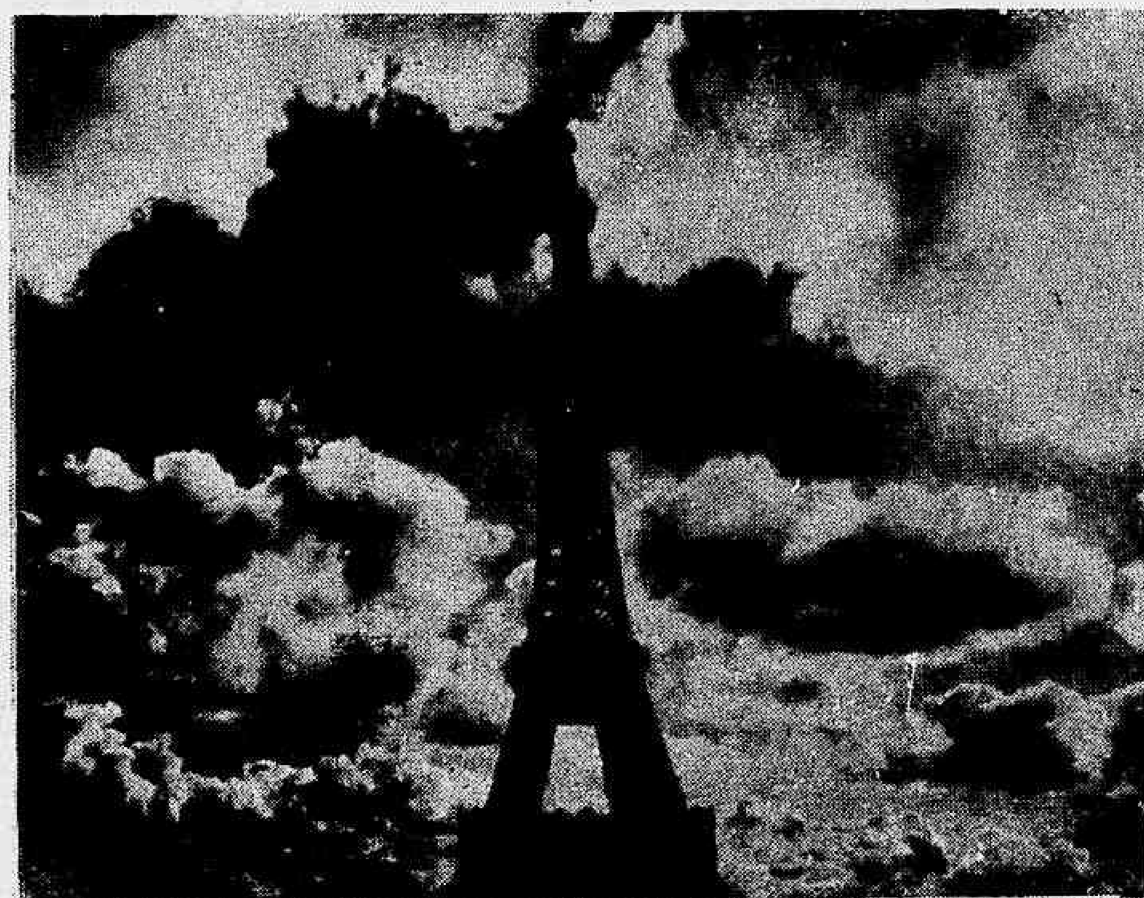
Sem beneficiamento, cheia de buracos, concorre apenas para tirar tôdas as vantagens de uma viagem econômica obtida até ali. Para um exemplo, citamos, ao acaso, a estrada que liga Niterói a Campos. Tome o leitor um auto e observe o que se passa. O veículo corre velozmente em longos trechos; mas ao aproximar-se, por exemplo, de Macaé, começa o leito da rodovia a ficar intransitável. O caso é simples: a conservação da estrada não é tôda a cargo da Inspetoria Federal, e sim também dos municípios por onde a mesma passa. Quando os trabalhadores da Inspetoria Federal chegam aos limites de sua obrigação, param e deixam que o município respectivo tome a si o encargo de prosseguir o trabalho.

Mas sucede que o município não tem recursos para isso. Vive em permanente crise de dinheiro e a estrada vai ficando irreconhecível nas proximidades das sedes municipais. Isso é fenômeno generalizado e pode ser observado em qualquer parte do país. Mas quando o povo quer, a coisa endireita. Veja-se esta notícia que nos chega de Alagoa, em Minas Gerais. Precisando-se de uma estrada que ligasse aquela localidade a Itamonte e como nem o govêrno municipal nem o estadual tomaram providências, o povo se reuniu e formou uma comissão composta do padre e de mais dois alagoenses e entrou em ação: construiu a estrada e vai tratar de conservar as demais...



ANIVERSARIO DA TORRE EIFFEL

Sessenta e um anos de existência firme e histórica vai completar a Tôrre Eiffel, neste mês de abril. Foi no quarto mês do ano de 1889 que Paris assistiu à inauguração do famoso monumento e grandes eram os festejos então presenciados pela população da Cidade-Luz. Aqui está, na gravura superior, uma reminiscência dêsse episódio, vendo-se M. Eiffel subindo solenemente os degraus da tôrre, ao ser dada por inaugurada, na companhia de seus colaboradores imediatos. Embaixo, flagrante sugestivo da Tôrre Eiffel, ponto de referência da Paris destas seis últimas décadas. E desde abril de 1889 — sete meses antes de ser proclamada no Brasil a República — milhões de sêres humanos têm se deslumbrado com o monumental panorama descortinado lá do alto, de onde se pode falar, pelo telefone, para todo o mundo...



GLORIOSO PASSADO



UM dos mais famosos navios do mundo — diz para nossa imprensa um telegrama da B.N.S. de Londres — o transatlântico inglês "Aquitania", fêz sua última viagem no domingo, dia 19 de fevereiro dêste ano de 1950, quando zarpou de Southampton com destino a Firth of Clyde, a fim de ser desmontado. A companhia de navegação "Cunard White Star" resolvera, desde dezembro último, retirar do serviço ativo a veterana unidade. Sua última viagem à Escócia assinalará o têrmo de excepcional carreira que teve início trinta anos passados.

O "Aquitania" foi lançado ao mar em 1914, pouco antes da deflagração da primeira grande guerra. Logo após sua triunfante viagem inaugural da Inglaterra aos Estados Unidos, foi que entrou em serviço ativo como cruzador armado. Canhões e equipamento militar substituíram as luxuosas instalações que lhe haviam dado fama mundial. Todo o seu luxo e confôrto foi sacrificado em favor das atividades bélicas.

Custou o "Aquitania" mais de dois milhões de libras; mas um navio do seu tamanho e com o mesmo luxo custaria hoje três ou quatro vêzes mais. O transatlântico ficou conhecido como o navio dos milionários e alcançou a culminância de seu renome mundial durante o tempo da última grande guerra. Era então considerado o mais luxuoso navio existente e o favorito de todos os passageiros americanos importantes. Em várias viagens os nomes contidos nas listas de passageiros representavam interêsses avaliados em cêrca de 400 milhões de libras. Sua fôlha de serviços na paz e na guerra não encontra paralelos em nenhum outro navio de sua classe. Mais de meio milhão de expedicionários levou êle de um a outro continente, e, por fim, 22 mil colonos da Inglaterra ao Canadá.

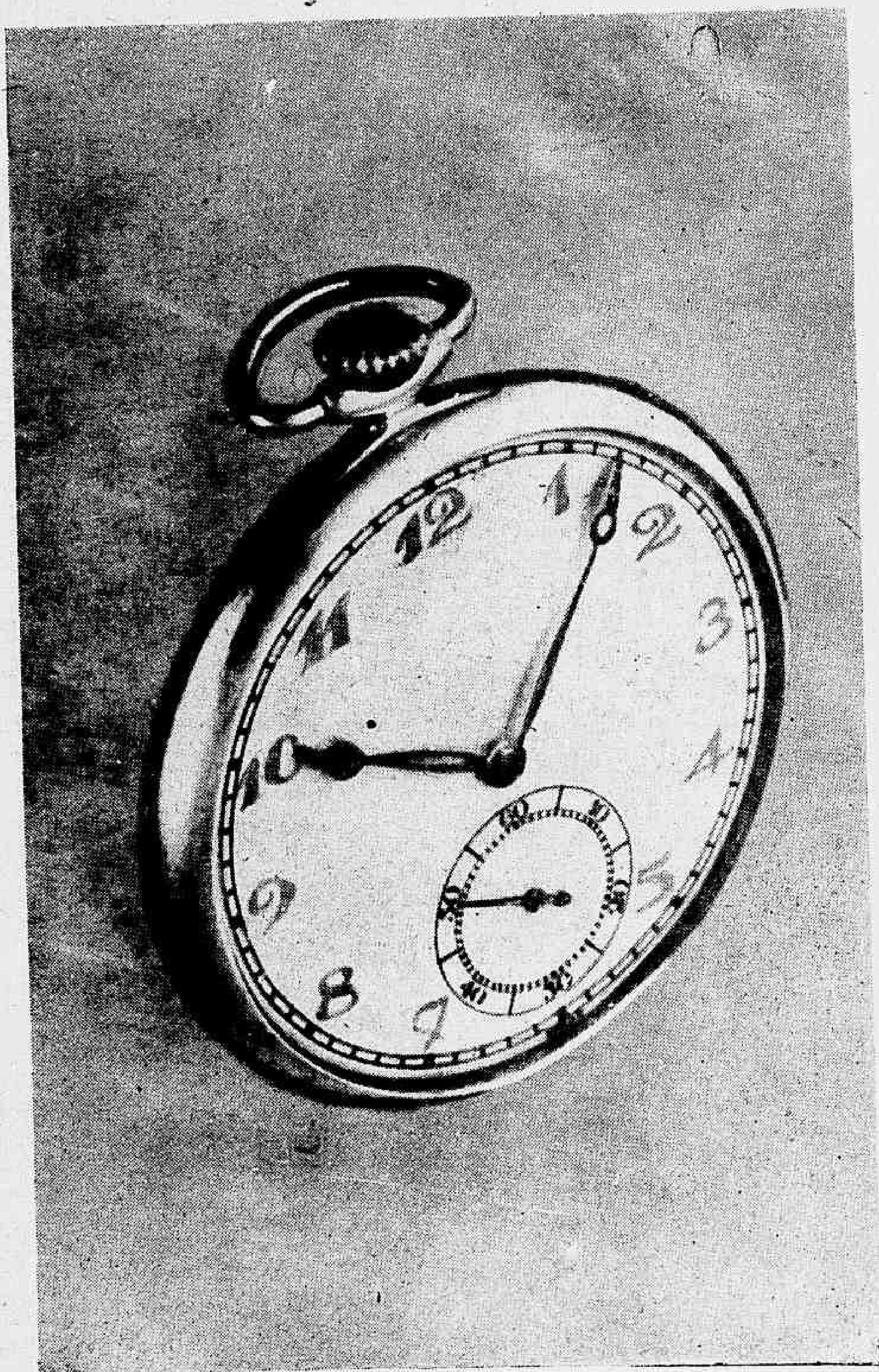
ESTA E' A MAIOR



NÃO sabemos se o leitor viu uma notícia bastante curiosa saída em nossos jornais faz uns quinze dias. O prefeito de Nova York, em combinação com o dr. Howell, meteorologista, está executando o seguinte programa: custear sondagens na atmosfera, em aeroplanos, com o fim de descobrir meios científicos de provocar chuvas.

Agora surge a última parte do drama da sêca em Nova York e outras zonas daquele país. O advogado Albert P. Blaustein publica na Revista de Direito de Nova York um artigo estudando os aspectos legais da provocação artificial de chuva. Também deu entrevistas o causídico, mostrando que, com essa história de provocar-se chuva, era indispensável a criação imediata de uma Comissão Internacional de Nuvens, precisando-se ainda regular em leis especiais o direito de mandar chuva sempre que se deseje... Entrando imediatamente em maiores detalhes, o dr. Blaustein acha que a Comissão autorizaria os municípios a provocar chuvas quando se fizesse necessário e impediria que os fabricantes de guarda-chuvas e de capas impermeáveis as provocassem com fins comerciais. O assunto vem sendo discutido em larga escala, por advogados e engenheiros. Alguns juristas dizem que a cidade de Nova York pode ser levada aos tribunais pelo roubo de nuvens e alteração da ordem por meio de trovões.

Não resta dúvida, leitor, esta é a maior. Uma Comissão Interestadual de Nuvens, um Código de Fornecimento de Chuvas, uma Polícia Especial para as Nuvens, um Tribunal também Especial para tratar dessas questões de manda-chuva em horas impróprias, — tudo isso até parece coisa de Júlio Verne. Anda tudo no mundo da lua...



O RELÓGIO MAIS LEVE DO MUNDO

Quando um magnata da indústria do alumínio dos Estados Unidos esteve em Genebra, o ano passado, visitando uma fábrica de relógios e procurando embaraçar o diretor daquele estabelecimento, perguntou se seria possível fazer inteiramente em alumínio um relógio que viria a ser o mais leve do mundo. A resposta foi incisiva: "Naturalmente...". Meses depois era concluído um relógio de bolso pesando menos de vinte gramas, tornando possível fazê-lo flutuar na água. Seu preço varia entre 18 a 20 mil cruzeiros. Apesar dêsse pêso ínfimo, possui tôdas as qualidades e caracteres típicos da famosa indústria suiça. Possui um movimento de âncora de rubis, que pesa tanto quanto 17 cigarros comuns ou 5 tabletes de goma de mascar. Mais de duzentos dêsses tipos de relógio foram trabalhados para diretores de companhias de alumínio no Canadá, nos Estados Unidos e em outros países. Mas a fábrica espera, dentro de um ano, poder distribuí-los em quantidade, para qualquer mercado consumidor, desafiando a supremacia dos relógios de pulso.

DISCOS VOADORES

EM vários pontos da América estão surgindo corpos celestes de forma estranha, a que já deram o nome geral de discos voadores. Houve mesmo quem garantisse que se tratava de aparelhos voláteis vindos de Marte, tripulados por uns anõezinhos de 75 centímetros de altura e com uma cabeça enorme, descomunal.

Um dêsses aparelhos foi visto arrebentar-se de encontro ao solo lá no México e o pilôto pigmeu morto no acidente. O caso se parece até com aquela história do mundo dos liliputianos. Quem sabe se êles agora não vêm vingar-se da gente? Mas essa história anda muito mal contada e é mais fruto da excitação popular das masas impressionáveis com boatos de quem não tem muito que fazer para ganhar a vida.

Nos Estados Unidos, no México, no Chile, Bolívia e agora na Paraíba, estão vendo dêsses corpos celestes. Uns dizem que se trata de um aparelho voador com anéis concêntricos, voando a altura que regula entre 75 a 150 metros e em velocidade que vai de 150 a 1.000 quilômetros... Asseveram outros que não é mesmo disco e sim sanduiche-voadores, e, por fim, já se fala em salsichas... No México o caso já deu até prisão e expulsão das fôrças aéreas nacionais. E' que alguns militares da aeronáutica disseram que viram os discos e que levantaram vôo em perseguição aos mesmos.

Nada adiantaram com essa perseguição, porque os discos são ligeiros como o pensamento. O Ministro do Ar daquele país amigo indignou-se com a declaração dos seus subordinados e vai puni-los severamente. Prisão e expulsão das fileiras. Agora, em Tambaú, praia das vizinhanças de João Pessoa, muita gente viu alguns discos em velocidade na direção do oeste. Rumo ao oeste, é o programa dêsses que surgem no Brasil. Quem sabe se não vão plantar batatas?

O NOVO LEÃO

JARDIM zoológico sem leão é o mesmo que carrocel sem música, mafuá sem roda gigante e cidade sem campo de futebol. Quando a meninada vai ao nosso zoo, pergunta logo aos pais ou maiores que a levam para ver os bichos: "O leão é grande? Êle dá urro?".

Se se diz que não há leão nenhum, a criançada fica triste. Menino é bicho danado para ter imaginação efervescente e ativa. Historietas sem muita aventura, perigos, cobras enormes, leões ferozes, não servem. Assim também o jardim zoológico. Tem que mostrar leões medonhos, ferozes, uivando assustadoramente, com as jubas frocadas, as patas ameaçadoras... Recentemente morreu o velhíssimo leão do nosso zoológico. Era um leão desiludido, modorrento, de juba desfeita pelos parasitos ou pelos anos de sofrimento. Era um leão que, ao olhar-nos pelas grades da jaula, parecia dizer com os olhos: "Ora, vão amolar os macacos!". O prefeito do Rio, desde que assumiu a direção da Municipalidade, decidiu dotar o nosso zoo de melhoramentos como jamais víramos em terras cariocas. E tem cumprido seu programa; sucede, porém, que os animais raros e de grande



porte não se encontram fàcilmente e numa viagem de ida e volta de trem. Terão que vir de longes plagas, atravessando mares e desertos. Quando ficou o zoológico da Quinta da Boa Vista desfalcado de leões, o prefeito tratou de adquirir outros exemplares. Acabam de chegar. Sua Majestade o Leão II e Sua Majestade a Leoa.

Mas, ao contrário do que atestaram os vendedores, o Rei dos Animais ferozes está atacado de "artrite femuro-tíbio-rotuliana crônica, tumefação articular, atrofia da garupa, hipertrofia do trocânter"! E o leão vai ser aposentado com todos os vencimentos!

FALANDO COM A MORTE



NINGUÉM quer saber de morrer e quando a parca se aproxima todo mundo fica arrepiado, o alarma é geral, chora a família, lacrimejam os amigos, é um fim de mundo.

Mas há muitos estóicos que enfrentam a morte com um sangue frio próprio dos espartanos. O caso do dr. Edward F. Higdon, de 75 anos, médico em S. José, Estados Unidos, é o mais sensacional dêstes últimos anos. Atacado de uma moléstia cujo nome é "mysathemia gravis", para a qual não houve cura, o médico enfêrmo resolveu encarar a morte e conversar diàriamente com ela como se fôssem dois amigos de há muitos anos.

Chamou sua secretária e começou a ditar-lhe um diário em cujas páginas está contada, com minúcias, todo o curso da doença até aos dias atuais. A vontade do dr. Higdon é poder oferecer à ciência uma contribuição de elevado valor médico, historiando todo o desenvolvimento da doença a qual, está certo, o levará à sepultura mais dias, menos dias. E' um "Diário da Morte" o que êle dita à sua auxiliar. E não o faz com acentos lúgubres na voz nem com lágrimas nos olhos, como certos condenados à punição capital. Êle conversa com a morte na maior cordialidade e sensatez. Está tranquilo e conformado com a sorte que Deus lhe deu. Êle mesmo está representando dois papéis. O primeiro é o de cobaia humana, e o segundo de médico assistente de si mesmo. Através de seu "Diário", mostrará aos seus colegas, aos Institutos de Pesquisas Médicas, às Universidades, etc., tudo o que disser respeito à tal "mysathemia gravis", sua etiologia, seu desenvolvimento, sintomas e medicação. Êsse dr. Edward F. Higdon é um herói e mártir da Ciência. Merece uma estátua.

SURPRÊSA A BORDO



O govêrno de S. M. Britânica mandou um navio ao Ártico, terra de gelos e de sóis da meia-noite, auroras boreais e ursos brancos namoradores de focas balzaqueanas. O navio se chama "True Love", ou seja, "Verdadeiro Amor", e se largou para o Oceano Ártico onde os cientistas que o ocupavam entraram a fazer experiências sôbre resistências ao clima. Tudo ia o secretário da expedição anotando no livro de bordo, de maneira que, no final, se pudesse elaborar um relatório completo. A expedição era científica e, embora o navio tivesse um nome bastante romântico, não se poderia modificar o ritmo do trabalho com coisinhas sentimentais próprias dos corações fracos e sensíveis ao amor. Todos trabalhavam no duro, sem tempo para sonhos e suspiros lânguidos. O ambiente era branco como um véu de noiva e o céu de puríssimo azul como os olhos de muitas "girls" da Inglaterra. Mas a disciplina era rigorosa e sòmente o trabalho árduo que a ciência exigia de todos era possível realizar.

Então sucedeu uma coisa surpreendente. Um belo dia, ao apresentar o secretário da expedição o seu boletim de navegação e acontecimentos, destinado ao Almirantado, o comandante leu esta nota esquisita: "Tesh pôs um ôvo". E lá estava a data: "Campo da Expedição, Oceano Ártico, 17 de março". — Tesh pôs um ôvo! — murmurou o comandante franzindo as sobrancelhas e tirando uma baforada do cachimbo. Quem seria Tesh? Seria que, sob as influências de tanto gêlo, algum marujo houvesse... Mas, não! Isso não era possível! E o velho lobo do mar estava nessa suspeição, quando lhe vieram trazer a canária. Tesh era ela. Pusera um ôvo, para alegria do canário! E acrescentaram: "Prova de que reina excelente moral no acampamento".



NAS VÉSPERAS DA BOMBA "H"

Dizem telegramas norte-americanos que dentro de poucas semanas será feita a primeira deflagração de uma bomba de hidrogênio. Cientistas ilustres profetizam consequências desastradas para todo o mundo, enquanto outros, mais otimístas, reconhecem que tudo não passará de um passo adiante na fortificação bélica dos Estados Unidos para o que der e vier. Aqui está um flagrante histórico — a explosão de uma bomba atômica — mas que perderá todo o seu prestígio — proclamam — quando vier a sua continuadora mais poderosa. Um novo sol ilumina o horizonte, mesmo noite fechada. O que não acontecerá quando a bomba "H" fôr experimentada, em futuro tão próximo? Que maravilhosos instantâneos as câmeras de filmar e fotografar terão então fixado? E que fase nova estará então rasgada para os destinos do homem? Isso é outra história, a qual só depois do milagre consumado poderá ser contada. Somos, por enquanto, meros espectadores. E nesse meio-tempo nos divertimos com os discos-voadores (existirão mesmo?) que meio-mundo afirma estar vendo aqui, ali, acolá, mas cujo mistério ninguém ainda logrou esclarecer.

INJEÇÕES CONTRA O ALCOOLISMO

UMA das maiores desgraças do mundo atual é o vício da embriaguês alcoólica, pois que a outra, a embriaguês amorosa não é tanto prejudicial, salvo quando leva os inoculados ao suicídio.

Não é de hoje que os sábios, curiosos e cientistas, médicos, químicos e curandeiros, procuram um remédio para deter a marcha dos alcoólatras. Tudo em vão. A humanidade cada vez mais se entrega ao lenitivo da bebedeira, uns para esquecer as mágoas, outros para abrir o apetite e comer mais e, ainda uns tantos por cento, porque precisam combater o frio... ou o calor. Enquanto os laboratórios buscam o remédio a tanto mal, mais fábricas de cachaça, uísque, gim se constroem e mais tavernas e bares se inauguram. Diante disso, a luta é desigual e o povo consumidor é quem sofre. Mas, ao que diz um telegrama de Paris, os bebedores de álcool vão ser salvos do vício e reintegrar-se na normalidade social. Já não precisarão mais beber para combater o frio ou o calor. Enfrentarão tôdas essas coisas em estado normal, como qualquer cidadão anti-alcoólico. Um jovem médico francês, dr. Gammard, acaba de descobrir um medicamento que é um tiro atômico na bebedeira dos inveterados, mesmo aquêles que bebem por hereditariedade... O clínico convocou uma conferência e, diante de sumidades médicas da França e de um ex-ministro da Saúde Pública do país, discorreu sôbre sua descoberta e apresentou vários testemunhos de cura radical do alcoolismo renitente. Em plena conferência o médico fêz experiências com alcoólatras, e todos êles saíram da sala sentindo o maior horror à caninha...

Se o medicamento de Gammard vier ao Brasil, vai causar crise maior do que a da Loteria Federal... com protestos dos "paus-d'água".





Copacabana

GASTÃO CRULS escreveu "Aparência do Rio de Janeiro" de um modo tão interessante que até se pessoa a gostar de uma porção de coisas que se aprendeu, por obrigação, na História do Brasil: invasão dos franceses, Martim Afonso de Souza, combate dos tamoios... O livro vai acompanhando o desenvolvimento do Rio com o carinho que se cultiva uma planta de estimação. E vamos percorrendo com Gastão Cruls aquelas ruas estreitas, com nome de coisas, que depois foram passando para nome de gente: rua da Vala, beco do Peixe, ladeira do Cotovelo. Chegamos assim até Copacabana, uma quase-ilha, desquitada da cidade, sem túnel, nem nada. "Deve ter sido antes de 1746 que se levantou a igreja, mais tarde conhecida por Igrejinha, ao fim de Copacabana". O primeiro túnel, pulmão de Copacabana para o progresso, foi no fim do século passado. Depois veio o outro, pela madrugada dêste século. E a praia-menina, de cajueiros e pitangueiras, foi ficando mocinha, foi virando mulher. Hoje é uma garota bonita, sadia, moderna. Um tanto sofisticada, esconde o mais que pode uns restos de casas pequeninas, com um jardinzinho ao lado, asfixiando com estacas de cimento armado êsses saudosismos de Rio antigo. Independente do resto da cidade, tem sua vida própria, seu figurino próprio, até sua própria côr. Já ouvi alguém dizer que a mulher de Copacabana é a que melhor se veste e melhor se despe, em nossa terra. Comparados a Copacabana, todos os outros bairros do Rio são tristes e encardidos. Ela parece sempre de vestido novo, em tecnicolor, com seus prédios mais claros e suas louras mais morenas. Todo mundo é mais feliz, em Copacabana. Até o pobre é menos pobre porque é dono da praia. E' a Shangri-la brasileira, onde as mulheres não envelhecem. Quando se espicham na areia, num "maillot" racionado como uma cambial, sentem-se indeterminadamente jovens: porque o sol não despreza nenhuma delas e aquece-as tôdas no mesmo abraço de fogo, antes de entregá-las ao mar. Se Copacabana é o bairro mais feminino do Rio, a mulher de Copacabana é a mais carioca das cariocas...

A carioca é uma mistura
De "rouge", pimenta e graça,
Num tiquinho de "maillot".
Não sei se é santa ou se é pura.
Só sei que quando ela passa,
A própria vida passou!

ALVARO ARMANDO





NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

São Paulo é logo ali... (Celestino Silveira) 3/7
Beba mais água (João Alvarenga) 20/22
S. M. — o Trigo (Nicolau Mendes) 25/27
Tipos que subiram o morro (Armando Pacheco) 33/35
História do "Folies-Bergère" (Jean Michel) 51/53

ATUALIDADES

Dois grandes acontecimentos em Londres 10/11
Um máximo de sensação c/um mínimo de roupas 29/31
A Duquesa Maria Michi .. 54

LITERATURA

O velho de Itapoã (Martiana) 24
Bonde Errado (Eduardo Grota Carretero) 32
Semana Literária (Edmundo Lys) 48/49
Copacabana (Álvaro Armando) 58

HUMORISMO

Côres (Nicodemus) 23
7 Dias em Revista (Théo) . 28
Bom-Humor 36

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana .. 8
Puxe pelo cérebro 9
Cine-Rádio-Teatro (C. L.) . 12
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 44
Música (R. Lyra Filho) .. 47
Tudo isto aconteceu 55/57

FEMININAS

Sapatos de couro 37
Reuniões Elegantes 38
Para cabelos curtos 39
Primeiros modelos de outono 40
Costumes para a nova estação 41
Week-End na Cozinha ... 42/43

FOLHETIM

Marion não quer casar 50

CINEMA

Mulheres atômicas 13/16

RÁDIO

Do Canadá para a Rádio Globo (Fernando Jacques) 17/19

★

FOTOS: Arnaldo Vieira
João Alvarenga
News Press
Avulsas.

★

ILUSTRAÇÃO: Oswaldo da Cunha

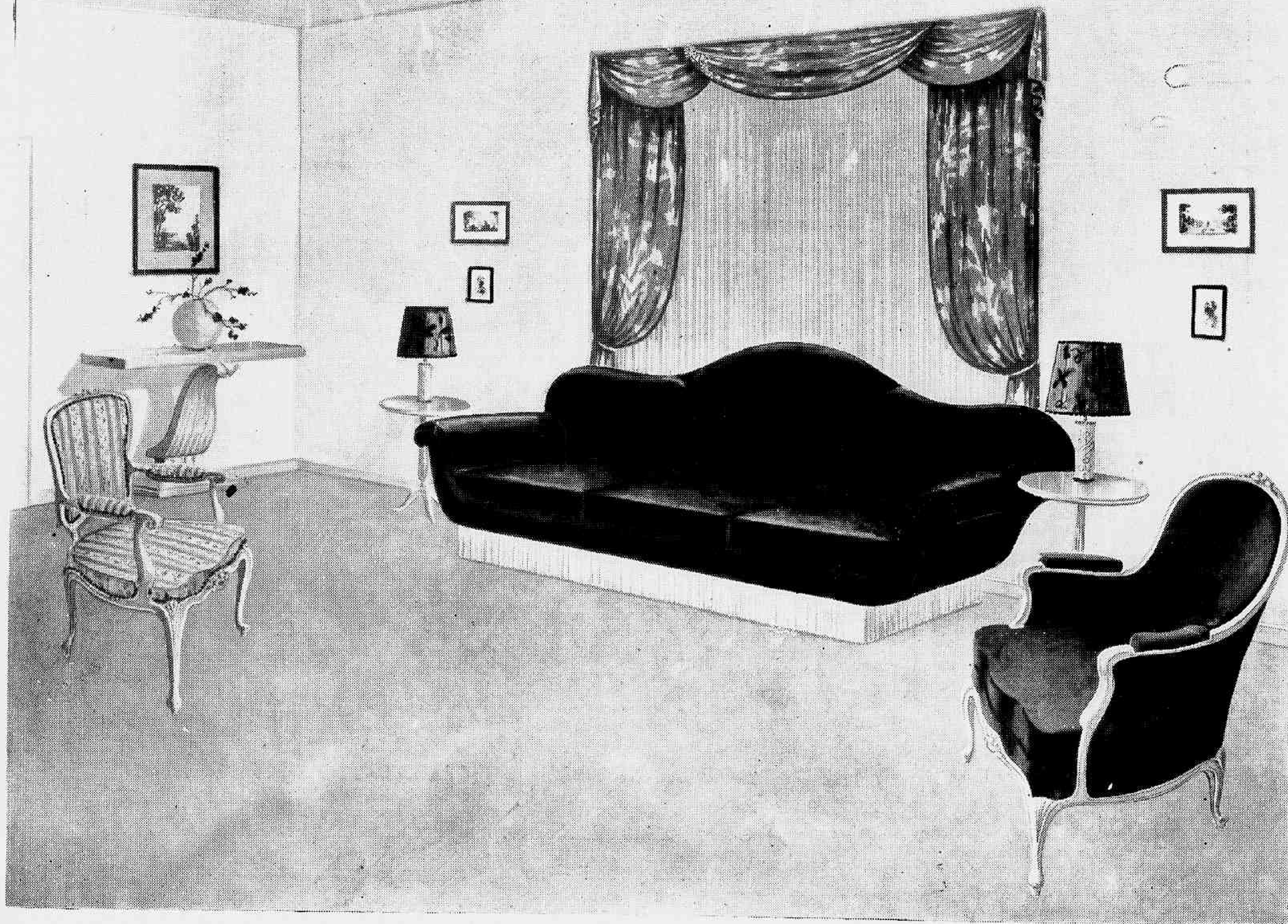
★

NA CAPA:
Patricia Medina
(Universal-International)

Puxe pelo cérebro

RESPOSTAS AO TESTE

1 — Ciência dos mitos.
2 — José de Anchieta.
3 — Estado do Rio (S. João de Itaboraí).
4 — Ouro Prêto, Minas Gerais.
5 — Decreto de libertação dos escravos.
6 — Pedro Labatut (francês).
7 — Na Itália.
8 — Gaspar da Silveira Martins, então Ministro da Fazenda, 1878, a quem se deve a divisão do bilhete inteiro em décimos, etc.
9 — Primeiros sintomas de uma doença.
10 — As muralhas da China.
11 — Miologia.
12 — Miriápodos.
13 — Fundador do espiritismo, ou seu codificador.
14 — Hippolyte-Leon Denizard Rivail (Allan-Kardec é pseudônimo).
15 — Cobrança de juros sôbre juros.
16 — Panlerga.
17 — Estudo dos sais.
18 — 46.
19 — Na França.
20 — Ao infante D. Henrique.



Projeto e execução da
CASA NUNES

Mobiliários e Decorações

Orçamentos executados por técnicos-decoradores

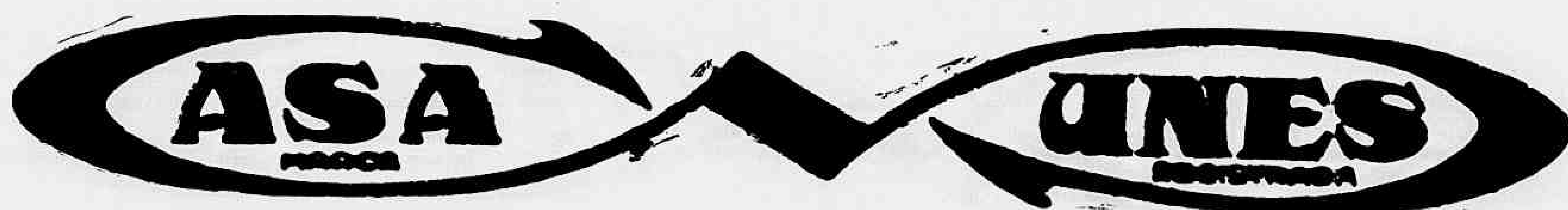
ESPECIALIDADE EM

Grupos Estofados

PARA ENTREGA IMEDIATA

Tapetes e Passadeiras

de todo o mundo fabricados especialmente para a



65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A boite do Hotel Excelsior, animada pela magnifica orquestra de Zacharias, é um dos mais elegantes centros de reunião da sociedade paulista.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Chegou a hora do *show*... mas, para apreciá-lo melhor, acenda um Hollywood — o cigarro que dá mais realce às horas de lazer e faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial..., resultado dos fumos escolhidos e combinados com acerto, Hollywood é, de há muito, o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

SS.009-11